



ATÉ 2040

PB: projeção de ganhos com saneamento chega a R\$ 25 bi

Estudo aponta melhoria na qualidade de vida, com impactos na saúde, no turismo e na produtividade. *Página 5*



Foto: Leonardo Ariel

Tambaba une naturismo e preservação no Litoral Sul

Situada no município de Conde, praia símbolo do turismo estadual localizada a apenas 30 km da capital, consolidou-se como um dos destinos mais badalados da costa paraibana, reunindo belezas como falésias, águas cristalinas, piscinas naturais e vegetação nativa.

Página 8

Eleitores vão às urnas, hoje, para definir o futuro de Cabedelo

Mais de 53 mil pessoas estão aptas a votar nas eleições suplementares que escolherão prefeito e vice-prefeito. Os eleitos ficarão nos cargos até o fim de 2028.

Página 13

Excesso de reuniões impacta negativamente as empresas

Estudo aponta que profissionais gastam cerca de dois dias úteis, por mês, nesses encontros, interrompendo o andamento de demandas individuais.

Página 17

■ “O jornal *O Norte* morreu sem merecer um túmulo, uma inscrição destinada à memória da cidade. Circulou de 7 de maio de 1908 a 2012, sobrevivendo alguns anos ao centenário”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A missão Artemis II alcançou a maior distância já percorrida por uma nave tripulada fora da Terra. Diante disso, surge um questionamento: qual a utilidade de investir em missões espaciais?”.

Claudio Furtado

Página 19

■ “Discernir entre o que é ‘fato ou fake’ não é algo difícil apenas para quem já cruzou a linha dos 70, 80 anos. Tal tarefa tornou-se um desafio para todos nós, independentemente de idade”.

Angélica Lúcio

Página 26

Paraibanos pedem a presença de Neymar na Copa

O jornal *A União* conversou com populares, profissionais da imprensa e personalidades do futebol estadual sobre a possibilidade de o jogador não ser convocado para o Mundial, que acontece nos Estados Unidos, México e Canadá, de 11 de junho a 19 de julho.

Página 21



Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Crise afeta o universo das *letras*

Após renúncia em massa de votantes da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, por denúncias de abandono institucional e falta de transparência, a instituição, sediada no Rio de Janeiro, entra em colapso e o Brasil deixa de participar de premiações na área.

Página 9



Imagens: Reprodução/FNLJ

Editorial

A saúde anda a pé

A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) comemorou o crescimento do setor automotivo, que, em março, superou as expectativas da entidade, emplacando o melhor índice, desde outubro de 2019, no que diz respeito à produção de veículos. Foram 264,1 mil unidades, entre automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões. No acumulado do ano, a produção somou 634,7 mil unidades.

Com o crescimento ora registrado também na esfera da comercialização, a frota recém-fabricada breve somar-se-á aos mais de 129 milhões de automotores — se incluídos todos os tipos de veículos — que já circulam pelas cidades do país, de acordo com dados do Ministério dos Transportes, relativos a dezembro do ano passado. Vale ressaltar que, do ponto de vista histórico, trata-se da maior quantidade de veículos em movimento.

A indústria e o diversificado comércio associado aos automotivos, é lógico, só faltam mesmo soltar fogos de artifício, cada vez que a produção e a venda de veículos aumentam no país. O faturamento, claro, justifica tamanha celebração. O Governo Federal, por sua vez, também participa das festividades; afinal, se mais carros estão sendo produzidos e comprados, significa dizer, em última análise, que a economia vai bem, obrigado.

A questão que se coloca é: do ponto de vista da qualidade de vida da população brasileira, qual a verdadeira repercussão, nos já alarmantes índices de contaminação, portanto, de saúde pública, dessa enorme e crescente quantidade de veículos em circulação nas ruas e rodovias? Estudos denunciam, por exemplo, o agravamento da poluição do ar, afora congestionamentos, acidentes e colapsos na infraestrutura urbana.

Um estudo de 2023 da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), na área de transporte e mobilidade urbana, intitulado “Análise do impacto da frota de veículos nos municípios brasileiros”, assinala que a grande quantidade de veículos nas cidades contribui para o aumento da sinistralidade, causam forte impacto na infraestrutura viária e agravam os problemas de saúde e de estresse, poluição sonora e ambiental.

Após uma ampla e minuciosa análise do contexto nacional, a CNM defende a adoção de medidas eficazes para o enfrentamento dos desafios da mobilidade urbana no Brasil. Entre ações sugeridas, destacam-se “a promoção de alternativas de transporte público de qualidade, o estímulo ao compartilhamento de veículos e o investimento em infraestrutura viária inteligente, visando proporcionar maior segurança”.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Entre a censura e a semântica

A notícia de que a cineasta Tizuka Yamasaki levaria às telas a história do livro *Anayde Beiriz – Paixão e Morte na Revolução de 30*, de autoria do paraibano José Joffily, provocou uma onda de protestos na Paraíba. A reação não se deu pelo tema explorado, mas pelo título escolhido: “Parahyba Mulher Macho”. Havia o entendimento de que a expressão era ofensiva às paraibanas, conferindo-lhes um sentido pejorativo que insinuava um padrão de comportamento distante da feminilidade característica da mulher do nosso estado.

Em julho de 1981, o presidente do Conselho Estadual de Cultura, Hígino Brito, endereçou uma correspondência ao escritor Luiz Augusto Crispim, então presidente da PBTur (órgão responsável pelo turismo na Paraíba), manifestando a posição unânime dos conselheiros contra o título. Na carta, ele declarava:

“Não sei de quem foi a lembrança para o batismo do filme. Sei apenas que o título é lamentável, de rara infelicidade e de integral mau gosto. Projetará uma imagem negativa da mulher paraibana e do próprio estado”.

O presidente da PBTur corroborou o sentimento de contrariedade e pronunciou-se publicamente:

“Não é nossa intenção vender a imagem da Paraíba à base de bizarras. Recusamos o modo grotesco proposto para o filme, como já recusamos a formação da imagem turística do estado baseada na matança das baleias. Não contendo a importância histórica de Anayde Beiriz, retratada no livro de José Joffily. O que se contesta é a forma grosseira como Tizuka intitulou a obra, gerando unanimidade entre os paraibanos contra tamanha apelação. Pois, até do ponto de vista das minorias sexuais, a expressão parece pejorativa”.

O então governador Tarcísio Burity, também incomodado, proibiu que fossem rodadas cenas da posse e do funeral do presidente João Pessoa no Palácio da Redenção e na Praça João Pessoa. Diante do veto, a cineasta utilizou como cenários a Praça da República e o Palácio Campo

das Princesas, em Recife.

Entretanto, os protestos não surtiram efeito. O filme foi lançado em 1983 com o título original e alcançou um estrondoso sucesso.

A expressão “Paraíba Mulher Macho” originou-se de uma canção de Humberto Teixeira, composta para homenagear o estado por sua participação corajosa no movimento que transformou a história da nação. Infelizmente, devido ao preconceito persistente contra o nordestino, a expressão ganhou uma conotação depreciativa. Na época, os opositores ao título temiam que essa interpretação insultuosa à graça e à beleza das paraibanas fosse reavivada, uma reação que, possivelmente, não ocorreria com a mesma intensidade nos dias de hoje.

A conotação machista atribuída à canção foi se dissipando ao longo dos anos, à medida que o contexto histórico foi compreendido. O professor João Trindade explica:

“Em momento algum, o autor da música se refere à mulher paraibana, mas à Paraíba. Na realidade, a letra não trata de sexo (homem/mulher), mas de gênero gramatical. Portanto, é uma interpretação errônea associar a expressão ‘mulher macho’ a uma suposta masculinidade da mulher paraibana”.

“

A expressão ‘Paraíba Mulher Macho’ originou-se de uma canção de Humberto Teixeira

Foto Legenda

João Pedrosa



Diversidade em preto e branco

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Martinho e o que ele lembra

O jornal *O Norte*, lembrança primeira do meu livro *Café Alvear*, morreu sem merecer um túmulo, uma inscrição destinada à memória da cidade. Circulou de 7 de maio de 1908 a 2012, sobrevivendo alguns anos ao centenário.

Recordo genuflexo o empenho de Goreth Zenaide, uma das suas últimas fortalezas, para tentar reanimar o que restava do jornal na comemoração do seu centenário. Trabalho perdido.

Meses depois, eu e Martinho Moreira Franco, juntos, recostados de pé ao gradil do jornal, deixamos de entrar ao ver a chegada atemorizante do comando “associado”, chefiado pelo superintendente de Brasília — um estranho aos valores da Paraíba — para decretar o fechamento do mais duradouro jornal particular da Paraíba, nascido das mãos de Órris e Oscar Soares, personagens históricos da nossa cultura, e renovado em 1949 como jornal da campanha a governador de José Américo.

Quatro anos depois, com o aval de José Américo, o jornal foi incorporado por Assis Chateaubriand à rede Associada, a partir de quando arregimentou a seleção do meu testemunho e aprendizado com Geraldo Sobral, José Souto, Evandro Nóbrega, Juarez Felix, Carlos Romero, Hélio Zenaide, seguidos, anos depois, de Nathanael Alves, João Manuel de Carvalho, Luiz Augusto Crispim, Luiz Martinho Moreira Franco, todos de vocações acesas para um jornalismo que não invejava o praticado pela grande imprensa.

Fizemos escola antes de a universidade nos ensinar, o corpo docente arrecadado dentre os nossos valores. Foi a fase decorrida ainda na Duque de Caxias, assimilada na investigação atenta e invejosa dos padrões que o *Jornal do Brasil* e a *Folha de S. Paulo* ofereciam de graça acrescentados dos seus manuais e Cadernos de Jornalismo. E, a dois passos de nós, tendo como laboratório, fonte da primeira informação, o Ponto de Cem Réis. Depois vem a fase empresarial, numa sede construída sob medida para abrigar o jornal vitorioso. E é nesse passo que vem a óbito, após vinte anos de concorrência e comando de Marco-ne Goes, o embate coletivo com os melhores jornais da terra.

Os estranhos passaram por nós, que mais aderimos e nos imprensamos à parede do ter-

“

Fizemos escola antes de a universidade nos ensinar, o corpo docente arrecadado dentre os nossos valores

raço à sua passagem, e não nos cumprimentaram. Não viram ninguém e muito menos o tesouro que iam fechar entregue ao abandono. E dali nos desligamos como se isto fosse possível. Marcondes Brito, Frutuoso e Genesinho de Sousa também teriam sofrido a mesma sensação.

A rua é larga, a Pedro II, e sobra acostamento para uma paradinha, sempre que passo. Decorridos quase vinte anos, não consigo dissociar essa lembrança de minha legítima família profissional, cívica, solo firme dos meus passos e das minhas convicções, obrigado, quotidianamente, a participar do mundo e do meu núcleo de sustentação. Operários e redatores, eles todos sugerindo uma memória além da crônica que se foi e que se vai com o dia.

Certa vez Rubens Nóbrega até que me animou. Sabendo de minha frustração em busca de um gênero em que a arte é que avigora o tempo, em meio à carona, tocou-me no ombro: “Dá uma vestimenta de ficção e salva teu testemunho”. Ele acabara de fechar e editar o que me aconselhava pendurando num fio bem urdido de ficção o que a crônica não consegue. Adalberto Barreto já havia me riscado as esporas com a mesma advertência: “Faz de João Pedro o teu Spartaco!”.

É como me vem, nestes dias nublados, a lembrança do grande Martinho, que há cinco anos nos deixou, faltando dois meses para os 75 anos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ASA VERDE

Projeto promove educação ambiental em Santa Rita

Ação é uma iniciativa do MPPB em parceria com o IFPB e a gestão municipal

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

Plantar hoje as sementes da sociedade que queremos para o amanhã. Essa é a ideia do projeto Asa Verde, uma iniciativa do Ministério Público da Paraíba (MPPB), em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Santa Rita, e a Prefeitura Municipal de Santa Rita (PMSR). A ação, que teve início no ano passado, leva atividades educativas para crianças e adolescentes, alunos da rede municipal de ensino, sobre a destinação correta dos resíduos, coleta seletiva e reutilização de materiais. Além disso, promove a arborização e o cuidado com o meio ambiente. Ao todo, já foram 10 escolas beneficiadas e mais de 4.700 alunos envolvidos. O projeto também já realizou 256 oficinas de educação ambiental e o plantio de 1.214 árvores nativas e coletou 2,3 toneladas de resíduos que foram encaminhados para reciclagem.

Além disso, as ações de comunicação do Asa Verde promoveram 218 publicações em mídias digitais e 21 inserções em rádio e televisão, divulgando ações do projeto e fortalecendo a mobilização da escola e da comunidade de uma forma geral, em prol do meio ambiente. A ideia é que a escola, reconhecida como um espaço de construção de conhecimento, possa estimular uma mudança em toda a sociedade local, sendo as crianças e adolescentes os multiplicadores desses aprendizados e hábitos de responsabilidade para com o território onde vivem. A promotora de justiça de Santa Rita, com atribuições na área criminal e ambiental, Miriam Vasconcelos, conta que a iniciativa já havia sido implementada por ela em outros municípios onde atuou.

“Quando cheguei aqui, em Santa Rita, também procurei os parceiros, que abraçaram a ideia, e, de lá para cá, a gente não parou mais. O projeto aconteceu em 2025 e vamos ter continuidade, com o lançamento da edição 2026 nos próximos dias”, afirma. A promotora conta que a ação com os alunos vem ajudando a levar mais consciência ambiental para as famílias onde estão inseridos. “Eu fiscalizei as ações, e o que pude constatar



Ao todo, já foram 10 escolas beneficiadas e mais de quatro mil alunos envolvidos

é que as pessoas que participaram se apaixonaram pela causa, viraram ativistas ambientais, de não admitir ver um papel no chão. Famílias que agora separam seu lixo porque o filho fez parte do projeto na escola e ensinou aos pais. E eu acredito que isso é um processo sem retorno, que a gente muda a consciência das pessoas pela educação”, ressalta.

ODS e ONU

Ela destaca ainda que o projeto está alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), plano de ação global estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), e que provocou outras ações do MPPB. “Foi expedida uma recomendação para que o município de Santa Rita implementasse políticas públicas e campanhas publicitárias sobre o consumo sustentável. Também conseguimos, no ano passado, não só aqui como em Cruz do Espírito Santo, implementar na grade curricular dos alunos a disciplina Educação Ambiental, e instauramos procedimento ainda para que os dois municípios tivessem pontos de coleta de lixo eletrônico e de óleo de cozinha, que antes não havia”, afirma ela, que explica que em Santa Rita esse processo ainda está em andamento, para efetivação, o que já aconteceu em Cruz do Espírito Santo. “Também cobramos dos dois municípios um plano municipal de arborização e expedimos re-

comendação sobre descartes irregulares da construção civil. Todas essas necessidades foram sendo evidenciadas por causa do Asa Verde”, pontua.

Ações

O professor Inakã Barreto, diretor de Ensino do IFPB – Campus Santa Rita e coordenador-geral do Projeto Asa Verde, explica que, após o MPPB apresentar a proposta, a instituição estruturou as ações. “A gente modelou um projeto com 60 estagiários do IFPB Campus Santa Rita, todos do 3º ano do curso técnico de Meio Ambiente, integrado ao ensino médico. Formamos esses estagiários, demos uma capacitação inicial, além do curso, para eles atuarem como multiplicadores de educação ambiental nas escolas. Então eles foram para 10 escolas, trabalhar com crianças do Fundamental I e II, sob dois pilares: coleta seletiva e arborização”, afirma.

Inakã enfatiza que o grande objetivo do projeto é ajudar a construir uma maior consciência ambiental nas futuras gerações. “Santa Rita tem a capacidade de recolher 100% dos resíduos; porém, disso tudo que ela recolhe, 99,8% vai para o aterro sanitário. Ou seja, não vai para a reciclagem; só 0,02% é reciclado, muito pouco. Então a ideia desse projeto é que seja geracional. Ano após ano, a gente vai formando uma geração de crianças, jovens, que serão futuramente adultos

preocupados com as questões ambientais, sabendo onde é que tem que descartar corretamente o resíduo”, ressalta. O secretário de Meio Ambiente da PMSR, Vital Madruga Filho, conta que a prefeitura investiu cerca de R\$ 130 mil no projeto durante o ano de 2025, custeando as bolsas dos estagiários do IFPB e os materiais necessários para realização das atividades.

Vital também destaca a importância e o impacto da iniciativa para o município: “Além da gente trabalhar com a educação ambiental, fomentando, nas nossas crianças e adolescentes, o dever de responsabilidade com a casa comum, também percebemos impactos com relação ao sistema de coleta seletiva. Foram feitas diversas gincanas, oficinas, onde foram arrecadadas mais de duas toneladas de recicláveis, direcionados à cooperativa, o que gerou renda”, ressalta, citando ainda que a arborização local foi outro benefício, promovendo o plantio de árvores em praças, canteiros e outras áreas. Por sua atuação, o projeto também recebeu premiações, uma delas do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e outra da ONU, como Cidade Árvore do Mundo (Tree City of the World). “Foram reconhecimentos a um projeto exitoso, que vem dando frutos e seguramente trará muitos outros para a cidade”, pontua.

Materiais foram doados a uma cooperativa

Os materiais recicláveis arrecadados durante as gincanas e ações do projeto foram destinados à Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis do Marcos Moura (Coorem), que também atuou na formação dos estagiários do IFPB, multiplicadores dos conhecimentos nas escolas. O gestor ambiental da instituição, Antônio Carlos Macedo de Amarantes, destacou que a ação gerou renda para os cooperados. “A Coorem, após a coleta em cada escola, levou esses materiais para o galpão, segregou, quantificou e co-

mercializou, gerando renda para 26 cooperados e aproximadamente 150 famílias de catadores da região”, pontua ele, que diz que o projeto fortaleceu o trabalho que já vem sendo desenvolvido pela cooperativa há 16 anos. “Através dos adolescentes e da juventude, é possível replicar esse conhecimento, seja em suas residências, com suas famílias, ou na própria escola. E nosso intuito, como cooperativa, seria transformar essas escolas em pontos de coleta, o que iria agregar muito para a comunidade no entorno”, destaca, explicando que

isso foi proposto para a coordenação do projeto.

Mas não só os alunos das escolas municipais tiveram a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e experiências, mas os estagiários do Asa Verde também. Uma delas foi Nycolle Benício, que conta que a oportunidade lhe trouxe novas perspectivas. “Pude perceber que o avanço da nossa sociedade só podia se dar a partir da construção de um pensamento de responsabilidade ambiental, enxergando as crianças e adolescentes como principais agentes dessa cau-

sa. O projeto também me fez trazer à tona tudo o que tinha aprendido teoricamente, só que agora na prática, e, como profissional, tudo isso me fez enxergar desafios de outras formas e saber que é possível superá-los”, ressalta.

Para 2026, o Asa Verde deve manter sua atuação junto às mesmas escolas, alterando apenas uma, com o objetivo de garantir a continuidade das ações e consolidar as práticas que já vêm sendo desenvolvidas, em prol da sustentabilidade e do cuidado com o meio ambiente.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O que não se vê

Há em mim, às vezes, um vício de olhar. Não daquele olhar que busca, que investiga, que se demora nas frestas. Falo do olhar que passa por cima, que varre a superfície e já se dá por satisfeito. É um hábito, uma conveniência. Como o dos moradores de Beszel, a cidade decadente do romance de China Miéville, que aprendem desde crianças a “desver” a cidade vizinha, Ul Quoma, que ocupa o mesmo espaço geográfico, as mesmas ruas, as mesmas esquinas.

Aprendemos a desver. É mais cômodo. No outro dia, no ônibus, vinha eu absorto nos meus privilégios quando o ônibus parou por longos minutos entre uma parada e outra. Olhei ao redor, impaciente. Foi então que a vi: uma mulher sentada no chão, encostada à porta do meio, com os joelhos dobrados contra o peito. Levava consigo todas as suas coisas dentro de sacos plásticos amarrados. Seus olhos estavam fechados, ou talvez apenas cansados demais para encontrar os meus. Atravessei o ônibus com o olhar, como quem desvia o rosto de uma cena que não lhe diz respeito. Desvi. Aprendi a desver.

Em *A cidade e a cidade*, essa separação não é apenas um hábito, mas uma lei feroz. Os habitantes de Beszel e Ul Quoma vivem lado a lado, no mesmo território, mas são proibidos de reconhecer a existência uns dos outros. Ignorar a fronteira invisível — mesmo sem querer, um olhar que se alonga além do permitido — é crime gravíssimo, mais grave, nos diz a história, do que cometer um assassinato. Há um poder secreto, a Brecha, que vigia essa separação com rigor implacável.

E não é assim em nossas cidades? Não criamos nossas próprias Brechas, nossos mecanismos sutis de apagamento? O morador do asfalto que “não vê” a favela encravada no mesmo morro. O pedestre que atravessa a rua para não cruzar com o corpo que dorme na calçada. O olhar que se desvia do catador de recicláveis, da criança que vende bala no semáforo, do migrante que pede ajuda com sotaque estrangeiro. Não vemos porque não nos convém ver. E, não vendo, não somos obrigados a agir. A cidade, então, se parte em duas, em três, em milhares: os que cabem no campo de visão e os que são sistematicamente desvistos.

Miéville, contudo, nos lembra que o que é desvisto não deixa de existir. No romance, o corpo de uma mulher jovem é encontrado em Beszel, e a investigação do inspetor Borlú vai aos poucos revelando que as duas cidades — a que se vê e a que se aprendeu a não ver — estão profundamente entrelaçadas. O crime não respeita a fronteira invisível. A violência não respeita. A dor tampouco.

Há no trecho do livro uma imagem que me persegue: o corpo da mulher assassinada, “numa pose feia, com as pernas tortas, como se estivesse prestes a se levantar”. A pele lisa “não perturbada por nenhum arripio” na manhã fria. Os cabelos que o vento move, mas que não encontram mais reação. É uma cena de invisibilidade extrema: a mulher está ali, morta, mas quantos passaram por ela antes que fosse “vista”? Quantos a desviraram enquanto ainda respirava?

O cronista que há em mim quer perguntar: quantos corpos, quantas vidas inteiras são desvistas todos os dias nas nossas cidades? Quantas pessoas são reduzidas a não-pessoas por um acordo tácito de conveniência? O morador em situação de rua que se torna paisagem, a trabalhadora doméstica que cruza a portaria sem ser notada, o jovem periférico cujo talento ninguém enxerga porque os olhos estão treinados para ver apenas ameaça.

Carol Chiovatto, no texto de orelha do livro, pergunta se a obra de Miéville é fantasia urbana ou “uma descrição precisa da realidade das grandes metrópoles”. A resposta incômoda é que pode ser ambas. Porque a fantasia, muitas vezes, apenas nomeia com clareza aquilo que na realidade opera sem ser dito.

Aprendemos a desver. Mas o que desvimos insiste em existir. Insiste em ocupar o mesmo espaço, respirar o mesmo ar, sangrar nas mesmas calçadas. A mulher do metrô, a menina do semáforo, o homem que dorme sob o viaduto: eles estão ali, mesmo quando os desviamos. E a cidade, essa cidade real que habitamos, é uma só — por mais que nossos olhos, covardes e convenientes, queiram partí-la em duas.

No fim do romance, o inspetor Borlú aprende a ver. É um processo doloroso, que exige coragem e desobediência. Talvez a crônica não possa oferecer mais do que essa pequena provocação: e se tentássemos desaprender? E se, em vez de passar ao largo, nos permitíssemos demorar o olhar? Não é muito. Mas é um começo. Porque, como nos ensina Miéville, o primeiro passo para que algo mude é, simplesmente, não desviar os olhos.

Jailson Galvão

Diretor-presidente da Companhia Paraibana de Gás

“Nós dobramos a quantidade de usuários de gás natural na Paraíba”



Foto: Evandro Pereira

Em entrevista, gestor da PBGás faz um balanço dos avanços alcançados e projeta os próximos passos da empresa

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Mais de 38 mil comércios e imóveis paraibanos estão conectados ao gás natural. A gestão dessa rede, no estado, é função da Companhia Paraibana de Gás (PBGás), que encerrou 2025 com um recorde de 5.130 novas ligações, um crescimento de 50% em relação a 2024, quando se registraram 3.423 unidades. Nos últimos anos, esse compromisso abarcou a participação em obras estratégicas, investimentos em infraestrutura e a expansão da rede de distribuição, a partir de uma perspectiva aliada ao desenvolvimento sustentável. Em entrevista ao jornal **A União**, o diretor-presidente da PBGás, Jailson Galvão, realiza um balanço dos avanços alcançados e projeta os próximos passos da companhia.

Entrevista

■ *Ao fim desses sete anos, qual o legado da sua gestão na PBGás? Que resultados foram mais importantes?*

Esse foi um período desafiador para a PBGás, mas, sob a orientação do [ex-] governador João Azevedo e do [ex-] secretário da pasta de Infraestrutura e Recursos Hídricos, Deusdete Queiroga, a companhia avançou bastante. Para você ter uma referência importante, em 2019 nós tínhamos 19.473 usuários de gás natural no estado. Concluímos agora o ano de 2025 com 38.298. Ou seja, nós dobramos a quantidade de usuários na Paraíba. Isso é uma marca indelével do governo João Azevedo, com foco no desenvolvimento do setor, e eu tive a felicidade de estar na presidência nesse momento. Como não se faz nada sozinho, isso ocorreu juntamente com meus pares diretores — técnicos, comerciais, administrativos, financeiros — e toda a equipe da PBGás. Houve um foco no mercado de varejo, onde a PBGás tem vocação, pela realidade do nosso mercado, para atender os condomínios verticais e horizontais e também bares, restaurantes e hotéis. A gastronomia muito qualificada de João Pessoa e de Campina Grande fez com que déssimos esses passos. Ampliamos, nesse período, cerca de 100 km da malha de gasodutos. Hoje, nós estamos chegando à marca de 420 km da rede de distribuição de gás natural. São números importantes, que firmam um trabalho intenso neste mandato. Um marco significativo desse governo, com a nossa contribuição, foi levar a infraestrutura de gás ao Polo Turístico Cabo Branco. Ao longo da PB-008, você já identifica a sinalização dos gasodutos. Nós vamos disponibilizar esse serviço a todos os hotéis e resorts daquela região. Vamos iniciar com o Acquai Park e o Ocean Palace, que fizeram um grande investimento naquela área e serão clientes da PBGás no uso do gás natural canalizado.

■ *Quais fatores impulsionaram o crescimento no número de clientes, que dobrou no período? O gás natural tornou-se mais acessível ao consumidor paraibano?*

O gás natural é aliado do desenvolvimento sustentável. O nosso ainda é de fontes fósseis, mas a

queima dele é tão completa que praticamente não há emissão de gases do efeito estufa. Por isso que nós dizemos que o gás natural é o combustível da transição. É um combustível menos poluente, que emite menos gases danosos, mas que precisa também de um preço competitivo. A política da PBGás sempre procurou uma competitividade que torna o gás bastante atraente. Foram várias movimentações estratégicas para mantê-lo em um preço competitivo e para construir gasodutos onde está o mercado. A demanda vem por todas as vantagens do gás natural. Esse crescimento ocorre nos segmentos de varejo, residencial e comercial. Nesse setor, além do preço atrativo, não é preciso armazenar o gás; você o consome diretamente, de acordo com a necessidade. Ele também é mais seguro do que qualquer outro. Havendo um eventual vazamento, o gás, por ser mais leve que o ar, se dissipa rápido. E ele é pago após o consumo. Não se compra antecipadamente. A competitividade econômica e a determinação estratégica da companhia promoveram esse crescimento e marcaram a nossa gestão.

■ *Abril marca um ano da entrega do gasoduto João Pessoa-Cabedelo. De que maneira essa obra tem impactado a economia e o desenvolvimento da região?*

Levar o gás até o Porto de Cabedelo representa um marco. Antes, até então, não havia gás naquela área, no município. O Moinho Dias Branco, aquela unidade industrial tão importante instalada no porto, consumia o gás liquefeito de petróleo (GLP), que é um combustível mais oneroso para a indústria. Ao optar pelo gás natural, a empresa consegue ter uma economia de mais de R\$ 1 milhão por ano. Esse gasoduto abre um horizonte de curto, médio e longo prazo. Se a gente for fazer uma comparação, por exemplo, o Porto de Suape, em Pernambuco, conhecido como um grande porto regional, é ligado à rede de gás da companhia estadual de lá para atrair a instalação de indústrias naquela localidade. Da mesma forma, hoje, a Paraíba também oferta o gás natural canalizado ao porto. Ao longo do traçado para chegar até lá, temos vários

condomínios, bairros litorâneos como Intermares, Camboinha, Areia Dourada, com bares e restaurantes que estão sendo ligados ao gás natural canalizado. Isso é um exemplo de que, com a oferta da infraestrutura, a demanda cresce e a ligação com o gás natural vai sendo ampliada.

■ *Por falar na rede de gasodutos, o que explica a expansão dos últimos anos?*

É uma intensificação e uma priorização dos objetivos estratégicos da empresa. Nós implantamos o planejamento estratégico na companhia e o internalizamos para que pudéssemos ter esses objetivos bem definidos. A gente só capta o mercado com a ampliação da rede, que cresceu 28%, e temos que estar sempre expandindo. Mantivemos uma média de cerca de R\$ 12 milhões investidos nisso anualmente, porque uma companhia concessionária de gás canalizado tem como propósito ofertar essa infraestrutura. Isso foi feito e mostra a contribuição da PBGás nesse melhor momento que a Paraíba se encontra, em termos de desenvolvimento. A PBGás é uma empresa estatal de economia mista e o Governo do Estado, como principal acionista, também contribuiu para isso. Em 2022, quando a Gaspetro, empresa da Petrobras, se retirou do setor de distribuição de gás, o Estado, que já tinha 51% de participação, exerceu o direito de preferência e adquiriu mais 24,5% das ações ordinárias. Isso simbolizou a determinação do governo em ver o gás natural canalizado como estratégico para o desenvolvimento. A outra parcela é exatamente 24,5% da Mitsui, outra acionista da empresa que permanece até hoje uma grande parceira do Governo do Estado, com participação em outras companhias de gás do Nordeste e do Brasil.

■ *Recentemente, a termelétrica estadual Epasa saiu como vencedora do Leilão de Reserva de Capacidade (LRCAP) 2026, promovido pelo Governo Federal, e garantiu um contrato para a ampliação de gasodutos na Paraíba até 2028. Qual é a dimensão desse projeto?*

Nós tivemos a felicidade da Epasa encerrar as atividades como uma empresa térmica que usava óleo combustível e se credenciar no leilão para utilizar gás natural canalizado. Esse é o grande diferencial desse novo momento da Epasa no estado da Paraíba. Ela se consolidará no estado, porque obteve uma vitória, em um contrato de 15 anos, para fornecimento de energia elétrica gerada por meio de gás natural, com dois projetos: um de 59 MW e outro, muito maior, com 291 MW. Quando a termelétrica for despachada para o sistema, esses projetos consumirão cerca de 280 mil m³ e 1,5 milhão de m³ de gás por dia, respectivamente. Hoje, a PBGás comercializa 150 mil m³ por dia. Isso mostra o

“

Hoje, nós estamos chegando à marca de 420 km da rede de distribuição de gás natural

impacto positivo dessa nova realidade de fornecimento de gás para o estado da Paraíba. Tudo isso é investimento, é emprego, é geração de renda, é desenvolvimento continuado aqui no estado.

■ *Qual será o papel da PBGás nesse processo?*

O projeto maior, de 291 MW, ocorrerá por meio do consumidor livre. Essa é uma nova figura no nosso mercado: ele não adquire nosso gás, mas usa nosso sistema de distribuição. Já o de porte menor, referente aos 59 MW, será com uma contratação direta com a PBGás. Primeiro, contribuimos para a proposta da Epasa, quando oferecemos uma tarifa competitiva de uso do sistema, e agora ficamos com a incumbência de construir um gasoduto do ponto de entrega da transportadora associada de gás (TAG), que é a empresa de transporte que traz o combustível ao nosso estado, até as instalações da Epasa. Vão ser cerca de 14 km, com diâmetro de 12 pol e uma pressão de operação de 28 kgf/cm² para possibilitar a entrega do gás nesse volume. Esse gasoduto terá a capacidade de fornecer 1,5 milhão de m³ a essa unidade e 280 mil m³ à outra. Somando os dois, serão 1,78 milhões m³ de gás por dia. São números enormes, impactantes, muito significativos. Por isso, comemoramos bastante, ao final do governo João Azevedo, a celebração de um contrato com a Epasa nesse patamar, que é muito positivo para todos os agentes envolvidos nesse empreendimento.

■ *Outra prioridade da PBGás é a sustentabilidade, especialmente com a participação no corredor sustentável com gás natural veicular (GNV). A tendência é que essa infraestrutura seja ampliada na Paraíba?*

Sim. Hoje, a Paraíba já tem postos de combustível a gás, que viabilizam o consumo dos motores pesados, dos motores de caminhões. Cada caminhão consumidor de gás equivale a 50 veículos de pequeno porte. É verdade que há uma tendência nacional de queda de consumo de GNV para veículos pequenos, por vários fatores, principalmente com o mercado de car-

ros elétricos. Mas, por outro lado, há um crescimento em função da entrada dos motores pesados no consumo do gás natural. Esses corredores sustentáveis possibilitam o abastecimento de caminhões tanto ao longo da BR-101 como também da BR-230. Qualquer posto de GNV garante mais 200 km a carros de menor porte e 500 km a caminhões, ou seja, aos motores pesados. Com isso, a gente alcança praticamente frotas de caminhões de todo o estado por meio do gás natural. Isso possui um apelo sustentável muito grande, porque o óleo diesel é bem mais poluente. A partir do momento em que a frota é abastecida a gás, essa emissão cai bastante. A questão ambiental é bem significativa nesse aspecto.

■ *A PBGás adquiriu uma unidade móvel de abastecimento, que transporta e fornece gás natural comprimido (GNC). Essa unidade móvel contribui para levar gás a regiões sem rede? Onde ela é utilizada?*

É uma pequena unidade móvel de gás natural que serve como backup para situações específicas, um item de segurança para o sistema de fornecimento do varejo. No caso de algum impedimento da rede por alguma questão operacional, nós temos agora uma unidade móvel que pode se deslocar e suprir a demanda enquanto determinados serviços são feitos. Isso garante mais confiabilidade aos nossos usuários, em saber que existe essa unidade de prontidão para atuar quando há algum problema, algum incidente, ou uma manutenção programada em determinada área do gasoduto. Ela fortalece a nossa segurança operacional, que já é de um fornecimento muito bom em termos de mais de 99% de atendimento. A falta do gás natural é muito pequena e essa unidade móvel operacional reforça a disponibilidade do gás aos nossos usuários. Ela também pode ser deslocada para apoiar eventos onde nós ainda não temos rede, como ocorreu na abertura do Restaurant Week, no Casacor e outras iniciativas dessa natureza.

■ *Pensando no futuro, quais são os principais desafios da PBGás para os próximos anos?*

De uma forma geral, o principal desafio é continuar crescendo no ritmo com que chegamos até aqui. Mas temos resultados que garantem que nós vamos poder enfrentá-los. As termelétricas da Epasa entrarão em operação em outubro de 2028. A partir desse momento, a PBGás já recebe um incremento de remuneração, por meio da tarifa de uso do sistema de distribuição. Com mais recursos, haverá mais investimentos e uma maior expansão na rede de dutos da companhia. Isso possibilitará, não tenho dúvida, que o próximo governo a ser escolhido pelo povo paraibano aumente a capacidade da PBGás no futuro.

INVESTIMENTOS EM SANEAMENTO

Ganhos podem chegar a R\$ 25 bilhões

Estudo aponta que, a cada R\$ 1 aplicado em tratamento de água e esgoto na PB, obtêm-se R\$ 4,3 em benefícios sociais

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Ampliar o saneamento básico significa muito mais do que investir em redes de água e esgoto: pode representar um salto nas condições de vida e no desempenho econômico do estado nas próximas décadas. É o que aponta o estudo *Benefícios econômicos da expansão do saneamento na Paraíba*, realizado pelo Instituto Trata Brasil em parceria com a Ex Ante Consultoria. De acordo com o levantamento, a universalização dos serviços pode gerar cerca de R\$ 25 bilhões em ganhos socioeconômicos até 2040, com reflexos na saúde, no turismo e na produtividade do paraibano. A matemática evidencia o retorno desse investimento: a cada R\$ 1 aplicado em água tratada e esgoto, obtêm-se R\$ 4,3 em benefícios sociais.

Além das obras de infraestrutura, os resultados do estudo reforçam que investir em saneamento significa, também, reduzir vulnerabilidades históricas que ainda limitam o crescimento econômico e a qualidade de vida da população. Para Luana Pretto, presidente do instituto, trata-se de um vetor indiscutível de desenvolvimento. “Não há desenvolvimento econômico, social ou ambiental sem sa-



Foto: Divulgação/Cagepa

Ampliação do saneamento básico também aumenta a produtividade dos trabalhadores

neamento”, crava, ao destacar que não é possível projetar uma geração futura saudável se não houver acesso ao básico na casa de cada cidadão.

Segundo ela, saneamento não é obra enterrada, mas um ativo estratégico capaz de interromper ciclos de desigualdade que se perpetuam quando parte da população permanece exposta a condições precárias de higiene. “Quando ampliamos o acesso, reduzimos doenças, melhoramos a frequência escolar e

ampliamos as oportunidades de inserção produtiva”, explica Luana.

Matemática

Para além do desenvolvimento humano, o estudo comprova por “A+B” que quem investe em saneamento também tem retorno garantido. Na Paraíba, de acordo com as estimativas do Trata Brasil, a melhoria no acesso à água tratada e ao esgotamento sanitário pode gerar uma economia de, aproximadamente,

R\$ 407 milhões em saúde pública, dentro dos próximos 14 anos. Tudo isso decorreria da redução de doenças respiratórias e infecções causadas pelo contato com água contaminada, além da diminuição de afastamentos do trabalho por enfermidades como diarreia e vômito, associadas à falta de infraestrutura sanitária. Na prática, um trabalhador que vive sempre doente não consegue atingir sua plena capacidade, assim como uma criança nessas condições impede que

a mãe trabalhe fora. “Ou seja, se não há saneamento, criamos uma bola de neve em torno da doença”, observa Luana.

Para a CEO do instituto, esse é um dos efeitos mais imediatos e perceptíveis da universalização. Como referência, apenas em 2024, mais de 4,4 mil paraibanos foram internados por problemas desse tipo, segundo levantamento do Trata Brasil, com base nos dados do DataSUS. “Quando a população adoce mais, as crianças faltam mais à escola, o que compromete a aprendizagem e reduz as chances de alcançar uma renda maior no futuro. Hoje, quem tem acesso ao saneamento recebe, em média, R\$ 2,6 mil, enquanto quem não tem vive com cerca de R\$ 1,3 mil”, compara.

Não à toa, esse efeito “multiplicador” também se dobra na produtividade do paraibano, com potencial incremento de R\$ 11,8 bilhões na renda, à medida que melhores condições de vida ampliam a capacidade de trabalho da população. Já no campo do turismo, o impacto estimado é de cerca de R\$ 1,7 bilhão, impulsionado pela despoluição de praias e rios. Há, ainda, reflexos positivos no mercado imobiliário, com estimativa de R\$ 1,58 bilhão em valorização de imóveis. Quando colocados em perspectiva, esses números

ajudam a dimensionar o peso econômico do saneamento básico para o estado: são R\$ 46 bilhões em benefícios projetados até 2040, frente a cerca de R\$ 20,7 bilhões em despesas necessárias para a expansão dos serviços. Na prática, isso significa que, apesar do esforço financeiro, o saldo ainda é positivo — de quase R\$ 25 bilhões — e os efeitos são duradouros, inclusive no pós-2040.



Foto: Arquivo Pessoal



Quando ampliamos o acesso, reduzimos doenças e melhoramos a frequência escolar

Luana Pretto

Marco legal impõe corrida contra o tempo para atingir universalização

Por trás dessas projeções econômicas, também há uma legislação que passou a direcionar melhor a agenda de investimentos em todo o país. Sancionada em julho de 2020, a Lei Federal nº 14.026 atualizou o Marco Legal do Saneamento ao estabelecer metas mais objetivas para o tema, criando uma espécie de “contagem regressiva” para estados e municípios. Na prática, a lei fixou como horizonte o atendimento de 99% da população com água potável e de 90% com coleta e tratamento de esgotos até 31 de dezembro de 2033, com possibilidade de prorrogação até 2040.

Na avaliação de Cláudia Coutinho Nóbrega, presidente da seção Paraíba da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes-PB), o marco regulatório tem o mérito de organizar esse processo ao reforçar que a expansão depende de planejamento estruturado e metas consistentes. Ainda assim, ela observa que, para que a legislação produza os efeitos esperados, é preciso fiscalizar. “Muitos legisladores do mundo todo dizem que o Brasil tem uma das melhores legislações relacionadas a saneamento e meio ambiente. Mas não adianta ter lei e não cumprir. Precisamos fiscalizar”, complementa.

Para ela, esse acompa-

nhamento é imprescindível para que a universalização do saneamento realmente saia do papel e não vire um “objetivo utópico”, como ocorreu com a meta de encerramento dos lixões, cujo prazo de quatro anos acabou sendo estendido durante o período de 2014 a 2024. “Quase todo o Brasil tinha lixão. E essas áreas precisam ser recuperadas, o que também não está acontecendo”, argumenta.

Serviço essencial

A especialista lembra que metas desse tipo ajudam a dar direção para que os resultados apareçam, mas o ritmo dos avanços depende do quanto cada estado está disposto a investir. Segundo ela, mesmo que a universalização não seja alcançada integralmente no prazo, todo esforço representa um passo relevante nesse sentido, tanto por parte do poder público quanto da própria população. O desafio está, justamente, em consolidar a percepção de que o saneamento é um investimento contínuo e essencial, ainda que seja menos visível do que qualquer outra obra, como a construção de um equipamento urbano.

De acordo com a presidente da Abes-PB, nem sempre o munícipe percebe, de imediato, a diferença que o saneamento faz na vida dele, mas os benefi-

cios são inegáveis. “Por isso acredito que, junto com o saneamento, devemos ter um trabalho de educação. Todo mundo precisa ter a consciência de que não pode jogar esgoto nem lixo no mar. É uma atitude individual, mas com impacto em toda uma cadeia econômica, do turismo à pesca”, analisa Cláudia. Além disso, ela lembra que saneamento também envolve destinação de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais, o que amplia, ainda mais, o tamanho do desafio.



Foto: Arquivo Pessoal

Devemos ter um trabalho de educação. Todo mundo precisa ter a consciência de que não pode jogar esgoto nem lixo no mar

Cláudia Coutinho Nóbrega

Cagepa atua para levar cobertura sanitária a toda a população

Do ponto de vista prático, alcançar a universalização prevista pelo Marco Legal do Saneamento exige um volume elevado de investimento — e é nessa corrida que a Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba (Cagepa) encontra-se atualmente. De acordo com o presidente da entidade, Marcus Vinícius Neves, esse movimento tem alcançado tanto o abastecimento de água quanto o esgotamento sanitário. Entre as frentes destacadas por ele, está o Sistema Adutor Transparaíba, que reúne projetos estratégicos para a segurança hídrica do estado. Nesse eixo, estão o Ramal Cariri, que deve beneficiar mais de 150 mil moradores de 18 cidades paraibanos, e o Ramal Curimataú, voltado ao reforço do abastecimento em municípios historicamente marcados pela escassez, a exemplo de Pedra Lavrada e Cacimba de Dentro. Somadas, as ações chegam a R\$ 413 milhões.

Mas o esforço não está concentrado apenas nas grandes obras. De acordo com o presidente da Cagepa, parte importante desse avanço também vem sendo direcionada aos municípios menores, onde o desafio do saneamento costuma aparecer de forma mais aguda. “Só nos últimos três anos, foram destinados mais de R\$ 193 milhões, exclusivamente, à extensão de rede em pequenos municípios, o que resultou em mais de 650 km de novas tubulações e ligações de água”, afirma.



Foto: Divulgação/Cagepa

Sistema Adutor Transparaíba é uma das obras de destaque

Já na área de esgotamento sanitário, a aposta mais robusta da companhia está em uma parceria público-privada (PPP) estruturada com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que prevê o aporte de R\$ 3 bilhões para universalizar o serviço em 85 municípios paraibanos ao longo de 25 anos. “Nesse modelo, a Cagepa permanece como responsável pelo controle da qualidade, garantindo que a cooperação com a iniciativa privada acelere as obras e a eficiência operacional sem abrir mão das nossas decisões estratégicas”, explica.

Em João Pessoa, por sua vez, a evolução do sistema aparece em obras mais recentes. No último mês, por exemplo, a Cagepa inaugurou o Centro de Controle Operacional e da Automação do Sistema Integrado de Abastecimento da Grande João Pessoa, obra de R\$ 28 milhões que beneficia mais de um milhão de pessoas. Nesse mesmo movimento, a empresa prepara para o próximo mês a entrega da nova Estação Elevatória de Esgotos

Usina II, estrutura que deve recolher o esgoto dos bairros da orla e encaminhá-lo até a Estação de Tratamento de Esgotos do Baixo Roger. Para Marcus Vinícius, obras como essas colocam a Paraíba na direção certa. “Todos esses investimentos reafirmam o compromisso da Cagepa com as metas do novo Marco do Saneamento e com a transformação da realidade dos paraibanos”, finaliza o presidente da companhia.



Nos últimos anos, foram destinados mais de R\$ 193 milhões à extensão de rede em pequenos municípios

Marcus Vinícius Neves

GLOBALIZAÇÃO

Cadê o sotaque que estava aqui?

Ampliação da rede de contatos e de influência dos jovens, para além das fronteiras locais, impacta modo de falar na PB

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A jovem Alice Camilly Silva, de 18 anos, não chama a mãe de “mainha”. Expressões como “oxente”, “visse” e “pera aí” estão fora do seu vocabulário. Alice é nordestina, mas, pelo modo de falar, não parece. E ela não é a única. Há cerca de um mês, a DJ paraibana Kali publicou um vídeo em suas redes sociais relatando como a sobrinha e os amigos a chamam de “txia”, com um sotaque totalmente diferente do esperado em Campina Grande, além de usarem expressões como “mano”, mais comum em São Paulo. Sinais de que a globalização está levando embora as expressões regionais e o sotaque local.

Juliane Pedrosa, que é professora doutora em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirma que não conhece, até o momento, nenhuma pesquisa que se aprofunde sobre o tema da perda de sotaque entre os jovens nordestinos. Contudo, ela reconhece a possibilidade de esse ser um fenômeno real.

“Há uma tendência de o jovem se acomodar à fala dos seus pares, inclusive por uma questão de fortalecimento de identidade e de socialização.



Foto: Antônio Régis

Alice Camilly tem 18 anos de idade e não fala palavras típicas da região, como “oxente” e “visse”; ela reconhece que seu sotaque é uma mescla de influências



Foto: Arquivo pessoal

Há uma tendência de o jovem se acomodar à fala dos seus pares, inclusive por fortalecimento de identidade

Juliane Pedrosa

Então, com o grande aumento de influenciadores digitais, que são tomados como referência de comportamento e de linguagem, a propensão ao uso das variantes utilizadas por eles é maior”, explica.

O contato com diferentes expressões e gírias, por meio de influenciadores digitais, redes sociais e outras fontes, poderia, então, impactar o modo de falar, assim como o sotaque. “Todos temos sotaque. Ele seria a melodia que marca uma comunidade de determinada região. Então, o contato entre pessoas de regiões diferentes gera esse processo de variação. Na realidade, é um processo natural de acomodação. A gente ten-

de a utilizar o sotaque do outro para se ‘encaixar’ socialmente”, afirma Juliane.

A tendência mencionada pela professora não é incomum no dia a dia. Por exemplo, quem nunca teve um amigo que, ao passar um tempo em outro estado, voltou com um sotaque diferente? A diferença é que, agora, não é preciso se deslocar fisicamente para ter contato com outros modos de falar. As pessoas mais jovens acabam ficando mais suscetíveis porque costumam consumir mais conteúdos *on-line* e, também, pela necessidade de aceitação social.

“O que eu estou querendo dizer é que há uma tendência

natural de acomodação de sotaque buscando se ‘enturmar’ com os mais jovens. Veja o caso das gírias que são utilizadas para demarcar o grupo social que as utiliza. Os influenciadores não só ‘ditam moda’ de comportamento, estilo de vida e pensamento, mas também de linguagem, mesmo que a influência sobre a linguagem seja, muitas vezes, de forma inconsciente”, completa Juliane Pedrosa.

Nichos sociais

Alice Camilly não sabe ao certo quando começou a perder o sotaque nordestino, mas reconhece que isso aconteceu. “Notei um pouco essa perda de sotaque. Eu conside-

ro que mesclai mais sotaques ao meu, pois, como forma de brincadeira, muitos amigos meus falam que eu ‘sorteio’ o sotaque e, às vezes, volto a ser nordestina”, observou.

Ela pondera que, além de consumir muitos conteúdos de fora da região, há certos nichos sociais que não reúnem exclusivamente nordestinos. “O que a gente consome vem de outros lugares e, como também podemos conhecer pessoas de fora, a gente acaba se influenciando bastante. Mas acredito que a conexão com esse tipo de relações e com os conteúdos de fora também [acontece] porque é difícil encontrar pessoas nordestinas que são

de terminados nichos sociais e que falam sobre isso ou se integram”, opinou.

A mãe de Alice Camilly, a professora Marileide Santos Silva, acredita que as crianças estão sendo muito influenciadas pelas telas. Para ela, o fato de a filha não carregar mais o típico modo nordestino de falar dá-se pelo fato de ela sempre ter acompanhado, desde a adolescência, muitos vídeos de influenciadores de outras regiões. “Mesmo nordestina, ela não usa palavras típicas de nordestino ou paraibano, como a fala mansa, procura o português correto, os tempos verbais adequados”, exemplificou.

Fenômeno ultrapassa o oceano e já foi observado em Portugal

Não é só no Nordeste que esse fenômeno vem sendo observado. Ainda em 2021, uma matéria publicada pelo jornal português *Diário de Notícias* teve grande repercussão no Brasil. O texto afirmava que havia crianças portuguesas falando o português brasileiro, em detrimento de sua língua mãe, devido à influência das redes sociais.

“Dizem grama em vez de relva, autocarro é ônibus, rebusado é bala, riscas são listras e leite está na geladeira em vez de no frigorífico”, apontava um trecho da matéria. O influenciador Luccas Neto foi citado no texto como um dos mais assistidos em Portugal e, portanto, um dos potenciais culpados pelo fenômeno.

A matéria também avaliava que a situação poderia ter



Foto: Reprodução/YouTube @LuccasToon Kids

Youtuber Luccas Neto é apontado como “responsável” pela difusão do português brasileiro

se intensificado devido ao período de isolamento durante a pandemia de Covid-19. O fenômeno teria deixado as crianças trancadas em casa e com mais tempo livre para

acessar esse tipo de conteúdo *on-line*.

A reportagem, intitulada “Há crianças portuguesas que só falam brasileiro” e escrita por Paula Sofia Luz, não chega

a citar nenhuma pesquisa sobre o assunto. Contudo, reúne depoimentos de pais, professores e especialistas, que questionam o tempo de exposição prolongado das crianças às te-

las. Ou seja, o problema estaria em as crianças conviverem mais tempo com o influenciador do que com seus pares.

Nesse sentido, o empresário João Dantas, que é membro da Academia de Letras de Campina Grande, da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e do Instituto Histórico de Campina Grande, lembra que o uso constante de telas, além de influenciar o modo de falar das crianças, vinha dificultando até o aprendizado da escrita em letra cursiva. “A força da cibernética e a comunicação em tempo real criam esses e outros incontornáveis problemas, tanto que alguns países da Europa estão fazendo voltar às práticas dos livros e as escritas com lápis e papel. Resumo: estão retirando os celulares e computadores das salas de aula”, declara.



Foto: Divulgação/Codecom-CG

A força da cibernética e a comunicação em tempo real criarão esses e outros incontornáveis problemas

João Dantas

DEPENDENTES QUÍMICOS

Espaços incentivam a reabilitação

Inspecionadas regularmente, as comunidades terapêuticas acolhem usuários que buscam deixar o vício

Iris Machado
 irismchdo@gmail.com

De fevereiro a março deste ano, cerca de 78 pessoas foram resgatadas de comunidades terapêuticas (CTs) irregulares na Paraíba, de acordo com o Ministério Público do estado (MPPB). Das instituições, duas atuavam na cidade de Campina Grande, no Agreste paraibano, e uma no município de Conde, no Litoral Sul. Essa recorrência de violações desperta questionamentos sobre o funcionamento de espaços de acolhimento que, na teoria, deveriam assegurar um ambiente digno e seguro a indivíduos em situação de vulnerabilidade social.

Para quem acredita no propósito desse trabalho, o desafio consiste em mostrar que é possível produzir um impacto real, como o pastor Júnior Meireles, gestor da Missão Batista Abrece. Ativa há 11 anos, a organização acolhe 57 pessoas que buscam se recuperar da dependência química, em João Pessoa e Santa Rita — onde sua sede está situada e é reconhecida como entidade de assistência social. Hoje, a Missão Batista Abrece vive de doações e recebe apoio do Tribunal de Justiça do estado (TJPB).

“Geralmente, fazemos a captação [de usuários] na rua.



Foto: Júnior Meireles/Arquivo Pessoal

Instituição da Grande João Pessoa promove capacitação por meio de uma marcenaria-escola

Alguns grupos saem para doar alimentos, roupas e, em períodos de chuva, agasalhos. Equipes de duas igrejas parceiras foram treinadas por nós, para que esse tipo de postura não fosse uma atitude-fim, mas um meio de gerar con-

fiança e fazer com que, durante essas entregas, as pessoas se sentissem confortáveis para pedir ajuda. A partir daí, elas são acolhidas na nossa unidade em Santa Rita. Lá, fazemos a triagem e a roteirização do procedimento de

ressocialização”, informa.

Ao total, 20 voluntários diretos e indiretos estão envolvidos nas ações do grupo. As unidades oferecem atendimento psicológico e espaços de fortalecimento espiritual, segundo os princípios

dos Alcoólicos (A.A.) e Narcóticos Anônimos (N.A.). Nos casos que precisam de encaminhamento para tratamento clínico, a associação recorre aos equipamentos do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (Suas), por meio dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras).

Isso incentiva a recuperação e o restabelecimento de vínculos afetivos. Como lembra Júnior, o poder destrutivo do abuso de substâncias adoece não só o adicto, mas também quem convive com ele, em um processo de dependência. “Para cada dependente químico, uma rede de pelo menos nove pessoas é afetada direta ou indiretamente, porque dificilmente existe uma família que possa dar sustentação financeira, emocional ou psicológica a um adicto em uso abusivo e compulsivo. Normalmente, os acolhidos chegam com esses vínculos amputados. A gente tenta preparar o ambiente familiar, tanto para sobreviver à adição como para não atrapalhar o período de recuperação na casa”, pontua o pastor.

Aos domingos, o projeto libera ligações e ocupa o papel de mediador entre os acolhidos e os entes queridos no início das conversas. Ao lon-

go das tratativas, as famílias possuem a liberdade de realizar visitas mensais e participar de momentos de orientação nas unidades da CT. Parte dos esforços dos voluntários é permitir esse reencontro, ao encorajar a autoestima de cada indivíduo. “As pessoas que chegam não acreditam mais nem em si mesmas. Elas começam a readquirir essa valorização aqui. Temos uma marcenaria-escola e, agora, estamos implantando uma tapeçaria-escola para capacitar os alunos que não têm qualificação profissional. Eles passam por um período de desintoxicação, que gira em torno de 10 a 12 meses, na unidade de Santa Rita, e são transferidos para a unidade de João Pessoa. De lá, são encaminhados para o mercado de trabalho ou para a primeira qualificação, dependendo da situação. Hoje, dos 12 que estão completando a etapa de ressocialização, nove estão trabalhando no mercado formal, com Carteira de Trabalho assinada”, revela Júnior.

O pastor reforça que a Missão Batista Abrece segue as normas de conduta e funcionamento estabelecidas por lei, recebendo inspeções constantes da Vigilância Sanitária e do Corpo de Bombeiros, com alvarás e licenças atualizadas anualmente.

Modalidade integra Rede de Atenção Psicossocial

As CTs integram o modelo atual de acolhimento para pessoas em situação de vulnerabilidade social e dependência química, como parte do que foi estabelecido no país a partir da reforma psiquiátrica — em oposição aos manicômios e outras modalidades de tratamento mental, que praticavam internações involuntárias. Como explica o promotor Leonardo de Assis, coordenador do Centro de Apoio Operacional (CAO) às Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos da Saúde, as CTs são um “apêndice” da Rede de Atenção Psicossocial (Raps), junto a residências terapêuticas e ao Programa Volta para Casa. “Elas são órgãos ou instituições de apoio, que não devem ser ou não devem reproduzir o que o sistema aboliu, que é tornar as pessoas prisioneiras daquele local”, define.

O atendimento que esses espaços oferecem difere do serviço prestado pelas unidades de apoio governamentais, a exemplo dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) e leitos de saúde mental. Na prática, uma CT acolhe adictos que decidem, espontaneamente, parar de consumir álcool ou drogas. O papel desses locais é incentivar hábitos saudáveis e promover uma reabilitação gradual, a partir de atividades comunitárias de socialização, reintegração familiar e capacitação.

Apenas profissionais da saúde devem realizar intervenções médicas, prescrever medicamentos ou orientar tratamentos psicológicos. Muitas das violações observadas durante fiscalizações em CTs, segundo o promotor, envolvem a ausência de uma equipe especializada, de entre médicos, enfermeiros e psi-

cólogos. Nessas situações, é comum encontrar pessoas leigas, sem a formação adequada, responsáveis pela administração de medicamentos e a coordenação de terapias integrativas.

“As CTs têm uma função de acolhimento, mas não de tratamento. Para receber medicação, os usuários devem ser levados para uma Unidade Básica de Saúde [UBS]. As comunidades podem incentivar que essas pessoas saiam do uso da droga, mas não têm função prescritiva ou de cura. A rede tem um sistema de atendimento que trata da saúde mental, com profissionais devidamente preparados para isso”, reitera Leonardo.



Foto: Divulgação/MPPB

“

As CTs têm uma função de acolhimento, mas não de tratamento. Para receber medicação, os usuários devem ser levados para uma UBS

Leonardo de Assis

Ilicitudes podem levar gestores à prisão

Como detalha Leonardo de Assis, a legislação postula normas para a operação de comunidades de suporte a pessoas em sofrimento mental. Essas políticas asseguram direitos básicos aos acolhidos e estipulam limites temporais de tratamento, a depender da indicação médica. Na Paraíba, as ações de fiscalização envolvem, além do MPPB, conselhos de profissionais da saúde, forças policiais e a Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa).

“Se forem encontradas falhas ou um funcionamento de forma diversa ao que a lei prevê para a CT, serão adotadas as providências, que podem ser desde uma multa ou advertência para melhorar o serviço, até mesmo a prisão dos responsáveis, quando houver uma ocorrência grave — por exemplo, manter seus

usuários em um regime de supressão de liberdade ou ‘cárcere privado’, que é um crime”, frisa o jurista.

Durante as inspeções, é comum encontrar imóveis insalubres, com risco estrutural, onde se praticam internações compulsórias. “São instituições que, na maioria das vezes, não têm alvará sanitário. Ocorre uma superlotação dos residentes. Na estrutura física, os quartos não têm uma ventilação adequada, não há quantidade suficiente de banheiros. Há falta de higiene, deficiência na equipe técnica e de apoio para os residentes. A gente vê que existe muito acolhimento involuntário e restrições indevidas desses residentes à liberdade”, revela a enfermeira Polianna Estrela, coordenadora do Núcleo de Segurança do Paciente da Agevisa.

Para funcionar de maneira adequada, uma CT deve manter um ambiente limpo, seguro e humanizado. Na avaliação da agente, isso abrange o estabelecimento de regras de convivência e a oferta de atividades ocupacionais de qualidade, a fim de fortalecer a autonomia dos residentes e incentivá-los a voltar à sociedade. Uma instituição que proíbe o contato com a família e não identifica os profissionais ou a rotina interna da instituição está em desacordo com a lei.

“Quando ocorre a interdição desses estabelecimentos, uma das preocupações centrais é não deixar essas pessoas desassistidas. Não é apenas fechar o espaço, mas dar apoio para esses residentes. O que a gente tenta, juntamente com outros órgãos, é retornar os indivíduos de forma segu-

ra às suas famílias, tentar uma transferência para outra instituição que esteja regularizada, dentro do apoio assistencial dos municípios. Tudo isso está envolvido para que essas pessoas não fiquem desassistidas”, salienta Polianna.

Contato

Para denunciar irregularidades em CTs, a população pode contatar a Agevisa por meio do número de WhatsApp (83) 98814-7935, enquanto o MPPB disponibiliza o site <https://www.mppb.mp.br/index.php/pt/servicos/cidadao/ouvidoria>. Outro canal é o Disque 100 do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), ativo 24 horas por dia. As ligações são gratuitas e o sigilo das informações é garantido, quando solicitado pelo demandante.



Foto: Divulgação/MPPB

Entre as irregularidades mais comuns, estão condições insalubres nos quartos, sem higiene ou ventilação adequadas

TAMBABA

Joia do Litoral Sul alia naturismo e preservação

Situada no município de Conde, praia consolidou-se como um dos destinos mais badalados da costa paraibana

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A Praia de Tambaba, localizada no município de Conde, no Litoral Sul da Paraíba, tem sido, há muitos anos, um dos principais símbolos do turismo paraibano e um dos destinos mais singulares do Brasil. Próximo a João Pessoa, distante a apenas 30 km da capital, a praia reúne belezas naturais, como falésias, águas cristalinas, piscinas naturais e vegetação nativa. Além disso, é um dos poucos locais do país destinados à prática do naturismo — o que a coloca em posição de destaque não apenas no cenário estadual, mas também no turismo nacional e internacional.

Sua importância para o setor de viagens em Conde é central. O município possui diversas praias, bastante visitadas e marcadas por serem lugares que oferecem

Belezas
A 30 km de João Pessoa, local apresenta aos visitantes uma paisagem de falésias, piscinas naturais, águas cristalinas e vegetação nativa

tranquilidade, mas também estruturas de bares e restaurantes com serviços gastronômicos, além de pousadas próximas ao mar. Esse fluxo turístico movimenta a economia local, impulsiona o segmento de serviços e fortalece a imagem da Paraíba como destino de protagonismo no Nordeste.

A Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) e a Secretaria Municipal do Turismo (Setur) de Conde são indutores importantes na perspectiva de divulgar o destino como opção para os viajantes. Secretário de Turismo de Conde, Dante Tomei Neto conta como o poder público vem contribuindo para reverberar os atrativos de Tambaba e de todo o Litoral Sul do estado.

“Junto com a Praia de Coqueirinho, Tambaba é o principal destino turístico da Paraíba”, defende Dante. “Temos participado de várias feiras nacionais e internacionais voltadas à promoção do destino. Em dezembro de 2025, realizamos, em parceria com a PBTur, um evento exclusivo para a divulgação de Conde em São Paulo, do qual participaram as 20 maiores operadoras de turismo do Brasil”, complementa o secretário de Turismo.



Para representante da gestão municipal, área é uma das principais atrações turísticas do estado

Fotos: Leonardo Arsel

Reduto atrai viajantes de todo o mundo

Além das paisagens bonitas e dos outros atrativos naturais, a Praia de Tambaba tem uma grande singularidade: é um dos principais redutos do naturismo em todo o planeta. A prática é devidamente regulamentada na área e, inevitavelmente, dá grande visibilidade a Tambaba, tornando-a um ponto fora da curva, enquanto destino turístico.

O naturismo em Tambaba desenvolveu-se de forma espontânea. De acordo com a Sociedade Naturista de Tambaba (Sonata), há relatos de que, desde a década de 1980, aproveitando a geografia da região e seu difícil acesso, pescadores, aventureiros e surfistas eram vistos tomando banhos nus.

Com o aumento dos adeptos da prática, foi criada a Associação dos Amigos da Praia de Tambaba (AAPT), entidade que congregaria os frequentadores da área naquela época. Com isso, cresceram as reclamações e os protestos de pessoas da comunidade, de parte da Igreja e de políticos contra a prática do naturismo na praia.

Em 25 de janeiro de 1991, a Prefeitura de Conde publicou o Decreto nº 276/1991, oficializando o espaço compreendido entre a Pedra dos Despachos e a Prainha, na divisa com a Praia da Barra do Rio Garaú, como área destinada à prática do naturismo e à preservação ambiental. O naturismo, portanto, é um elemento fundamental para a construção da projeção de Tambaba como destino. A praia foi pioneira ao se tornar a primeira do Brasil a permitir oficialmente esse tipo de atividade.

Desde então, consolidou-



Além da zona naturista, lugar dispõe de uma parte voltada a banhistas vestidos

-se como um dos poucos espaços legalizados no país para o naturismo, o que a transformou em destino procurado por adeptos vindos de diversas partes do mundo. Esse diferencial não apenas diversifica o perfil dos turistas, como também contribui para a quebra de estigmas, ao associar o naturismo a um ambiente organizado, seguro e regulamentado. A presidente da Federação Brasileira de Naturismo (FBrN), Paula Duarte Silveira, detalha que, para muitas pessoas, a prática também acaba sendo terapêutica.

“O naturismo é uma filosofia, como eu chamo, que engloba vários aspectos, como essa conexão com o meio ambiente, e, por isso, para nós, é tão importante a preservação do espaço — que é o que fazemos. Mas também é, como eu digo, uma terapia, porque, nesses ambientes, as pessoas olham no olho, interessam-se pelo que os outros têm a dizer, tudo com muito respeito. O corpo das pessoas não é alvo de olhares diferentes”, analisa.

Em Tambaba, a zona destinada ao naturismo é sepa-

rada da parte convencional da praia, garantindo privacidade e respeito às diferentes escolhas dos visitantes, sejam os que não querem ficar sem roupas e os que são adeptos da atividade. Para acessar esse espaço, existem normas claras, como a obrigatoriedade da nudez total, a proibição de fotografias sem autorização e o veto a qualquer comportamento de cunho sexual.

Como define a dirigente da FBrN, o naturismo é uma filosofia regrada por um claro código de ética, que busca preservar a convivência harmoniosa entre os frequentadores, reforçando o caráter social e filosófico da prática, com uma relação intrínseca com a natureza, além de assegurar que o local mantenha um ambiente de respeito e tranquilidade.

Diferentemente do que algumas pessoas pensam, o naturismo não possui conotação sexual. Muito pelo contrário: a ideia da prática parte de um pressuposto de respeito aos corpos e uma dissociação da nudez como elemento de erotização. Essa abordagem também dialoga diretamente com o turismo

sustentável.

O visitante naturista, em geral, é incentivado a adotar comportamentos responsáveis, contribuindo para a conservação do espaço e para a manutenção de suas características originais. Paula Silveira, que conhece bem a praia e é adepta do naturismo há 20 anos, explica como a área de naturismo em Tambaba é gerida. “A gerência do espaço é realizada pela Sonata, que acompanha a dinâmica do lugar e coloca fiscais na parte da praia em que as pessoas podem ficar sem roupas, proporcionando segurança e um ambiente tranquilo para quem é adepto”, conta.

Sueli Rego é uma frequentadora do local, tanto da área reservada para o naturismo quanto do espaço em que os banhistas se mantêm vestidos. Ela relata que toda a região é organizada para cada turma de visitantes aproveitá-la da melhor maneira. “É uma convivência, em geral, sempre tranquila. Todo mundo sabe que Tambaba tem uma área para naturistas, mas há espaços bem legais para quem não quer ficar lá”, destaca.

Proteção ao ecossistema local é garantida por lei

Tambaba não é apenas um destino turístico ou um espaço de prática naturista, mas também um lugar de preservação ambiental. A praia está inserida em uma Área de Proteção Ambiental (APA) de um bioma brasileiro importante, que garante legalmente a conservação de seus ecossistemas e da biodiversidade local. A região abriga vegetação de restinga, coqueirais e formações geológicas típicas do litoral nordestino.

A criação e a regulamentação da área naturista, inclusive, estiveram, desde o início, associadas à necessidade de preservar o meio ambiente, como estabelece a Lei nº 309/2019, sancionada pelo Poder Executivo municipal. Assim, a Praia de Tambaba acaba sendo um exemplo histórico de integração entre turismo, cultura e preservação ambiental.

“Preservar é um desafio constante. A gente conta, principalmente, com o apoio

da população, mas, em especial, dos próprios frequentadores de Tambaba. Temos o suporte de diversos parceiros, como a Sonata, a associação de moradores, organizações não governamentais [ONGs] e a Superintendência de Administração do Meio Ambiente [Sudema] — que realizam, constantemente, mutirões de limpeza nas praias, assim como campanhas de conscientização”, comentou o secretário de Turismo de Conde, Dante Tomei Neto.

■ Missão ambiental conta com o engajamento da Sudema, da Prefeitura de Conde e de associações como a Sonata



Região da APA está inserida no bioma da Mata Atlântica

LITERATURA

Crise no mundo das letras

Retirada em massa do júri de premiação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) faz a entidade entrar em colapso

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Todos os anos, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) divulga listas de livros recomendados por especialistas e confere prêmios às melhores publicações desse segmento literário. Ou melhor, divulgava e conferia, pois uma crise institucional sem precedentes na história da entidade levou o grupo de votantes dos prêmios da fundação a anunciarem — em carta aberta publicada em veículos como *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, no mês passado — uma retirada em massa do júri.

Na prática, o Brasil agora está fora da principal instituição internacional de literatura infantojuvenil, o International Board on Books for Young People (IBBY), não podendo mais indicar nomes das letras nacionais ao prestigiado prêmio Hans Christian Andersen (espécie de Nobel da literatura infantojuvenil), no qual já ganhou por três ocasiões — pelo conjunto da obra, venceram as escritoras Lygia Bojunga, em 1982, e Ana Maria Machado, em 2000; já Roger Mello foi laureado em 2014, na categoria Ilustração. Pela primeira vez, em mais de 40 anos, o Brasil não teve sequer um indicado à última edição do prêmio.

“Assim, comunicamos publicamente nossa saída coletiva da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil”, informa a íntegra do documento, “reafirmando nosso compromisso com a literatura infantil e juvenil brasileira, com seus leitores, autores, ilustradores, editores, pesquisadores e mediadores — compromisso este que não pode ser sustentado em uma estrutura que, em nossa avaliação, apresenta sinais de abandono institucional, falta de transparência e fragilidade de gestão”.

Durante 25 anos, a escritora e professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Neide Medeiros, foi leitora votante da fundação, sempre atuante junto à literatura infantil, com a divulgação das obras. “Recebia livros das editoras na minha casa, fazia resenhas desses, analisava-os e depois enviava para a fundação”, detalha a colunista colaboradora de *A União* acerca do processo de trabalho que desempenhava junto à entidade. Contando com Neide, havia 25 leitoras votantes — o universo é predominantemente feminino, a exemplo de Alcione Pauli, Alice Martha, Aline Frederico, Ana Crélia e Vera Teixeira Aguiar.

A partir de 1974, a FNLIJ vinha selecionando os melhores livros do ano, separando-os em cerca de 18 categorias, tais como Criança, Jovem, Imagem e Poesia. De cada publicação anual, as editoras enviavam cinco exemplares para a instituição, além de encaminharem os mesmos livros para as casas dos votantes, que liam e avaliavam voluntariamente todas as obras. Os melhores livros eram encaminhados para eventos especializados, como a Feira do Livro Infantil de Bolonha e a Bienal de Ilustração de Bratislava.

De 1978 a 2024, quem esteve à frente do projeto como secretária-geral da FNLIJ foi a pedagoga Elizabeth Serra. “A ‘Beth’ entrava em contato com o presidente e o que ela ficava sabendo era isto: não tem dinheiro, os editores não contribuem com mais nada”, atesta a professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Vera Aguiar. “Ele [Julio Cesar Silva] entrou na fundação como interventor, dado o dinheiro que não existia. Ficou como interventor e um belo dia ele passou a presidente”, completa.

Em 2021, o professor e advogado Julio Cesar Silva assumiu como presidente da FNLIJ, para quem a indicação dos livros realizada p e -

los votantes não seria a mais vital das funções desempenhadas pela fundação. “Essa é uma função muito importante, muito relevante para os escritores que estimulam a produção de literatura, é muito importante para os editores. Mas além desse trabalho, a fundação tem também a função de buscar fazer projetos e atividades onde ela possa desenvolver formação de leitores”, diz Julio Cesar, ao que Vera Aguiar rebate: “O princípio da fundação é incentivar e trabalhar com a questão do livro infantil e juvenil no Brasil e a sua divulgação e leitura”.

Falta de diálogo

Um dos motivos da saída coletiva, explicitado na carta pública, diz respeito às “reiteradas tentativas de diálogo com a presidência da fundação”. Conforme explica Neide Medeiros, Elizabeth Serra sempre organizava um cronograma de reuniões, o que não acontecia na atual gestão. “O Julio Cesar fez pouquíssimas reuniões. [...] Gerou uma certa insatisfação. Muitos dos editores que contribuía com subvenções para a fundação foram se afastando e a entidade ficou sem dinheiro para pagar [por exemplo] uma bibliotecária, que passou a trabalhar de forma voluntária”, ela afirma. “A realidade é esta: ele não foi um presidente eficiente e deixou a fundação afundar”. Vera Aguiar confirma o fato: “Fez poucas reuniões conosco [...] não ouvia ninguém nem nada, e terminava que no outro mês ia resolver tudo. E no outro mês não resolvia nada”.

Julio Cesar Silva, que afirma sua expertise em ter acompanhado o surgimento dos primeiros autores de literatura infantil no Brasil, defende, entretanto, sua função como estritamente administrativa. E alega ter feito reuniões com alguns dos ex-integrantes da FNLIJ, a fim de esclarecer seus esforços para angariar recursos junto a investidores. “Não há pessoa mais aberta para diálogo do que eu — pode existir próximo disso”, comenta. “O que não adianta é abrir diálogo sem ter nada para falar: ‘Vou ter recursos pra fazer o projeto?’. Não, não tem”.

Novo instituto

De acordo com Neide Medeiros, escritores do segmento como Roger Mello e Daniel Munduruku movimentaram-se desde meados do ano passado para criar o instituto Todas As Linguagens: Livros, Infâncias, Juventudes (TAL), que pretende ser uma alternativa para a representati-

da-de do setor frente a atual inviabilidade da FNLIJ. No último dia 2 de abril, inclusive, ocorreu o 1º Seminário Internacional Todas as Linguagens, do qual participaram alguns dos membros dissidentes da FNLIJ.

“Há essa intenção. Esses leitores votantes devem integrar agora o TAL, continuando sem fins lucrativos; são pessoas idealistas”, diz Neide Medeiros, ao citar Roger Mello. “Estamos com esperança de que esse movimento crie raízes e possa vingar”.

Quanto à posição dos votantes, Julio Cesar afirma não ter crítica alguma a fazer. “Compreendo a posição dos votantes, respeito a posição dos votantes, e continuo acreditando na recuperação da fundação, na luta de buscar recursos — e conseguindo recursos, eu aí retomo o prêmio da fundação”, esclarece. “Se esses votantes não quiserem mais, eu vou buscar novos votantes na academia”.

Com sede no Rio de Janeiro e criada em 23 de maio de 1968, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil segue sua história com futuro incerto. O site da instituição, pelo menos até o fechamento desta reportagem, continua fora do ar por falta de manutenção.

Imagens: Reprodução/FNLIJ



Capas de algumas obras do país que foram indicadas como destaques pela FNLIJ, ao longo dos últimos anos: os melhores livros eram encaminhados para eventos especializados, como a Feira do Livro Infantil de Bolonha, na Itália, e a Bienal de Ilustração de Bratislava, na Eslováquia

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Quando a aparência se torna realidade

A rua e a escola podem ser lugares inóspitos e selvagens, especialmente para quem se encontra, pela primeira vez, fora da zona de conforto familiar. Isso sagra-se quando não possuímos irmãos ou amigos mais velhos. É muito comum que os meninos, em nossa sociedade, sejam educados a serem agressivos, fortes, insensíveis e competitivos. O que deixa a vida muito mais complicada para quem é tímido, pacífico ou fisicamente mais frágil.

Nesse contexto, a fraude pode ser um expediente de autoproteção maravilhoso. Peter Berger, sociólogo austríaco, argumenta que o controle social pode ser alcançado por meio de afirmações fraudulentas. Não é de se estranhar, diz ele, que algum garotinho que careça de um irmão mais velho possa vir, astuciosamente, a exercer controle sobre seus colegas, desde que os convença da existência de um — de preferência grande e musculoso — que possa a qualquer momento dar-lhes uma boa surra. Somos, então, naturalmente levados à outra questão importante: o que definimos como real é real em suas consequências? Pois é exatamente isso o que afirma o Teorema de Thomas, proposto pelo sociólogo norte-americano William I. Thomas, em 1928. Segundo ele,

nossas ações são diretamente afetadas pela maneira como interpretamos e definimos as situações sociais. Esse ponto de vista pragmático pode ser ilustrado de várias maneiras.

Digamos que, por algum motivo, você passe a considerar intimamente que um dos seus melhores amigos é inconfiável. De companheiro e confidente, ele transformaria-se numa pessoa maquiavélica, ardilosa e leviana, capaz das mais torpes difamações ao seu respeito. O resultado final é que quanto mais convencido você esteja, mas real tudo parecerá — independente desse “tudo” não passar de imaginação ou factóide.

Muitas vezes, as conversas de texto na *internet*, seja por *e-mail* ou redes sociais, costumam produzir interpretações bastante diferentes daquilo que o autor pretendia inicialmente dizer. Já vi gente chateada com mensagens de texto, sentindo-se humilhada pela suposta aspeira de certas palavras escritas — sem o brilho, a entonação e as nuances comuns à interação face a face —, mas que depois de uma boa conversa refazem a má impressão. Há quem exclua seus contatos ou até mesmo feche a própria conta nas redes sociais, com medo de novos episódios voltarem a acontecer.

O também sociólogo norte-americano Allan G. Johnson fala sobre “pistas” que usamos para interpretar a realidade. Imagine a seguinte situação: alguém caminha solitariamente, tarde da noite, por uma rua esquisita e escura. De repente, numa espécie de aparição fantasmagórica, observa que um homem se aproxima — no fundo, ele só desejava acender seu cigarro. Tal ação pode ser vista como algo cordial, o que provavelmente não aconteceria nesse caso. Desse modo, é bem provável que a pessoa definisse a situação como tentativa de roubo e que assim agisse de maneira a escapar do perigo correndo ou pedindo socorro. Essa experiência seria, a partir daí, incorporada ao seu acervo pessoal de memórias, constituindo parte de um repertório de experiências passadas. Podemos esperar, então, que a história seja recontada com entusiasmo e emoção, em futuras conversas entre amigos sobre assaltos e situações de risco.

É inevitável que ideias como essas conduzam a questões mais fundamentais sobre aparência e realidade e a interrogação de como esta última é socialmente construída. O que requer, porém, uma discussão mais aprofundada. Por ora, deixaremos isso para outra ocasião.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Estética e política da fraternidade em Schiller

“Quem já conseguiu o maior tesouro, de ser o amigo de um amigo”. Esse verso faz parte de *Ode à alegria* (em alemão, *An die Freude*). É um poema lírico escrito pelo poeta, filósofo, médico e historiador alemão Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759–1805). O texto trata da fraternidade universal, da liberdade e da união entre todos os seres humanos.

Ele compôs o poema durante sua juventude em Leipzig, inspirado por ideais democráticos. A alegria é apresentada como uma força divina que aproxima os homens, superando desigualdades sociais e o ódio na política; também o desejo de uma comunidade criada na equidade e na razão. Sua estrutura e seus temas são compostos em estrofes rimadas, nas quais se exaltam virtudes como amizade, amor e solidariedade. A linguagem simbólica e a cadência rítmica reforçam a força do sentido social da alegria, concebida como uma harmonia universal e a unidade entre a humanidade e a divindade.

Em 1824, o compositor e pianista alemão Ludwig van Beethoven (1770–1827) musicou partes de *Ode à alegria* no quarto movimento de sua “Sinfonia nº 9 em ré menor, op. 125”, transformando o poema em um hino à fraternidade humana, essa versão tornou-se um símbolo cultural da paz entre as nações.

Na composição musical, a estrutura da ode apresenta-se como um hino celebratório à alegria (*Freude*), entendida como princípio ontológico que unifica os seres humanos. Logo nos primeiros versos — “Alegria, bela centelha divina” —, Schiller estabelece uma relação entre a experiência humana e uma divindade, sugerindo que a alegria é um elo entre o humano e o

Christoph Friedrich von Schiller, autor do poema *Ode à alegria*

transcendente. Essa concepção aproxima-se da tradição filosófica que remonta o holandês Baruch Spinoza (1632–1677), para quem a alegria corresponde ao aumento da potência de existir, isto é, à afirmação da vida em sua plenitude. Assim, a poesia de Schiller não apenas celebra a alegria, mas a eleva à condição de fundamento ético da convivência humana.

No aspecto político e social, a ode expressa um ideal de fraternidade universal que reflete os princípios da Revolução Francesa, especialmente o lema “liberdade, igualdade, fraternidade”. O verso “Todos os homens se tornam irmãos” sintetiza essa aspiração de superação das divisões sociais, religiosas e nacionais. A fraternidade, nesse processo, é um projeto político de reorganização da sociedade com base na equidade e na solidarie-

dade. Tal perspectiva pode ser interpretada por meio do imperativo categórico do filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804), especialmente em sua ideia de uma comunidade universal regida por princípios racionais. Para Kant, a dignidade humana deriva da capacidade racional, e a moralidade exige que os indivíduos sejam tratados, em sua dignidade, como fins em si mesmos. A ode de Schiller, ao proclamar a irmandade universal, sensibiliza para a necessidade dessa exigência ética.

Entretanto, a obra em sua dimensão estética é fundamental para compreender seu impacto. A linguagem poética, marcada pelos ideais do movimento literário e cultural alemão — *Sturm und Drang* — do fim do século 18 (aprox. 1760–1780), que valorizou a emoção e a natureza em reação ao racionalismo

iluminista, e por um ritmo cadenciado, cria uma experiência emocional que reforça a mensagem filosófica. A alegria é apresentada como força dinâmica que une o que a modernidade egoísta separou — a desunião —, indicando que as divisões humanas são contingentes e passíveis de superação. Essa proposta se une à estética do Romantismo do século 18; isto é, Schiller, situado na transição entre iluminismo e romantismo, consegue unir razão e sensibilidade em uma síntese original.

Ao inserir *Ode à alegria* em sua “Nona sinfonia”, Beethoven expressa uma visão de humanidade reconciliada, em que a arte se torna meio de irmandade entre cidadãos, culturas e nações. Posteriormente, a melodia associada ao poema foi adotada como hino oficial da União Europeia.

Críticos contemporâneos apontam que o ideal de fraternidade não é facilmente conquistado. Nesse sentido, a ode pode ser uma projeção de uma fraternidade universal possível, mas ainda não plenamente realizada. Essa ambivalência evidencia sua capacidade de provocar reflexão crítica sobre os limites e as possibilidades da convivência humana e da paz mundial.

Sinta-se convidado à audição do *563º Domingo Sinfônico*, que ocorrerá neste dia 12 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm.

Durante o programa, comentarei algumas peças dos alemães Ludwig van Beethoven (1770–1827) e de Wilhelm Richard Wagner (1813–1883) que tratam da fraternidade universal.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Aprendi nos discos

No fim do espetáculo *Três mulheres altas*, do dramaturgo norte-americano Edward Albee (1928–2016), no Teatro Paulo Pontes, em João Pessoa, a atriz Ana Rosa, que faz o papel da idosa, vem para perto do público e diz que “a melhor fase da vida é o fim”. Nessa *vibe* o herói não se salva, porque a esperança não é a última que morre, como anunciou Chico Anísio, em 1974, no disco *Baiano e Novos Caetanos*.

Entre os embates travados pelas *Três mulheres altas*, Ana Rosa, Helena Ranaldi e Fernanda Nobre (dirigidas por Fernando Philbert), o grande protagonista é o tempo e também a forma com que lidamos com o envelhecimento. Já vi várias pessoas dizendo que envelhecer é a pior fase. Olha, não aceite camisa de quem anda nu.

O texto nos faz pensar qual realmente é a melhor fase da vida, além do olhar da juventude para a velhice, sobre a pessoa de 50 anos que também já acha que sabe tudo e, fundamentalmente, sobre o que nós fazemos com o tempo que nos resta. Apesar dos toques demasiados, a peça é uma comédia em que os espectadores conseguem ri de si mesmos — por enquanto.

O que nos é dado além da vida? Pois, se é para o que estamos fadados nesse fosso virtual que nos calhou e em que alguns vão duvidando que lhe possa chamar-se de época, sendo algo mais próximo de um intervalo, uma “dor nos quartos” à espera, desesperando quem se vê confinado a tão fraca reserva, mas o barco ainda não afundou.

Vamos imaginar que a atriz Ana Rosa tem razão: o melhor da fase da vida... e ela fala como personagem, mas o significado sem ser obrigado a entender assim e a torcer, aprimorar, altear, vir com força para vida quando a velhice chegar, já tivemos muitas fases — mas é difícil saber qual a melhor.

Além das novidades, a frase “a melhor fase da vida” e, enfim, imaginar que está faltando um pedaço, da outra fase, ou tal e nem todos sabem a fase melhor, compensando o corte na carne, a ranger para destoar, dobrar o espaço, a esquina e livrar-se de vincos, vínculos, a inventar sua estranha forma de vida, nunca é o fim, mas não tem como voltar ao começo.

Aqui ou além, a frase da melhor fase da vida, isso quando tudo parece que se sentou, e este, o que anda por aí discando a tábua das marés, mas o fim sinérgicamente não é o fim, se fosse, o mundo todo já estava a desabar de alegria. Sem hesitação.

Onde está a colheita? Seria ela a fase melhor da vida? E quando a colheita é o pagamento, porque só se escuta por aí que “muitos vão pagar aqui mesmo”. Pagar o quê? A vida esculpa os seus próprios mandatos, nos coloca na estrada para que possamos ser atores em movimento.

A ausência do que fazer na presença da sede de viver mais, temas tais num ouvido escasso que só aplaude o eco dos triunfos, que já se sabe com a pressa de passar a limpo, e logo passa tudo com aquele aplauso ou vaia, que num tempo mais estreito, só passa quem souber.

Se o mundo faz charme, a personagem da atriz Ana Rosa está errada, a transa geracional que anda ocupadíssima com as fotografias caricatas, os seus reels como rituais de apresentação em todas as fases, babau.

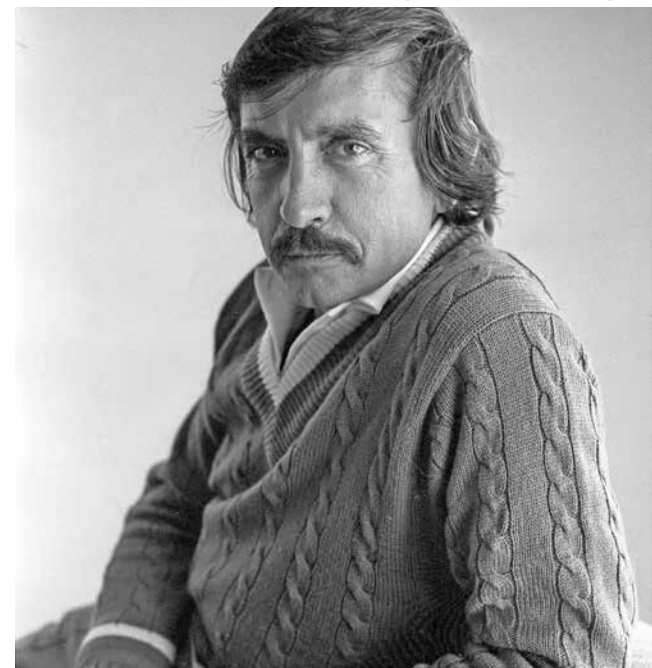
Tanto esforço para viver e não ter a vergonha de ser feliz e todo esse empenho que fazemos só não surge apeado, pois serve como exercício para amadurecer. Mas também podíamos vir repetir que não foi certamente para isso que viemos, desde o início, o meio e o fim.

Kapetadas

1 — E aí, é ultimato ou “eu te mato”?

2 — A outra face da lua — o norte-americano é o único ser que, tendo chegado a um lugar como a Lua, onde não há nada, sente necessidade de voltar.

Foto: Reprodução/LA Times/Wikipedia



Dramaturgo norte-americano Edward Albee, em 1975

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Cenas indelévels do Cristo revivido

Todos os anos, nessa época de Páscoa, era assim... Semana Santa e lá estávamos nós, apostos, eufóricos com o assédio das multidões na porta do cinema. Amplas filas de espera formavam-se entre uma sessão e outra. Espécie de extensão da Procissão do Senhor Morto, que horas antes havia passado, inclusive, bem em frente ao nosso cinema, na vizinha cidade de Santa Rita.

Calmamente, sempre calmo, apesar da intensa movimentação dessa época, "seu Severino do Cinema" (meu pai) controlava tudo de perto: da portaria à sala de projeção de múltiplas poltronas vermelhas estofadas, onde se acomodavam os fiéis cristãos "cinemeiros". Redobrava, ainda, a atenção de pai com a bilheteria e o controle da cabine de projeção, onde, apostos, os projectionistas Assis, Messias e Rubens aguardavam ansiosos o sinal para o início da sessão do tradicional/consagrado *A Paixão de Cristo*; com um "cristo" andando ligeirinho e tudo.

Com muita eficiência e desvelo, todos os "apóstolos" daquela projeção cinematográfica também se deslumbravam com os efeitos de mais uma anual e repetida ação espetacular. Durante o dia, dava-se a verificação dos rolos do filme, repassados integralmente na "enroladeira", para supressão dos possíveis fotogramas avariados em outras proje-

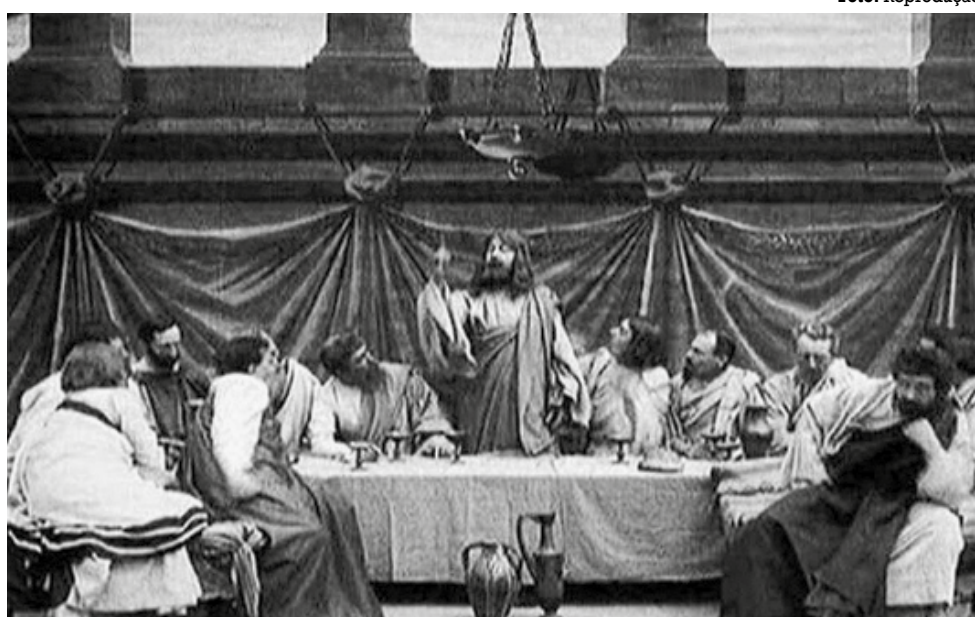


Foto: Reprodução

Cena da Santa Ceia de uma produção de *A Paixão de Cristo*, da época do cinema mudo

ções. À noite, o rígido controle do som e da projeção do filme preserva o respeito ao significado bíblico do Cristo projetado. Nada deveria ofuscar o brilho daquela sessão especial e tão aguardada!

Não demorava muito e lá estava, na tela, mais uma vez *A Paixão de Cristo*: o esperado grande instante cinematográfico, sob ampla expectativa e deslumbramento dos nossos fiéis "cinemeiros" de todos os anos. Pessoas fervorosas, gente de idade variada, velhos e crianças numa mesma romaria de contemplação ao nosso Cristo revivido em celulo-

de, luz e sombra, que se movimentava numa velocidade alterada, entre 16/24 quadros por segundo. Fantástico ver e sentir aquilo tudo.

E, finalizando a coluna de hoje, uma correção deve ser feita ao informe publicado no domingo passado sobre o professor Luiz Albuquerque Couto: ao deixar a nossa universidade, já como deputado em Brasília; aqui, ele dirigia o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e não o CCEN. Mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexasantos-pb.blogspot.com.br.



APC já prepara as novas eleições

A Academia Paraibana de Cinema (APC) reuniu sua diretoria na última quarta-feira (8) para discutir sobre o lançamento do edital das eleições dos novos membros da entidade. O documento deve ser publicado até o fim deste mês, com todos os indicativos de inscrição necessários, para os cargos de diretoria e do conselho fiscal. As eleições acontecerão no fim de julho deste ano.

Na reunião, foram, ainda, traçados os novos perfis da revista *Cine Nordeste*, publicação mensal da APC, que teve as edições interrompidas há algum tempo.

MÚSICA

Hoje, Wil Cor & Eletrocores faz show em JP

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A cromatografia eletrizante da banda Wil Cor & Eletrocores mostrou a que veio no fim de março, com o lançamento do álbum de estreia, *Ninguém vai se salvar*. Agora é hora de provar da tese com o *show* oficial de lançamento do trabalho, protagonizado por Wil Cor & Eletrocores e Zefirina Bomba, hoje, às 18h, na Caravela Cultural, no Centro da capital. Os ingressos estão à venda no *site Shotgun* (shotgun.live) a R\$ 10 (meia) e R\$ 20 (inteira).

"Como nosso *show* é muito dinâmico, vamos fazer o álbum na íntegra", garante Wil. "Porém, vamos colocar entre as faixas, as canções do *Valei-me nossa senhora Cátia de França e meu guerreiro Chico César!* [2024], uma do *EP Estilhaço* [2023], e um *mashup* numa música de Jackson do Pan-deiço".

Veterano da cena rock paraibana, Ilson Barros, vocalista da Zefirina Bomba, se diz muito feliz pelo convite lançado pela banda anfitriã. "Eu vejo essa galera nova fazen-

do a correria e sempre querendo dialogar com a gente. [...] Acho massa que essas coisas aconteçam; é uma turma que tá com gás para botar as coisas para frente. É uma galera que só soma — às vezes, até multiplicar", afirma Ilson.

Em *shows* anteriores, Wil Cor & Eletrocores pôde ampliar seus testes em públicos diferentes — como na capital paulista e nos sertões da Paraíba e do Rio Grande do Norte. "A receptividade foi sempre muito boa, pela pulsação que apresentamos", conta o vocalista. "Cortamos meia dúzia de canções do repertório anterior, só para o *show* ganhar uma dinâmica frenética, com um respiro apenas no meio".

Urgente em tratar da importância das questões afroindí-

genas, o disco circunda temas sobre etnicidade, negritude, tradição popular, rios, festas, diversão, dando conta das multiplicidades da existência. "Dizendo: 'Estamos aqui, vivos e pulsantes. Ninguém vai se salvar do amor que temos pela vida. Todo mundo vai ver'", comenta.

"Zefirina Bomba é, para mim, lendária, desde os tempos da MTV. Conhecê-los aqui, em João Pessoa, foi um grande prazer. O jeito que o Ilson toca aquele violão sujo, é o jeito que eu, Wil Cor, gostaria de tocar", confessa. "Será uma honra absurda dividir o palco com eles. Serão dois *shows* — estamos decidindo a ordem. Mas, beba água, estique as

pernas, pois vai ser lapada do começo ao fim. Estamos muito satisfeitos com o resultado do álbum; então, o *show* será absurdo".

Ninguém vai se salvar propôs-se a transmitir o entrosamento da banda no último ano, com registros no cru, sem *overdub*, em gravações repletas de *groove*, *jazz*, *sons da mata* e referências a tambores.

ONDE:

■ CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro, João Pessoa).



Apresentação da banda contará com todas as faixas do seu álbum de estreia, *Ninguém vai se salvar*

Foto: Divulgação/Wil Cor & Eletrocores

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Velho Cori!

Algumas coisas me fizeram muito bem na vida. Ter conhecido Coriolano Medeiros de Souza foi uma delas. Mais que ter conhecido, ter convivido com ele e ter privado de sua amizade íntima. Patoense, veio estudar Direito na capital e foi meu contemporâneo e meu companheiro de turma, recebendo o canudo, comigo, em 1978.

Coriolano era filho de Piauí, um popular lá das Espinharas. Diziam dele, seu pai, que jogara uma milhar no bicho, durante 16 anos seguidos, sem nunca, contudo, acertar. Num dia em que se esqueceu, não se sabe o porquê, de jogar, a dita milhar deu na cabeça. Piauí quase enlouqueceu. Essa e outras histórias marcaram decerto a personalidade singular e generosa do velho amigo.

Cori, como o chamávamos na roda dos mais achegados, concluiu seu curso de Ciências Jurídicas e Sociais na UFPB. Montou, comigo, escritório de advocacia em pleno Centro da cidade, embora logo percebêssemos que não tínhamos vocação para as lides forenses. Eu, mandei-me para São Paulo, atrás de um mestrado em Direito Penal. Ele fez concurso público para a Justiça Federal. Passou e dedicou-se a vida inteira, na função de técnico judiciário, aos serviços burocráticos daquela instituição.

Foi funcionário zeloso e dedicado. Deixou vestígios sinceros de amizade com todos. Desde o juiz togado ao mais humilde dos servidores, passando pelos auxiliares diretos, oficiais de justiça,

técnicos, serventes, copeiras, faxineiras e *office boys*. Sim, porque Cori tratava todos na mesma medida do respeito e da estima. Com a mesma humanidade, traço nuclear de seu modo de ser, sobretudo com os mais simples.

■ Outra paixão de Cori era a literatura. Leitor incansável, tinha, em Dostoiévski, seu país literário. [...] Zé Lins, Graciliano Ramos, Lima Barreto constituíam uma trindade especial na sua biblioteca subjetiva

Meu querido amigo era dado aos esportes. Amava uma pelada de bairro e fazia passeios e viagens, com seu grupo de ciclistas, pelas paisagens da geografia paraibana. Chegou a

ir, de bicicleta, à sua cidade Natal, a velha e quente Patos, de Ernani Sátiro e Alyrio Meira Wanderley. Imagino meu amigo, magrinho, já na altura dos 70, pedalando pela BR-230, correndo riscos, porém, desfrutando do calor e da beleza dos vales e campos que formam o reino sagrado das terras do Sertão.

Outra paixão de Cori era a literatura. Leitor incansável, tinha em Dostoiévski seu país literário. Apreciava, também, o ensaio de Virgínio Santa Rosa, intitulado *Dostoiévski, um cristão torturado*, que nos punha em discussão permanente. Sua filha mais velha chama-se Karine, e seu filho, o mais novo, tem por nome Dimitri. Isto, sem dúvida, quer dizer alguma coisa. Zé Lins, Graciliano Ramos, Lima Barreto constituíam uma trindade especial na sua biblioteca subjetiva. Cori era leitor de fôlego e sabia sentir o peso das palavras nas suas virtualidades sensíveis. Gostava de declamar poemas e de falar em público, sem temer a diversidade dos auditórios.

Homem de fé, convicto de sua força e imune à severidade dos paradoxos de Kierkegaard. Falava de Cristo com entusiasmo, conhecia a *Bíblia* como poucos e entregava-se à prática da caridade e do amor para com o próximo. A mim mesmo, principalmente, quando dividíamos, com outro amigo, uma república lá para as bandas do Castelo Branco, ajudou a equilibrar os rompantes e as esbórnias de jovem metido a intelectual, cético, ateu, besta e arrogante. Sua fé o levou, em definitivo, para a militância religiosa nos trabalhos diversos de evangelização.

A última vez em que o vi e estive com ele, já doente, vítima de um câncer no pâncreas, violento e voraz, foi no seu apartamento, lá em Manaíra. Proseamos à vontade. Falamos de um tudo: família, saúde, religião, literatura, futebol, política, trabalho, aposentadoria. Enfim, de tudo que regra o movimento ordinário da vida.

Quinze dias depois, alguém me telefona e diz: "Cori faleceu". E só lembrei-me dos versos do poeta e compadre Manuel Bandeira, no poema *Momento num café*, do livro *Estrela da manhã*: "[...] a vida é uma agitação feroz e sem finalidade [...] a vida é traição".

Saudade, velho Cori!

INTERNET

Livro-site aborda Chico e o cinema

Obra do jornalista Carlos Alberto Mattos diseca as relações entre o cantor e compositor e a sétima arte

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Até quando não fala diretamente sobre o cinema, Chico Buarque abre espaço para a sétima arte em seus versos. Em “Joana francesa”, composta a partir de inspiração no filme homônimo, com trilha sonora assinada por ele, há menção à atriz francesa Jeanne Moreau, estrela do longa-metragem de Cacá Diegues. Essas e outras curiosidades sobre a relação do artista com essa linguagem estão reunidas no livro-site *Chico Buarque – Ele faz cinema*, disponibilizado, gratuitamente, pelo pesquisador Carlos Alberto Mattos no início deste mês.

A inspiração para o autor foi o livro *Cine Subaé*, antologia organizada por Claudio Leal e Rodrigo Sombra, em torno dos escritos de Caetano Veloso sobre a sétima arte. Adicionados à referência-base, a admiração que Mattos tem, desde a juventude, por Chico. “Eu estava na

faculdade fazendo Jornalismo, nos anos 1970, quando o conheci. O caldo cultural e político da resistência estudantil me animava para procurar esse tipo de produção. Com as faixas mais políticas é que fui começar a me interessar e descobrir o lado mais poético dele”, afirma.

O projeto conta com quatro capítulos, autoexplicativos: “A música de Chico no cinema e o cinema nas músicas de Chico”, “Os li-

vros de Chico no cinema e o cinema nos livros de Chico”, “A vida de Chico no cinema e o cinema na vida de Chico” e “O teatro de Chico no cinema e o Chico ator de cinema”. Mattos explica que “a pesquisa durou um ano e cinco meses. Levantei os dados com o que existia de títulos com a participação dele. Recorri ao IMDb, à inteligência artificial e aos amigos. E cheguei a 60 filmes — uma conta redonda, até o momento”.

Escrutina-

das nessa iniciativa, as canções e dos filmes famosos cujos trechos estão disponíveis para o leitor — “Bye bye Brasil” e “Eu te amo”, escritas para os longas-metragens de mesmo nome, as adaptações cinematográficas, cuja matrizes vem de Chico (a exemplo de *Ópera do malandro*) e *Quando o Carnaval chegar*, em que ele atua com Nara Leão e Maria Bethânia. Mas também há espaço para raridades — uma delas, *Siembro viento en mi ciudad*, documentário

sobre uma viagem do cantor a Cuba, em que ele fala de cinema e futebol.

O livro-site é um formato de hipertexto criado por Carlos Alberto Mattos, com mescla de texto, áudio e vídeos e foi inaugurado com outras obras similares, incluindo “Fim de turno”, análise de filmes com ambientação fabril.

Apesar de não ter outra em-

preitada engatilhada, ele afirma que seus trabalhos futuros serão lançados nesse mesmo modelo. “Desanimei de fazer livros impressos e gosto desse modelo. Acho que é muito versátil, ele te permite atualizar, corrigir, mesmo depois do lançamento. E eu adoro editar”, conclui.



Pelo QR Code acima, acesse o livro-site gratuitamente



Chico Buarque foi ator em *Quando o Carnaval chegar* (1972, foto maior); compôs para filmes, como em *Bye bye Brasil* (1980); teve livros adaptados para a tela, como *Budapeste* (2009), e peças (como *Os Saltimbancos Trapalhães*, 1981)

Em Cartaz

Cinema

Programação de 9 a 15 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o *Cine RT*, em Remígio, e o *Cine Vieira*, em São Bento.

ESTREIAS

CINCO TIPOS DE MEDO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Bini. Elenco: João Vitor Silva, Bella Campos, Xamã, Bárbara Colen, Rui Ricardo Diaz. Drama/policial. Músico se envolve enfermeira presa a relacionamento abusivo com um traficante. Quatro prêmios no Festival de Gramado, incluindo melhor filme. 1h49. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h20, 16h, 18h45, 21h40.

A CONSPIRAÇÃO CONDOR. Brasil, 2026. Dir.: André Sturm. Elenco: Mel Lisboa, Nilton Bicudo, Pedro Bial, Don Stulbach, Maria Manoella. Drama/suspense. Durante a ditadura militar, jornalista investiga mortes suspeitas dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart. 1h55. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qua., 15/4; 16h; sex., 17/4; 16h; dom., 19/4; 17h; qui., 23/4; 18h10; ter., 28/4; 19h40.

O DRAMA (*The Drama*). EUA, 2026. Dir.: Kristoffer Borgli. Elenco: Zendaya, Robert Pattinson, Alana Haim. Drama/romance. Às vésperas do casamento, casal apaixonado é abalado por revelações. 1h46. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h; leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h30, 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: dom.: 16h40, 18h40, 20h45; seg.: 18h40, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 16h40, 18h40, 20h45; seg.: 18h40, 20h45. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 16h15, 18h30. CINE GUEDES 3: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 20h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 16h; seg.: 16h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 19h, 21h15. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 20h20.

OS ESTRANÇOS: CAPÍTULO FINAL (*The Strangers: chapter 3*). Espanha/EUA, 2026. Dir.: Renny Harlin. Elenco: Hannah Galway, Ema Horvath, Krystal Elsworth. Suspense. Sobreviventes de ataques de mascarados voltam a viver um pesadelo. 1h31. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 17h20; leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h40, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h. CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 17h20, 19h10, 21h. Campina Grande:

CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 17h20, 21h; leg.: 19h10. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 15h25. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 21h.

A FAMÍLIA DA FÉ (*Nosotros, los De la Fe*). México, 2024. Dir.: Julio Roman. Elenco: Sérgio Rogalto, Veronica Macias, Nastasha Cubria. Religioso/comédia. Família religiosa precisa lidar com pessoas que não veem a vida como eles. 1h58. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h.

O MAGO DO KREMLIN (*The Wizard of the Kremlin*). França/EUA, 2026. Dir.: Olivier Assayas. Elenco: Paul Dano, Alicia Vikander, Jeffrey Wright, Jude Law. Drama. Cineasta se torna improvável conselheiro de Vladimir Putin na Rússia. 2h32. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 17h50, 21h.

REAPRESENTAÇÃO

CREPÚSCULO (*Twilight*). EUA/Reino Unido, 2008. Dir.: Catherine Hardwicke. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Anna Kendrick. Romance/aventura. Jovem se apaixona por um misterioso colega de classe que revela ser um vampiro. 2h02. 12 anos.

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h.

QUEENS OF THE DEAD (*Queens of the Dead*). EUA, 2025. Dir.: Tina Romero. Elenco: Jaquell Spivey, Katy O'Brian, Quincy Dunn-Baker. Terror/comédia. Show de drag queens em Nova York é atacado por zumbis. 1h41. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dub.: dom., 12/4; 17h; ter., 14/4; 20h20; sex., 17/4; 20h20; qua., 22/4; 16h; dom., 26/4; 19h; qui., 30/4; 16h.

SÃO PAULO, SOCIEDADE ANÔNIMA Brasil, 1965. Dir.: Luiz Sérgio Person. Elenco: Walmar Chagas, Eva Wilma, Otelo Zelsoni, Darlene Glória, Ana Esmeralda. Drama. Homem vive crise existencial enquanto lida com amores e a vida profissional em São Paulo. 1h47. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 15/4; 18h10; dom., 19/4; 19h; qua., 22/4; 18h10; sáb., 25/4; 19h20; ter., 28/4; 16h; qui., 30/4; 18h10.

CONTINUAÇÃO

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 12/4; 19h.

O AGENTE SECRETO. Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joáílsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 13/4; 20h.

CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (*Hoppers*). EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aventura/animação. Pesquisadora usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, permitindo que ela interaja com animais e incite uma rebelião contra os humanos. 1h45. 6 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: dom.: 15h20. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dom.: 15h20.

DEVORADORES DE ESTRELAS (*Project Hail Mary*). EUA, 2026. Dir.: Phil Lord e Christopher Miller. Elenco: Ryan Gosling, Sandra Hüller, James Ortiz (voz). Ficção científica/suspense. Astronauta tenta impedir o Sol de ser destruído e recebe a ajuda de um ser alienígena. 2h36. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h15, 20h15; leg.: 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15, 17h30, 20h45. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.: 15h20, 20h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h20, 20h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 20h30. CINE GUEDES 2: dub.: 15h. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 17h15; seg.: 17h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 20h20. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h; seg. e qua.: 14h.

A GRAÇA (*La Grazia*). Itália, 2025. Dir.: Paolo Sorrentino. Elenco: Toni Servillo, Anna Ferzetti, Orlando Cinque. Drama. Presidente da Itália em final de mandato enfrenta dilemas morais. 2h12. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 14/4; 18h; qui., 16/4; 16h; qua., 22/4; 20h20; sáb., 25/4; 17h; seg., 27/4; 18h; qua., 29/4; 20h.

LUMIÈRE! A AVENTURA CONTINUA (*Lumière: l'aventure continue*). França, 2024. Documentário. Segunda coleção de curtas restaurados dos irmãos Lumière, pioneiros do cinema. 1h44. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 12/4; 15h; seg., 13/4; 18h; sáb., 18/4; 17h; qui., 23/4; 16h; dom., 26/4; 17h; qua., 29/4; 18h10.

NARCISO. Brasil, 2026. Dir.: Jefferson De. Elenco: Arthur Ferreira, Seu Jorge, Juliana Alves. Drama. Menino tem desejo atendido por um gênio de ganhar uma família rica, mas co-

meça a sentir saudade dos amigos. 1h30. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 15/4; 20h20; sex., 17/4; 18h10; ter., 21/4; 18h10; qui., 23/4; 20h20; sáb., 25/4; 15h; seg., 27/4; 16h; qui., 30/4; 20h20.

NUREMBERG (*Nuremberg*). Hungria/EUA, 2025. Dir.: James Vanderbilt. Elenco: Rami Malek, Russell Crowe, Michael Shannon. Drama. Em 1945, psiquiatra estadunidense avalia 22 nazistas que respondem julgamentos por crimes de guerra. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 21h30.

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (*The Super Mario Galaxy Movie*). Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h30, 16h45, 19h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 16h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h40, 16h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 3D: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser): dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 18h, 20h. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h10, 17h10, 19h15. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 3D: 14h40; 2D: 16h55, 20h; seg.: 15h15; 2D: 17h40, 20h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 3D: dom.: 18h30; seg.: 18h45. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h40, 16h45; seg.: 16h45. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 2D: 13h50, 18h10; 3D: 16h, 20h20; seg.: 2D: 16h, 20h20; 3D: 18h10. Remígio: CINE RT: dub.: 16h40, 18h30.

VELHOS BANDIDOS. Brasil, 2026. Dir.: Cláudio Torres. Elenco: Fernanda Montenegro, Ary Fontoura, Vladimir Brichta, Bruna Marquezine, Lázaro Ramos, Reginaldo Faria, Vera Fischer, Toni Tornado, Nathalia Thimberg. Comédia/policial. Casal idoso se junta a jovens parceiros para um audacioso roubo a banco. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h45, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 12h. CINESERCLA TAMBÁ 2: 18h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: 18h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 16h25, 18h25.

A VIDA SECRETA DE MEUS TRÊS HO-

MENS. Brasil, 2026. Dir.: Leticia Simões. Elenco: Nash Laila, Guiga Patriota, Giordano Castro. Drama/fantasia. Três fantasmas do passado retornam para mostrar como o Brasil chegou ao que é hoje. 1h15. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 13/4; 16h; qui., 16/4; 18h20; dom., 19/4; 15h; sex., 24/4; 18h10; ter., 28/4; 18h10.

YES (*Ken*). França/Chipe/Alemanha/Israel, 2025. Direção: Nadav Lapid. Elenco: Ariel Bronz, Efrat Dor, Naama Preis. Drama/comédia. Músico de jazz e dançarina vão compor um novo hino nacional. 2h30. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 14/4; 15h; sáb., 18/4; 19h; ter., 21/4; 20h; sex., 24/4; 20h; seg., 27/4; 20h20.

Teatro

HOJE

O DIÁRIO DA MAMÃE. Do Grupo de Teatro Circo sem Pano. Texto e direção: Bento Jr.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Domingo, 12 e 19/4, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados pelo whatsapp (83) 99869-1195.

QUIZALES. Baseado em romance de Tarcísio Pereira. Texto e direção: Flávio Melo. Com Arthur Alves, Alef Ribeiro, Rosa Carvalho, Aninha Barbosa, Leide Silva, Márcio Paulo, Domingos Soares, Giotto, Aldenor Souza, Paula Zimbrunes, Fernanda Tavares, Mary Santhos.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Domingo, 12/4, 19h. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 + 1 kg de alimento não perecível (meia).

Música

HOJE

PARAHYBA DREAMFUZZ. Evento com shows de Sorystate, Venus in Fuzz e Associação de Moradores (PE).

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 12/4, 18h. Ingressos: R\$ 15, antecipados na plataforma Shotgun.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/1º lote) a R\$ 50 (inteira/2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

ELEIÇÕES SUPLEMENTARES

Eleitor traça futuro de Cabedelo hoje

Mais de 53 mil pessoas vão às urnas para escolher prefeito e vice-prefeito; seções ficam abertas até as 17h

Eliz Santos
elzsantos17@gmail.com

Cidadãos de Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, escolhem, hoje, quem comandará o município até o fim de 2028. O sentimento entre os eleitores mistura esperança e cautela. Após sucessivos episódios de instabilidade política, o pleito carrega a missão de definir não apenas um gestor, mas o futuro institucional da cidade portuária. Do outro lado, candidatos apostam em discursos de reconstrução, continuidade de projetos e compromisso com a governabilidade.

As eleições suplementares em Cabedelo são uma resposta direta à crise política iniciada nas Eleições 2024. A Justiça Eleitoral identificou tentativas de interferência do tráfico de drogas e abusos de poder político e econômico, o que resultou, neste ano, na cassação dos mandatos do prefeito André Coutinho e da vi-

Segundo a juíza eleitoral Thana Michelle, caso não sejam registradas intercorrências, apuração dos votos deve ser concluída no início da noite

ce-prefeita Camila Holanda, além de tornar o ex-prefeito Vitor Hugo inelelgível.

A expectativa da Justiça Eleitoral é a de uma votação tranquila, com reforço na logística e no suporte aos eleitores. A juíza eleitoral da 57ª Zona Eleitoral, Thana Michelle Carneiro Rodrigues, projeta que, sem intercorrências, a apuração será rápida e, nas primeiras horas da noite, Cabedelo já deverá conhecer os nomes dos novos gestores.

A disputa

Dois candidatos concorrem ao comando do Executivo municipal, com propostas voltadas a demandas recorrentes da população, como desenvolvimento econômico, segurança e melhoria da gestão pública.

Edvaldo Neto (Avante), que tem como vice Evilásio Cavalcanti (Avante), defende a “devolução de Cabedelo aos cabedelenses”, com foco na valorização local. Natural do município, Edvaldo assumiu a prefeitura interinamente após deixar a presidência da Câmara Municipal, cargo que ocupava em seu segundo mandato como vereador.

Entre as propostas, destacou o fortalecimento da economia, geração de empregos, recuperação fiscal e o combate à perseguição a servidores públicos. Sobre a segurança, afirmou: “As organizações criminosas não terão partici-

pação na gestão. Atuaremos integrados com as forças estaduais e federais”, declarou.

Já Wallber Virgolino (PL), que tem como vice Morgana Macena (PL), é delegado de carreira e deputado estadual. Nascido em Pombal, no Ser-

tão paraibano, construiu sua trajetória na segurança pública e na gestão penitenciária. Ao abordar as primeiras medidas de uma eventual gestão, o candidato afirmou que pretende iniciar o mandato com uma revisão ampla da estrutura administrativa. “Vamos analisar altos salários, combater servidores-fantasmas e verificar quem realmente está trabalhando. Também queremos apurar possíveis ligações com o crime organizado dentro da gestão e fazer uma limpeza administrativa”, adiantou.

Logística e segurança

Para garantir a lisura do pleito, um robusto esquema de segurança foi montado. O eleitorado de 53.520 pessoas vota em 165 seções eleitorais, distribuídas em 30 locais. Ao todo, serão utilizadas 166 urnas eletrônicas, além de 16 urnas de contingência. Cerca de 500 mesários atuam no processo, com votação das 8h às 17h.

O esquema de segurança foi estruturado de forma integrada entre as forças policiais para garantir a tranquilidade do pleito. O superintendente da Polícia Federal (PF), Carlos Henrique de Oliveira Sousa, afirmou que a instituição está preparada para atuar como polícia judiciária eleitoral, acompanhando todo o processo.

“As eleições têm um papel fundamental para a democracia, e a PF tem um papel especial durante elas, que é ser polícia judiciária eleitoral. O que mais buscamos é evitar que o crime organizado influencie o processo eleitoral e garantir que o eleitor exerça seu direito em sua plenitude”, declarou. Ele também destacou a atuação conjunta com o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba [TRE-PB] para assegurar a lisura da votação.

Já a tenente-coronel do 21º Batalhão da Polícia Militar da Paraíba, Viviane Vieira, explicou que o planejamento da corporação vem sendo desenvolvido há vários meses. Segundo ela, cerca de 150 policiais estão mobilizados nos locais de votação e em patrulhamento motorizado.

Além da atuação em campo, o pleito também conta com reforço tecnológico a partir de uma cooperação institucional entre o TRE-PB e a Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Sesds). O acordo prevê o compartilhamento, em tempo real, das imagens de mais de 50 câmeras de videomonitoramento, permitindo a identificação de possíveis práticas de crimes eleitorais e o acionamento rápido das forças de segurança.

Além disso, a fiscalização será intensificada por meio dos canais oficiais de denúncia. A Justiça Eleitoral destaca que irregularidades podem ser comunicadas ao Ministério Público Eleitoral, à Delegacia de Polícia, ao Cartório Eleitoral e à Ouvidoria do TRE-PB, que estarão mobilizados para receber e apurar ocorrências ao longo de todo o pleito.

A juíza Thana Michelle destacou a importância do cumprimento das regras por candidatos e da participação consciente dos eleitores. “Aos candidatos, que atentem para as regras de propaganda eleitoral e para as vedações previstas na legislação neste período, mantendo o respeito às normas para que sejam evitados problemas durante o processo. Aos eleitores, que compareçam aos locais de votação. Estamos diante de uma eleição como qualquer outra, em que será escolhida a pessoa que irá gerir o município de Cabedelo até o próximo pleito”, afirmou.



Edvaldo Neto (canto superior) e Wallber Virgolino (canto inferior) disputam comando do Executivo na cidade portuária

Povo divide-se entre frustração e esperança

As expectativas para a nova gestão giram em torno de demandas históricas do município, como melhorias na infraestrutura urbana, segurança pública, saúde e geração de emprego. Em diferentes regiões da cidade, sobretudo nas áreas mais movimentadas e na orla, a cobrança por serviços básicos mais eficientes e maior presença do poder público é recorrente.

A comerciante Risoneide Rodrigues de Jesus, de 56 anos, chama atenção para a realidade de quem vive do trabalho à beira-mar. “Eu espero que melhore, aqui, a orla onde eu trabalho, falta banheiro público para os banhistas. A segurança pública e a saúde também precisam

melhorar”, reivindicou. Apesar dos desafios, o sentimento diante do pleito é de esperança. “A gente espera que as coisas mudem”, completou.

Já o aposentado Josivaldo Mangueira, de 66 anos, demonstra uma visão mais crítica em relação ao cenário político local. “Eu espero que quem assuma trabalhe pela cidade”, relata. Ele aponta a saúde como principal problema. “Está péssima. Nos hospitais e nos PSFs, só tem dipirona”. Para ele, as propostas não apresentam diferenças claras. “Os dois só falam a mesma coisa, o sentimento é de frustração. Posso dizer que a esperança que a gente tinha foi por água abaixo”, lamenta.

A diarista Priscila Silva,

de 40 anos, reforça a expectativa por mudanças concretas na gestão pública. “Espero que a nova eleição traga mais compromisso com a população, transparência na gestão e melhorias reais no dia a dia da cidade, não apenas promessas”, diz. Para ela, as prioridades devem estar centradas em áreas essenciais. “A saúde precisa garantir atendimento digno e sem demora; a educação deve ter mais investimentos e valorização dos profissionais; e a infraestrutura precisa avançar, com melhorias nas ruas, saneamento e organização urbana. A segurança também é um ponto importante”, destaca.

Ao avaliar os desafios do município, ela aponta problemas estruturais. “As ruas malconservadas e a falta de saneamento em algumas áreas ainda são realidade. A saúde também precisa melhorar muito, principalmente no acesso a consultas e exa-



Josivaldo Mangueira critica gestão da saúde pública



Risoneide Rodrigues anseia por melhoria no bem-estar social



Foto: Leonardo Ariel

Profissionais de saúde, operadores de planos de saúde e responsáveis por serviços públicos e privados estão sujeitos à lei

REGULAÇÃO

Governo institui Estatuto dos Direitos do Paciente

Norma garante confidencialidade de dados e presença de acompanhante

Da Redação
com agências

Com o objetivo de regular os direitos e as responsabilidades dos pacientes sob cuidados prestados por serviços de saúde de qualquer natureza ou por profissionais de saúde, o Governo do Brasil sancionou, na última semana, a Lei nº 15.378/2026, que cria o Estatuto dos Direitos do Paciente. O texto foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelos ministros Alexandre Padilha (Saúde) e Janine Mello dos Santos (Direitos Humanos e Cidadania).

Composto de um conjunto de normas que visam proteger aqueles que buscam serviços de saúde, o Estatuto dos Direitos do Paciente determina que estão submetidos às disposições da lei os profissionais de saúde, os responsáveis por serviços de saúde públicos ou privados e as pessoas jurídicas de direito privado que operam planos de assistência à saúde, sem prejuízo do cumprimento da legislação específica que rege suas atividades. O documento ressalta ainda que outros direitos dos pacientes previstos na legislação brasileira devem ser aplicados em conjunto com as disposições previstas na lei.

O capítulo que trata dos direitos dos pacientes é o núcleo central do estatuto. Conforme o texto, estão assegurados, entre outros, o direito de não ser tratado com distinção, exclusão, restrição ou preferência de atendimento baseados em sexo, raça, cor, religião, enfermidade, deficiência, origem nacional ou étnica, renda ou qualquer outra forma de discriminação que provoque restrições de seus direitos.

O estatuto também assegura o direito do paciente de contar com um acompanhante em consultas e internações, salvo quando o médico ou profissional responsável pelos seus cuidados entender que a presença do acompanhante pode acarretar prejuízo à saúde, à intimidade

ou à segurança do paciente ou dos outros.

A lei garante ao paciente questões como o direito à segurança, o que implica ambiente, procedimentos e insumos seguros. Nesse ponto, o paciente tem o direito de ser informado sobre a procedência dos insumos de saúde e dos medicamentos que lhe são destinados e de verificar, antes de recebê-los, a dosagem prescrita, eventuais efeitos adversos e outras informações que visem a assegurar-lhe sua segurança.

O texto orienta que a informação prestada seja acessível, atualizada e suficiente para que o paciente possa tomar decisão sobre seus cuidados em saúde e que ele tenha direito a intérprete ou, no caso de pessoa com deficiência, a meios que assegurem sua acessibilidade.

Também estão assegurados pelo estatuto a confidencialidade das informações sobre seu estado de saúde e seu tratamento e de outras informações de cunho pessoal; o consentimento ou não sobre a revelação de informações pessoais para terceiros não previamente autorizados, incluídos familiares; o direito de buscar segunda opinião ou parecer de outro profissional ou serviço sobre seu estado de saúde ou procedimentos recomendados; e o direito a cuidados paliativos e ao respeito às suas preferências, nos termos das normas do Sistema Único de Saúde (SUS) ou dos planos de saúde.

Responsabilidades

O estatuto também lista uma série de responsabilidades do paciente. Segundo a normativa, o paciente, ou a pessoa por ele indicada, é responsável por compartilhar informações sobre doenças passadas, internações e medicamentos dos quais faz uso e outras informações pertinentes com os profissionais de saúde, com vistas a auxiliá-los na condução de seus cuidados. A norma lista sete responsabilidades que devem ser mantidas pelos pacientes:

- seguir as orientações do

profissional de saúde quanto ao medicamento prescrito, de modo a finalizar o tratamento na data determinada;

- realizar perguntas e solicitar informações e esclarecimentos adicionais sobre seu estado de saúde ou seu tratamento, quando houver dúvida;

- assegurar que a instituição de saúde guarde uma cópia de suas diretivas antecipadas de vontade por escrito, caso tenha;

- indicar seu representante para os fins da Lei nº 15.378;

- informar os profissionais de saúde acerca da desistência do tratamento prescrito, bem como de mudanças inesperadas em sua condição;

- cumprir as regras e os regulamentos dos serviços de saúde; e

- respeitar os direitos dos outros pacientes e dos profissionais de saúde.

Termos

O estatuto define alguns termos fundamentais que orientam as disposições legais, sendo os principais:

- autodeterminação: capacidade do paciente de autodeterminar-se segundo sua vontade e suas escolhas, livre de coerção externa ou de influência subjulgante;

- diretivas antecipadas de vontade: declaração de vontade escrita sobre os cuidados, os procedimentos e os tratamentos que o paciente aceita ou recusa, a qual deve ser respeitada quando ele não puder expressar livre e autonomamente a sua vontade;

- consentimento informado: manifestação de vontade do paciente, livre de coerção externa ou de influência subjulgante, sobre os cuidados à sua saúde, após ter sido informado, de forma clara, acessível e detalhada, sobre todos os aspectos relevantes acerca de seu diagnóstico, prognóstico, tratamento e cuidados em saúde.

Cumprimento da lei

O Estatuto dos Direitos do Paciente apresenta mecanismos para assegurar que a norma seja cumprida. Entre eles,

estão a divulgação ampla e periódica dos direitos e deveres dos pacientes previstos no estatuto; a realização de pesquisas no mínimo bianuais sobre a qualidade dos serviços de saúde e a observância dos direitos estabelecidos; o estímulo a estudos e a pesquisas acadêmicas sobre os direitos e deveres dos pacientes; e o acolhimento de reclamação do paciente, de familiar e de outros interessados sobre o descumprimento dos direitos previstos no conjunto de normas.

O texto ressalta, ainda, que a violação dos direitos do paciente dispostos no estatuto caracteriza-se como situação contrária aos direitos humanos.

Tramitação

O Estatuto dos Direitos do Paciente teve origem no Projeto de Lei nº 2.242/2022, apresentado pelos deputados federais Pepe Vargas (PT-RS), Chico D'Angelo (PDT-RJ) e Henrique Fontana (PT-RS). O texto foi acatado pelo Senado em 11 de março, sob relatoria do senador Humberto Costa (PT-PE).

No dia da aprovação do projeto, o petista afirmou que a normativa trará resultados objetivos no cuidado aos pacientes, pois estabelece um conjunto claro de garantias, fortalecendo a "dimensão humana" do cuidado.

"Se esse estatuto já estivesse vigendo, com toda certeza nós poderíamos ter evitado esse terrível episódio acontecido aqui em Brasília, de várias pessoas que foram mortas por profissionais de saúde completamente indignos de serem classificados como tal", opinou.



Pelo QR Code acima, acesse o estatuto na íntegra

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (39)

Meu pai Arnaud Costa, em 1964, era secretário do prefeito Hugo Saraiva. Líder popular, Hugo estava à frente da prefeitura quando, em 1º de abril de 1964, os militares desviaram a rota da democracia, depondo o presidente João Goulart e mergulhando o país em uma longa noite de terror.

Hugo Saraiva foi o único prefeito da região que se recusou a aprovar o golpe. Pelo contrário, solicitou do seu secretário Arnaud Costa a redação de um documento oficial, no qual se arriscava a interceder pelos seus conterrâneos presos e protestar contra as arbitrariedades cometidas pelos militares, no afã de brutalizar a legalidade do país.

Acuados e indefesos, os demais prefeitos tiveram uma posição de covardia, receando a cassação e até mesmo a prisão física. Mas Hugo Saraiva foi altivo. Sem temer retaliações, decidiu lutar, mesmo diante do chicote da repressão que promovia prisões e perseguições aos políticos.

Sob pressão dos milicos, Hugo Saraiva renunciou ao cargo para não sofrer a desfeita de ser cassado, com seus direitos políticos cancelados.

A velha Itabaiana, cenário de batalhas históricas pela liberdade, não se rendeu. Representada pelo seu prefeito, Itabaiana disse não ao golpe dos militares. E meu pai foi o redator da nota de repúdio à Ditadura Militar. Por isso, foi perseguido pelo regime.

"Não é à toa que você é filho do jornalista Arnaud Costa e parente de Socorro Costa, dois marco na história jornalística de Itabaiana. Você escreve bem e sabe como dizer as verdades que ninguém gosta de ler. Tiro o chapéu para você, meu amigo sempre" (Orlando Araújo).

O artista plástico Orlando Araújo está no meu livro *Artistas de Itabaiana*. Ele mora no Recife. É um itabaianense de minha geração. Retificando: Socorro Costa era grande amiga do meu pai, mas não eram parentes.

Madame Preciosa prevê muitos anos de vida para Bebê de Natércio, que ele enfim se conciliará com os crentes depois da grande calamidade, conforme o vaticínio de Raulzito: "No fim dos tempos, o bem e o mal andarão de braços dados sobre as cinzas da cidade."

Não tenho medo de baratas. O meu problema com elas é que são traiçoeiras. Voam na nossa direção sem um plano de voo definido.

"Uma mulher que trabalha com as mãos é uma operária; uma mulher que trabalha com as mãos e o cérebro é uma artesã; mas uma mulher que trabalha com as mãos, o cérebro e o coração é uma artista" (Vi num blog de artesanato).

É algo sério, meio grave, piora com o envelhecimento: alterações cíclicas de humor. Estou ficando um velho chato.

A verdadeira causa da extinção dos dinossauros foi excesso de colesterol, porque eles comiam muito baião de dois, fava com carne de sol, rubacão e buchada de bode, comidas típicas de Souza, Paraíba.

Sérgio Botelho tem razão: sem mulher, a humanidade vai para o buraco. No foguete americano, entupiu o sanitário. Por sorte, a missão contava com a astronauta e engenheira eletricista Christina Koch para resolver o problema.

"A televisão é o ópio do povo". Não sei quando foi que Karl Marx disse isso, mas sei que foi há muito tempo porque a televisão nem havia sido inventada ainda (Sonsinho).

"Morta minha mãe. Sozinho no mundo, tive a sensação da injustiça da vida e concluí que Deus em absoluto não existia. Mas o sentimento foi de paz, que durou para sempre, com relação à religião: a paz da descrença" (Millôr).

"A poesia namora com o silêncio", disse o poeta Adriano Espinola.

NOVO CÓDIGO CIVIL

Herança digital será regulamentada

Alteração na legislação visa normatizar os procedimentos adotados com este patrimônio após a morte do cidadão

Ricardo Westin
Agência Senado

Depois que uma pessoa morre, o que acontece com seu patrimônio digital? Quem fica com os perfis nas redes sociais, os arquivos em nuvem, as contas de games, as milhas aéreas, os créditos em aplicativos, as moedas virtuais e até mesmo as fotos, os textos e as conversas guardadas no computador e no celular? Não existem leis que disciplinem a questão no Brasil. Cada família resolve o problema à sua maneira, no improviso. Mesmo quando o caso é levado à Justiça, os juízes emitem decisões conflitantes.

A advogada e professora Ana Carolina Brochado Teixeira, organizadora do livro *Herança Digital: controvérsias e alternativas*, faz ponderações sobre o tema. “Um canal no

YouTube com milhões de seguidores pode valer mais que uma casa, um apartamento. Embora o mundo digital ocupe uma grande parte das nossas vidas, as leis do direito das sucessões não acompanharam essa nova realidade”, afirma.

Para preencher a lacuna na legislação e dar segurança às pessoas, o Senado estuda um projeto de reforma do Código Civil que, entre outras novidades, reconhece e normatiza a herança digital (PL nº 4/2025).

O caso da cantora Marília Mendonça é ilustrativo da dimensão que o patrimônio digital pós-morte pode ter. Ela morreu em 2021 e seu perfil no Instagram passou a ser administrado pela família, que o mantém atualizado com vídeos e fotos da artista. Marília Mendonça tem hoje nada

menos que 39 milhões de seguidores. Como comparação, a também cantora Ivete Sangalo contabiliza 37 milhões.

Intimidade e privacidade

O projeto de lei em análise no Senado preocupa-se não apenas com a herança digital e quem a receberá, mas também com a intimidade e a privacidade do falecido — direitos fundamentais garantidos pela Constituição.

Em razão desses direitos, nem tudo é herdável. A parte do patrimônio que se referir à vida privada da pessoa que morreu, de acordo com o projeto, não poderá ser acessada pelos herdeiros. É o caso de fotos, vídeos, áudios, mensagens e textos, por exemplo, que não entrarão no inventário.

Dessa maneira, também ficarão protegidas a intimida-



Lei pretende definir a situação de perfis nas redes sociais, arquivos em nuvem, contas em aplicativos e outros patrimônios digitais

de e a privacidade de terceiros que eventualmente apareçam no material digital deixado pelo falecido.

O que poderá ser transmitido aos sucessores será a parcela do patrimônio que tiver

valor econômico, o que inclusive exigirá o pagamento do imposto sobre heranças. É o caso de milhas aéreas, criptoativos e perfis monetizados nas redes sociais (com grande número de seguidores e, por

isso, com publicidade de produtos e serviços).

Mesmo nos perfis monetizados que passam para o controle dos herdeiros, o acesso às mensagens de caráter privado fica proibido.

Ausência de normas gera incertezas e cria cenário de confusão judicial

A advogada e professora Patrícia Corrêa Sanches, presidente da Comissão de Tecnologia do Instituto Brasileiro de Direito da Família e Sucessões (IBDFAM), diz que a criação de regras legais para o patrimônio digital é necessária não apenas nos casos de morte, mas também nos de divórcio.

Segundo a advogada, a ascensão da sociedade tecnológica fez surgir uma gama de bens digitais que não existiam. “As pessoas investem em criptoativos, jogos eletrônicos e perfis nas redes sociais, que podem acumular seguidores e likes e se tornar valiosos. É necessário que a legislação, agora, diga quais são esses bens e como lidar com eles. Existem profissionais do direito que, por desconhecê-los, não sabem como proceder no inventário ou na partilha para o divórcio. As próprias empresas de tecnologia que abrigam o patrimônio digital adotam regras variadas”.

A ausência de legislação criou um cenário de confusão judicial. Enquanto uma parte dos juízes vem liberando para os herdeiros apenas o patrimônio com valor econômico, outra parte tem concedido acesso irrestrito aos ativos digitais do falecido, inclusive os de caráter privado e íntimo.

Diante desse cenário, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) estabeleceu, no fim do ano passado, um precedente importante. No julgamento de um caso envolvendo as vítimas de um acidente de helicóptero em 2016, levado ao STJ depois que a Apple negou-se a liberar o acesso dos inventariantes aos celulares dos falecidos, uma das turmas do tribunal decidiu praticamente o mesmo que determina o projeto de atualização do Código Civil: apenas os ativos digitais com valor econômico podem ser liberados.

A relatora do caso no STJ, ministra Nancy Andrighi, determinou que, enquanto o Congresso Nacional não aprovar uma lei sobre o tema, as famílias precisarão abrir uma ação judicial para a herança digital, anexada ao processo do inventário tradicional. Caberá a um profissional especializado — o inventariante digital — separar os ativos entre os que têm valor econômico e os que se referem à vida privada.

Tendo valor monetário ou não, o perfil de uma pessoa que morreu jamais será apropriado pela empresa que administra a plataforma, segundo o projeto de reforma do Código Civil. A exclusão definitiva da conta ou a transformação em memorial (o perfil permanece no ar, como uma espécie de álbum de memórias, mas sem ser atualizado) poderá ser manifestada pelo próprio usuário em vida ou solicitada pelos sucessores legais. Caso não haja herdeiros, a *big tech* precisará apagar o perfil.

A proposta abre uma única exceção para o acesso a bens digitais de caráter íntimo: por determinação da Justiça, e sempre de forma justificada.

Manifestação em vida

A advogada Ana Carolina Teixeira afirma que o ideal é que as pessoas manifestem em vida seu dese-

■ **Realização de um testamento pode garantir à família o acesso irrestrito aos dados digitais pós-morte**

jo. “O próprio usuário pode ter controle da situação por meio de um planejamento sucessório, informando em testamento que os familiares possam ter acesso a fotos ou a determinados aplicativos, deixando, para isso, as senhas”, explica.

De acordo com ela, o testamento é importante até mesmo para que a família resgate investimentos dos quais poderia nunca se tomar conhecimento, caso não constassem do documento sucessório. “No caso dos bens tradicionais, como imóveis e contas bancárias, é difícil que algo passe despercebido pelos herdeiros, já que os sistemas são interligados e a Receita Federal cruza informações. Para os criptoativos e outros bens digitais, a situação é diferente. Nem sempre existem corretoras envolvidas e muitas vezes só o titular tem acesso. Por isso, é fundamental que fique claro no testamento quais dados e perfis a pessoa deseja transmitir como legado”.

Saiba Mais

Reforma tramita no Congresso:

■ Um dos pilares do sistema jurídico brasileiro, o Código Civil é responsável por organizar as regras das relações privadas — desde contratos e propriedade até divórcio e herança. A lei atual foi criada em 2002, momento em que a internet ainda era rudimentar e os smartphones sequer existiam. Desde então, o código passou por ajustes pontuais, mas boa parte dele ainda reflete a realidade social da virada do milênio, em descompasso com as questões impostas pela sociedade digital. Para enfrentar a defasagem, uma comissão de juristas foi criada em 2023, para redigir uma minuta de reforma da legislação. O Código Civil em vigor reúne cerca de dois mil artigos. O projeto de reforma modifica ou revoga quase 900 e cria outros 300, mas o texto deverá sofrer mudanças durante a tramitação no Congresso.

Mudanças antecipam debate sobre neurotecnologias e neurodireitos

Prevendo que a tecnologia continuará avançando e ocupará um espaço ainda maior na vida das pessoas, um novo capítulo proposto também cria os chamados neurodireitos. Trata-se de um conjunto de direitos voltados a proteger a mente humana das neurotecnologias, como implantes cerebrais, que poderiam ler e até mesmo manipular o pensamento.

Atualmente, os implantes estão restritos a pesquisas médicas. Os *chips* cerebrais podem, por exemplo, interpretar os sinais neurais da pessoa com paralisia e permitir que ela comande um computador ou um membro artificial por meio do pensamento. Podem, ainda, enviar sinais elétricos ao cérebro da pessoa epilética de modo a bloquear os impulsos anormais e impedir convulsões.

O advogado Ricardo Campos, professor da Universidade de Frankfurt e integrante da comissão de juristas que propôs a reforma do Código Civil, afirma que o problema surgirá quando esses dispositivos saírem da esfera médica e ganharem a capacidade de recolher e processar os dados mentais dos pacientes. “A próxima fronteira da economia digital é o cérebro humano. Se antes o foco estava nas redes sociais e na extração de dados para publicidade, agora está migrando para as informações neurais. Os neurodireitos antecipam proteções contra a intromissão tecnológica no cérebro, que é uma base de dados mais valiosa que a gerada pelas redes sociais, já que armazena o conhecimento e a experiência da pessoa, além de informações a respeito de terceiros. É preciso impedir que o nosso patrimônio cognitivo seja usado de maneira indevida”, aponta.

A adoção das neurotecnologias pelas *big techs* já se desenha no horizonte. O empresário Elon Musk, dono da

rede social X (antigo Twitter), aposta nesse ramo. Ele é proprietário da Neuralink, empresa de *chips* cerebrais que, até o momento, implantou dispositivos com fins médicos em 12 voluntários.

Os neurodireitos seriam uma nova geração de direitos humanos. No projeto de modernização do Código Civil, eles estabelecem, por exemplo, que a pessoa não poderá ser coagida a utilizar a neurotecnologia. Quando decidir usá-la, com fins médicos ou até para expandir a inteligência, seus dados cerebrais não poderão ser captados sem autorização nem vendidos. Os dispositivos, além disso, não poderão induzir pensamentos e comportamentos nem interferir na própria identidade pessoal.

A advogada Patrícia Sanches, do IBDFAM, explica que as mudanças têm como base o cenário atual. “Hoje, observamos a manipulação de pensamentos e comportamentos pelos algoritmos, que são uma interferência de fora para dentro. O que mudará é que a manipulação ocorrerá diretamente dentro de nós. O risco é que a neurotecnologia seja usada tanto com objetivos comerciais quanto com intenções políticas, direcionando opinião, ideologia e voto. Sem regras, poderá até mesmo corroer a democracia”, destaca.

Os neurodireitos, no entanto, enfrentam críticas. O advogado Eduardo Tomasevicius Filho, professor de Direito Civil e Direito Digital da Universidade de São Paulo (USP), classifica a iniciativa como “fantasia jurídica antecipada” e, portanto, “desnecessária”. “Trata-se de uma completa subversão das coisas. Nas primeiras aulas de Direito, os alunos aprendem que o fato aparece primeiro e só depois vem a regulamentação desse fato. No caso dos neurodireitos, simplesmente não existe o fato e, portanto,

“

Os neurodireitos antecipam proteções contra a intromissão tecnológica no cérebro

Ricardo Campos

nada a ser regulamentado. As neurotecnologias estão sendo desenvolvidas para reabilitar pessoas com deficiência, mas ainda estão longe de captar o pensamento e modificar o ser humano”, argumenta.

O professor da USP avalia que a ideia dos neurodireitos foi adotada no Brasil de forma acrítica. O termo foi cunhado pelo neurocientista espanhol Rafael Yuste, em 2017, e já aparece em documentos da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e debates da União Europeia. De forma pioneira, o conceito foi incluído, em 2021, na Constituição do Chile, a qual destacava, diante do avanço científico e tecnológico, a “atividade cerebral” e a “informação proveniente dela” deveriam ser protegidas.

O advogado Ricardo Campos, da comissão de juristas do Senado, contra-argumenta que é mais fácil regular antes de as neurotecnologias estarem disseminadas do que depois. “Basta vermos o que ocorre hoje com as *big techs*, que resistem à regulamentação de suas atividades. De qualquer forma, o que se propõe para os neurodireitos no Código Civil são princípios, como a proteção da autonomia privada, e não minúcias, de modo a não desencorajar a inovação tecnológica”.

NORDESTE

Editais ofertam 209 vagas na região

Certames selecionarão candidatos a cargos efetivos na PMRN e na PGE-AL e a professores visitantes na UFPB

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Mudar de rota profissional pode até parecer um plano difícil de tirar do papel, mas os concursos desta semana ajudam a recolocar essa possibilidade no horizonte. Aqui no estado, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) abriu uma seleção robusta para professor visitante, com vagas em dezenas de áreas e salários que passam de R\$ 26 mil. Já no Rio Grande do Norte, a Polícia Militar lançou um novo certame voltado às áreas de saúde e música. Enquanto isso, em Alagoas, a Procuradoria-Geral do Estado (PGE-AL) abriu disputa para uma das carreiras mais cobiçadas do serviço público: a de procurador.

Fôlego acadêmico

Na Paraíba, o destaque da semana é o processo seletivo promovido pela UFPB para professor visitante, nos níveis júnior, pleno e sênior. Ao todo, são 53 vagas distribuídas por diferentes áreas do conhecimento, o que faz do edital uma ótima oportunidade para pesquisadores e docentes. Há vagas em campos como Biotecnologia, Física, Matemática, Química, Psicologia, Direito, Economia Aplicada, Gestão Pública, Computação, Artes, Educação, Enfermagem, Fonoaudiologia, Ciências da Saúde e Ciências Ambientais, entre outros.

O regime de trabalho é de dedicação exclusiva, com remuneração que varia de R\$ 9,6 mil a R\$ 26,3 mil, a depender do nível do cargo. Para participar da seleção, o candidato tem até 27 de abril para efetuar a inscrição diretamente na unidade acadêmica responsável ou pelo respectivo e-mail, conforme as orientações do edital. A taxa cobrada é de R\$ 250. Vale lembrar que as 53 vagas estão distribuídas



Concurso da Procuradoria-Geral de Alagoas chama atenção pelo salário, que chega a R\$ 35,8 mil; são 10 vagas para graduados em Direito inscritos na OAB

entre os centros de ensino de João Pessoa e Areia.

Quanto à seleção, ela será composta por prova de títulos e avaliação do plano individual docente, etapas previstas para o período de 11 a 22 de maio. No caso do contrato, a duração pode chegar a até dois anos para professor visitante estrangeiro e um ano para professor visitante nacional, com possibilidade de prorrogação conforme o interesse da universidade.



Por meio do QR Code, acesse o edital da UFPB

Saúde e música

No Rio Grande do Norte, por sua vez, o novo concurso da Polícia Militar potiguar chama atenção por abrir espaço para a formação de praças nas áreas de saúde e música, em um edital voltado a candidatos com nível superior. São 146 vagas no total, distribuídas entre o Quadro de Praças de Músicos e o Quadro de Praças de Saúde. No caso dos músicos, há oportunidades para especialidades como flauta transversal, clarinete, saxofone, trompete, trombone, trompa, tuba, bateria e percussão erudita. Já entre os profissionais de saúde, o concurso contempla vagas em Radiologia, Farmácia, Enfermagem e Saúde Bucal.

De acordo com o edital, durante o Curso de Formação de Praças, o aluno-soldado receberá uma remuneração inicial de R\$ 1,6 mil, além de auxílio-alimentação de R\$ 20. Já após

a conclusão, o valor será reajustado conforme a graduação de soldado. Para os interessados, a inscrição deve ser feita, exclusivamente, pelo site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural Assistencial (Idecan) até amanhã, mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 130.

A seleção dos futuros soldados será composta por várias etapas, incluindo exame intelectual, prova objetiva, teste de condicionamento físico, inspeção de saúde, avaliação psicológica, heteroidentificação e investigação social, além de exames de habilitação musical e de saúde, conforme o curso escolhido. No caso da prova objetiva, ela está marcada para 14 de junho e será aplicada nas cidades de Caicó, João Câmara, Mossoró, Natal, Nova Cruz e Pau dos Ferros. Já as fases seguintes ficarão concentradas em Natal.



Escaneie o QR Code para ler o edital do certame potiguar

Carreira jurídica

Dolado de Alagoas, a PGE-AL abriu um novo concurso para o cargo de procurador do Estado, classe inicial — carreira que chama atenção não só pelo peso institucional do cargo, mas, também, pelo salário. A remuneração pode chegar a R\$ 35,8 mil por uma jornada de 20 horas semanais. Ao todo, o edital oferece 10 vagas imediatas, além de cadastro reserva, para profissionais graduados em Direito e inscritos na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

As inscrições começam amanhã e vão até 18 de maio, por meio do site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebbraspe), com taxa fixada em R\$ 450. O concurso contará com provas objetiva e discursiva, marcadas para os dias 11 e 12 de julho, além de prova oral e análise de títulos. Todas as etapas acontecerão em Maceió.



Acesse o site do Cebbraspe por meio do QR Code

Papel do economista envolve ler números para tomar decisões

Juros, inflação, câmbio, taxa de desemprego. Embora esses termos apareçam com frequência no noticiário, nem sempre fica claro que, por trás deles, existe uma profissão voltada, justamente, a interpretar como essas variáveis moldam o presente e influenciam o futuro. Diferentemente do imaginário popular, o economista não trabalha com números soltos, mas com relações, contextos e, sobretudo, consequências. Não à toa, seu trabalho envolve muito mais do que cálculos, passando pela análise de cenários, avaliação de políticas e produção de indicadores. Em uma época marcada por grandes volumes de dados e informações que mudam a todo instante, essa capacidade de leitura torna-se ainda mais necessária.

Quem ajuda a traduzir a amplitude dessa profissão é o economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Cássio Bessaria. Segundo ele, uma das

características mais marcantes da área é a diversidade de caminhos que ela oferece. Há frentes mais ligadas à Matemática e à Estatística, incluindo projeções econômicas e análise de cenários, assim como a campos menos óbvios, como História e Direito. “Trata-se de um curso com várias áreas de atuação. Hoje, um economista com domínio de algumas ferramentas matemáticas tem uma boa inserção no mercado”, avalia Cássio, citando que a formação não fica restrita a um único perfil profissional.

Versatilidade

Isso ajuda a explicar por que o economista pode circular por áreas bastante diferentes entre si. Para além do mercado financeiro, sua atuação também alcança instituições de pesquisa, espaços de gestão, universidades, órgãos de fomento e o setor público. Como observa Cássio, ainda é possível atuar como professor, pesquisador e gestor,



Para Cássio Bessaria, área é diversa e tem impacto social

o que evidencia a versatilidade da carreira e seu valor estratégico. Por oferecer uma leitura contextual da realidade, ele exerce um papel social muito forte. “Com o tempo, você percebe que as políticas desenhadas ou propostas pelo economista influenciam a vida de muita gente”, observa.

Não por acaso, a atuação desse profissional sempre foi bastante decisiva — e agora, diante do avanço acelerado da ciência de dados, mais

do que nunca. Assim como a maioria das profissões, a Economia tem atravessado um período turbulento de adaptação, marcado por grandes volumes de informação. Por isso, o especialista destaca que o economista do presente e, sobretudo, do futuro precisa não apenas produzir números, mas saber lê-los, filtrar o que importa e transformá-los em projeções e decisões mais precisas. “Um bom economista deve dominar tanto a geração de indica-

dores quanto a interpretação deles”, afirma.

Atualização

De fato, essa mudança não é pequena. Como ele explica, se antes uma política podia ser pensada no trimestre ou até no ano, o ritmo de hoje é outro, pressionado pelo bombardeio de dados e efeitos que podem ser sentidos no mesmo dia — e, às vezes, até na mesma hora. É nesse ambiente mais acelerado que a profissão evoluiu, incorporando métodos computacionais, modelagens e análise de dados. “Para mim, esse é o grande ‘quê’ da questão: tentar adaptar uma realidade já consolidada no mundo a um cenário de alta disponibilidade de dados e garantir que as decisões sejam tomadas com a maior acurácia possível”, resume Cássio.

Mas essa atualização tecnológica, por si só, não basta. Para o especialista, o economista moderno precisa reunir diferentes camadas de

formação. Microeconomia e macroeconomia continuam sendo disciplinas indispensáveis, mas elas precisam caminhar junto de um olhar histórico, capaz de entender o que deu errado no passado, o que pode ser corrigido e o que merece ser retomado. No fim, é essa costura entre técnica, memória e interpretação que dá densidade à profissão.

Oportunidade

Para quem atua na área e deseja seguir pelo mundo acadêmico, o processo seletivo aberto pela UFPB traz uma vaga para professor visitante sênior em Economia Aplicada, inserida no programa de pós-graduação da universidade, em João Pessoa. A oportunidade no Campus I demanda dedicação exclusiva e doutorado em Economia, além de trajetória acadêmico-científica compatível com a função, incluindo experiência comprovada em instituições estrangeiras.

Selic

Fixado em 18 de março de 2026

14,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-1,02%

R\$ 5,011

Euro € Comercial

-0,84%

R\$ 5,877

Libra £ Esterlina

-1,45%

R\$ 6,748

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Dezembro/2025 0,33

Novembro/2025 0,18

Ibovespa

197.323,88 pt

+1,12%

ROTINA EMPRESARIAL

Excesso de reuniões drena eficiência e afeta resultados

Por mês, são 14 horas gastas em encontros improdutivos, segundo pesquisa

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Um profissional, em média, passa cerca de dois dias úteis – 14 horas – em ligações virtuais e salas de reunião por mês. Semanalmente, conferências de alinhamento e planejamento consomem até cinco horas semanais do expediente. No entanto, o tempo gasto em diálogo dificilmente se converte em produtividade: mais de 70% dos trabalhadores brasileiros acreditam que metade desses encontros é desnecessária e poderia ser substituída por um e-mail, de acordo com uma pesquisa recente da plataforma de gestão empresarial Bitrix24.

“Muitas empresas ainda acham que estar em reunião é um sinal de produtividade e isso não é verdade. Quando não tem uma forma clara e objetiva de reunião, isso se torna um ciclo vicioso, ou seja, quando a cultura valoriza mais sempre estar disponível do que a própria entrega do resultado, as pessoas acabam ficando presas em reuniões o tempo todo. E sim, existe uma visão totalmente errada de que quem participa de reuniões é o que mais produz. Quando, na verdade e na prática, não é bem assim. Porque o tempo em que ele está em reuniões, ele não está executando a sua tarefa. Isso atrasa o resultado constantemente e também gera uma pressão no próprio funcionário”, revela Gilmar Souza, consultora empresarial e especialista em gestão estratégica.

Esse gargalo de produtividade traz despesas tanto cognitivas quanto econômicas. Encontros constantes, segundo o levantamento, interrompem o andamento de demandas individuais e impedem a concentração ao longo do dia de trabalho. “Reuniões desnecessárias quebram totalmente o foco da



Foto: Reprodução/FreePik

Mais de 70% dos brasileiros acreditam que e-mails podem substituir metade das reuniões

pessoa e diminuem bastante a produtividade. O colaborador precisa parar uma tarefa muito importante para entrar em uma reunião que, muitas vezes, nem precisa ser feita. Nisso, ele vai acumulando trabalho, o que gera sobrecarga e também estresse, porque ele não consegue avançar no que realmente precisa. No fim, a pessoa trabalha mais tempo e produz menos”, avalia.

Empresas que realizam menos reuniões e dedicam-se à execução otimizam tempo e conquistam resultados melhores do que as concorrentes, como aponta Gilmar. A especialista afirma que uma conferência só é indispensável quando alinha estratégias, estabelece decisões em conjunto ou resolve problemas. Caso contrário, uma mensagem direta por e-mail ou outra modalidade de comunicação assíncrona cumpre o propósito de maneira mais eficiente.

“Se não precisar de uma conversa na hora, troca de ideia ou decisão em grupo, não precisa ter uma reunião. É preciso ter um objetivo claro, saber realmente o que vai ser tratado e ter um tempo definido. Sempre

acontecem conversas aleatórias em reuniões e, se o mediador não intervir e focar exatamente na pauta, elas vão se estender mais tempo e, consequentemente, desviar o foco do que realmente tem que se resolver. Outro ponto é apenas chamar quem realmente precisa estar ali, quem vai resolver ou tratar do assunto da reunião. Não se deve fazer uma reunião com grandes quantidades de funcionários que não precisam estar presentes”, aconselha.

Corporações que treinam os recém-contratados e pré-estabelecem funções dentro de uma equipe, ao lado de cada profissional, evitam reuniões excessivas e eventuais reajustes de metas. O que define a administração da rotina de tarefas, do processo seletivo ao dia a dia de trabalho, é a cultura organizacional da empresa.

“Gestão de tempo não é fazer mais coisas. É fazer realmente o que importa dentro de cada função. No início, você pode perder um tempo para treinar tal funcionário, com tal função que você deseja, mas isso é um investimento ao longo do tempo, porque vai reduzir

ruídos de comunicação. Você vai contratar um funcionário que entrega exatamente o que você pediu”, pontua.



Foto: Arquivo pessoal

“É preciso ter um objetivo claro, saber o que vai ser tratado e ter um tempo definido[...] Outro ponto é apenas chamar quem realmente precisa estar ali

Gilmar Souza

Corporações temem abandono das atividades

Todos os dias, o analista de recursos humanos Marcos Lima costuma dedicar de duas a três horas de trabalho a reuniões. Entre encontros de alinhamento com a diretoria, o setor administrativo e líderes de outras equipes, muitos envolvem estratégias vitais à empresa: acompanhamento de indicadores, demandas de colaboradores e até planejamento de ações internas. Apesar disso, pelo menos 30% dos assuntos debatidos caberiam em um e-mail bem estruturado ou uma mensagem via WhatsApp.

“Às vezes, a reunião acontece mais por hábito do que por necessidade normal. Falta um pouco de filtro antes de marcá-las”, assume, acrescentando

que reunião que considera produtiva é aquela que tem um objetivo claro e, principalmente, a que termina já com encaminhamento. “Quando é uma reunião muito aberta, sem foco, que só vira conversa, acaba desgastando e não gera resultados. Acaba sendo um tempo que a gente poderia estar utilizando para otimizar outras coisas, algo que poderia ter sido resolvido de outras formas”, comenta.

A pesquisa da Bitrix24 indica que as empresas temem um abandono das atividades com a redução da frequência de conferências. No entanto, dos entrevistados, 53,62% usariam esse intervalo para organizar tarefas e 29% trabalhariam em silêncio, enquanto 15,14% tomariam um

café e apenas 2,24% passariam esse período nas redes sociais.

Na verdade, como mostra o analista, o que pode afetar o rendimento do empregado é o próprio excesso de reuniões. Em certas ocasiões, ele já precisou ajustar informações fora do horário ou reorganizar o dia para dar conta dos prazos, devido ao número de encontros durante o expediente. “Quando o dia fica muito fragmentado com reuniões, é difícil entrar em um estado de foco mais profundo. Isso pode gerar uma certa frustração, porque você sente que trabalhou o dia todo, mas não conseguiu avançar tanto como queria nas atividades mais importantes”, conta.

Para ele, três parâmetros de-

vem estruturar conferências corporativas, para que sejam um bom instrumento de gestão: o envio prévio de uma pauta aos empregados envolvidos, a definição de um intervalo de tempo máximo para o debate e o registro das soluções estabelecidas ao longo da discussão.

“Falta um pouco mais de cultura de comunicação objetiva. Muitas coisas poderiam ser resolvidas com bom uso do e-mail, mensagem ou até ferramentas colaborativas. A gente até utiliza essas alternativas, mas tem uma preferência por resolver tudo em reunião. Se houvesse um critério mais claro para definir o que realmente precisa esse contato ajudaria a reduzir esse volume”, reflete.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Custo de vida pressiona famílias na Paraíba

A economia costuma ser explicada por indicadores como PIB, juros e mercado de trabalho. Mas, para a maioria das famílias, ela é sentida de forma simples: no supermercado, no posto de combustível e na compra do botijão de gás. Por isso, a divulgação do IPCA e do INPC de março recoloca no centro do debate aquilo que a população sente antes de qualquer indicador: o custo de vida.

O dado oficial do IBGE confirmou essa pressão. O IPCA ficou em 0,88%, em março, acima dos 0,70%, de fevereiro. No acumulado do ano, soma 1,92% e, em 12 meses, 4,14%. Mais importante do que o número, porém, é a composição da alta: transportes e alimentação e bebidas responderam, juntos, por 76% do índice do mês. A gasolina subiu 4,59%, enquanto a alimentação no domicílio avançou 1,94%, a maior alta desde abril de 2022.

O INPC reforça ainda mais essa leitura. Em março, o índice subiu 0,91%, acima dos 0,56% de fevereiro. No ano, acumula 1,87% e, em 12 meses, 3,77%.

Como o índice mede a inflação para famílias com renda de um a cinco salários mínimos, mostra, de forma mais clara, como a pressão inflacionária atinge o orçamento dessa faixa de renda. No mês, os alimentos aceleraram de 0,26% para 1,65%, confirmando que a alta dos itens básicos continua sendo um dos principais vetores de aperto no orçamento doméstico.

Em João Pessoa, os sinais recentes apontam na mesma direção. Segundo o Dieese, o custo da cesta básica na capital subiu 5,53% em março e chegou a R\$ 652,95. Em relação a março de 2025, a alta foi de 4,16% e no acumulado do primeiro trimestre de 2026, de 9,25%. Ainda assim, João Pessoa ocupa a sexta posição entre as capitais com menor valor da cesta básica no país. Entre os produtos que mais pressionaram a cesta no mês estão tomate, feijão carioca, arroz e carne bovina.

Na Paraíba, a pressão também aparece em outros itens do dia a dia. Em João Pessoa, levantamento do Procon-JP mostrou que o preço da gasolina variou entre R\$ 6,26 e R\$ 6,75. Ao mesmo tempo, o botijão de gás chegou a R\$ 120 no estado. Outro sinal de pressão veio da construção civil: o Sinapi subiu 0,37% no país em março, mas o Nordeste teve a maior alta regional, de 0,95%, e a Paraíba registrou variação de 1,83%.

A economia pode até melhorar nos indicadores, mas é no supermercado, no posto e no botijão de gás que as famílias decidem se ela realmente chegou. Quando alimentação, transporte, combustíveis, gás de cozinha e até custos ligados à moradia seguem pressionados, o custo de vida deixa de ser apenas um indicador e passa a ser a medida mais concreta da economia vivida pelas famílias. No fim, a melhora econômica só se confirma quando chega ao bolso da população.

NEGÓCIOS DE LUXO

Academia adota padrão de resort

Com planos anuais de até R\$ 99 mil, espaço incorpora serviços de bem-estar, gastronomia e lazer para público seletivo

Jayanne Rodrigues
Agência Estado

Poucos passos após a entrada, obras assinadas por arquitetos brasileiros são expostas em uma parede revestida de rochas naturais. A paleta em tons claros espalha-se por todo o espaço, acompanhada de mármore e piso em taco de madeira de carvalho. No banheiro feminino, há sauna, banheira de crioterapia e serviços de beleza à disposição. Ainda no térreo, um bar *all inclusive* (em português, tudo incluso) oferta uma carta com bebidas de baixo teor calórico. No andar superior, no espaço de musculação — com equipamentos importados da Itália —, um DJ toca de 6h às 10h, sob o fundo de um espelho d'água. O *rooftop* com sofás e quadra de *beach tennis* com vista panorâmica para o parque Ibirapuera completa a experiência.

A descrição poderia ser de espaços de convivência de hotéis de luxo no Brasil, mas é a nova unidade da Six, academia que entrou no mercado de alto padrão no setor de *wellness* (bem-estar) no país. Recém-inaugurada na Vila Nova Conceição, com limite para 400 membros, é a segunda da rede na capital paulista. Há outra no Itaim Bibi, com lista de espera de tempo médio de seis meses.

Para fazer parte do grupo seletivo da nova unidade, é preciso desembolsar R\$ 4,5 mil por mês. Se for treino de apenas um dia, o custo é de R\$ 800. O valor é superior ao de outras academias de luxo que operam em formato semelhante.

Na Les Cinq, que se posiciona como *"boutique"*, as mensalidades podem chegar a R\$ 4 mil e a diária é R\$ 1 mil. A Bio Ritmo, marca de alto padrão de academias do Grupo Smart Fit, lançou em fevereiro nova uni-

dade na Mercado Livre Arena Pacaembu. A mensalidade varia de R\$ 580 a R\$ 2 mil, o plano mais caro tem capacidade para 100 alunos.

Desde o início das operações, Eilson Studart, um dos sócios-fundadores da Six, havia percebido que o cliente de alto padrão não se identificava com a estética das academias convencionais. Ele encontrou as referências que buscava nos *resorts* de luxo do Nordeste para atrair o público disposto a pagar caro por exclusividade, conforto e excentricidade.

Quando a Six surgiu, há dois anos, em Brasília, seus donos decidiram apostar em hospitalidade e personalização no atendimento para se diferenciar, ainda que Studart argumente não ter concorrência direta. Quando inaugurou a primeira unidade na capital paulista, no ano passado, a mensalidade custava menos da metade da atual. "Ficamos com receio de precificar tão alto em São Paulo", diz. À época, a mensalidade do Itaim Bibi era R\$ 1,8 mil.

Clientes pedem aumento

Não demorou para subir a barra do negócio. "Os clientes falavam para aumentar o preço, porque não queriam 'qualquer um' aqui", lembra. Com a expansão da rede, o sócio-fundador explica que cada unidade passou a atrair um perfil de cliente na capital. O Itaim Bibi concentra alunos do mercado financeiro e são majoritariamente mais jovens. Já a Vila Nova Conceição, com metade da ocupação após uma semana de funcionamento, reúne médicos, advogados e moradores do bairro.

Quem se torna membro do clube tem acesso à sauna, atividades coletivas, café da ma-

nhã, banheira de crioterapia, equipamentos exclusivos importados da Itália, serviços de beleza de unha e cabelo, bar *all inclusive*, *valet* coberto, *concierge*, brinquedoteca com recreadora, salas de *coworking* (escritório compartilhado) e quadra de *beach tennis*.

Todos os andares dispõem de balanças de bioimpedância, geladeiras com toalhas geladas, água, isotônicos, barra de cereais, bebidas proteicas e energéticos. Na entrada, há uma prateleira abastecida de vinhos disponíveis para venda, com rótulos que ultrapassam R\$ 1 mil.

Também há distribuição de produtos de marcas parceiras, como a Porsche. Além de patrocinar eventos da academia, a montadora oferece um serviço de apoio aos membros — em casos de pneu furado, por exemplo, a equipe presta socorro ao aluno, que pode ter a oportunidade de experimentar os produtos da marca.

A sala de *coworking* e as áreas de convivência não foram criadas para forçar o *networking* (rede de contatos), ressalta Erich Shibata, sócio da Six. Ele, que era aluno e depois virou sócio assim como outros investidores da academia, afirma que a rede quer se afastar da ideia de que quem frequenta a Six será interrompido para fechar negócios ou ser acionado para vendas. "O nosso foco é saúde, o *networking* é orgânico", diz.

Para a professora Patricia Diniz, esses são atributos que transportam a linguagem dos hotéis de luxo para dentro de um serviço de academia. Assim como a Six, a limitação de vagas adotada pela maioria das academias de luxo reforça a ideia de gestão da escassez. "Isso tudo gera desejo e vontade de pertencimento", afirma.



Ambiente combina sofisticação, conforto e exclusividade para pessoas de alta renda

Exclusividade extra

Na esteira do *hype* de saúde de luxo e bem-estar exclusivo, a Six deseja se posicionar como um ecossistema no setor de *wellness* (bem-estar). Para isso, lançou um programa de saúde que abrange consultas com médicos especialistas, *concierge*, pedidos de exames de sangue e *check-up*, suplementação e canetas emagredoras.

O investimento do plano anual com o medicamento é de R\$ 99 mil e de R\$ 75 mil sem o produto, já a opção de três meses custa R\$ 26 mil com Mou-

njaro. O outro sócio-fundador, Leandro Vaz, afirma que a iniciativa amplia o conceito do negócio. "Somos um clube de saúde e bem-estar", diz.

Com estimativa de faturar R\$ 100 milhões neste ano, o plano de expansão prevê a inauguração de uma unidade em Campinas neste mês. A unidade de Alphaville deve ser lançada em setembro.

Professora da ESPM e especialista em negócios de luxo, Patricia Diniz afirma que o setor *wellness* de alto padrão vive um momento aquecido no Brasil.

"Esse mercado vai muito bem, obrigada", resume. Somente em 2024, o consumo de bens e serviços de luxo alcançou R\$ 98 bilhões, segundo o relatório divulgado pela Bain & Company.

A expectativa é que os empreendimentos que ofertam exclusividade, rituais de conforto e economia de tempo continuem atraindo consumidores de alta renda. "Os modelos de negócio que aliam exercício, segurança, discrição e conforto operacional se transformam no que chamamos de 'terceiro lugar' na vida das pessoas", afirma Diniz.

Conceito chega à Paraíba, que terá primeira boutique do NE

A Paraíba volta a ocupar posição de protagonismo no cenário nacional ao anunciar um projeto que tensiona os limites tradicionais do mercado *fitness*. A parceria entre a NHolanda Construtora e o grupo Letsvibe dará origem à primeira academia *boutique* do Nordeste, um conceito ainda incipiente no país e que chega com ambição clara: posicionar-se como a academia mais luxuosa do Brasil.

A ser instalada em uma área de 1.600 m² no HP Shopping onde funcionou o espaço gastronômico Holanda's Prime, a nova unidade será o *flagship* (carro-che-

fe) do ecossistema *high-end* (serviços de alta qualidade, sofisticação e luxo) da Letsvibe e nasce ancorada em um investimento estimado em R\$ 20 milhões. Mais do que uma academia, o projeto se apresenta como uma plataforma integrada de bem-estar, hospitalidade e *lifestyle* (estilo de vida), alinhada às transformações e atratividades recentes do mercado imobiliário de alto padrão na capital paraibana.

Para o CEO da NHolanda Construtora, Alisson Holanda, a iniciativa reforça a estratégia da empresa de transcender o produto imobiliário

tradicional. "Estamos desenvolvendo ativos que ampliam a experiência de viver bem. Essa parceria insere João Pessoa em um novo circuito de sofisticação, conectando moradia, serviços e bem-estar em uma mesma proposta integrada", afirma.

Um novo ativo de luxo

A academia ocupará uma área estratégica do empreendimento e foi concebida para operar no modelo *boutique*, o mais elevado dentro da hierarquia do setor *fitness*. A proposta rompe com o padrão convencional ao incorporar serviços típicos da ho-

telaria cinco estrelas, como *concierge*, atendimento personalizado, escovaria, esmalteria e até operação gastronômica integrada.

Segundo Ygo Lira, diretor-executivo do grupo Letsvibe, o projeto responde a uma lacuna clara no mercado local. "João Pessoa passou a atrair um público com uma régua mais alta de exigência, e esse consumidor busca experiências completas. A academia deixa de ser apenas um espaço de treino e passa a ser um ambiente de bem-estar e convivência", explica.

A unidade também marca a consolidação da estratégia *high ticket* (valor elevado) da empresa, que vem expandindo seu portfólio com operações voltadas ao público premium. "Essa será a nossa unidade mais sofisticada. Dentro do *fitness*, o conceito *boutique* representa o nível máximo de serviço, entrega e exclusividade", resume.

Demanda qualificada

A decisão de implantar a unidade no Holanda's Prime está diretamente relacionada ao momento de transformação vivido por João Pessoa. O crescimento consistente do mercado imobiliário, aliado à chegada de novos perfis de

moradores, incluindo investidores, profissionais remotos e público 50+, tem elevado o padrão de consumo na cidade.

Na leitura de Ygo Lira, esse movimento sustenta a viabilidade do projeto. "A cidade vive um ciclo muito forte de valorização e atrai pessoas em busca de qualidade de vida. Existe uma demanda reprimida por serviços de alto padrão, especialmente no segmento de bem-estar", afirma.

Esse cenário converge com a estratégia da NHolanda de desenvolver empreendimentos que funcionam como plataformas de serviços e experiências. "João Pessoa atingiu maturidade para absorver produtos mais sofisticados. Nosso papel é antecipar esse movimento e estruturar projetos que dialoguem com esse novo momento da cidade", pontua Alisson Holanda.

Previsão

Com previsão de inauguração entre setembro e outubro, a nova Letsvibe no Holanda's Prime insere-se em um movimento mais amplo de sofisticação do mercado paraibano, no qual ativos imobiliários passam a incorporar, de forma cada vez mais estruturada, servi-

ços, experiências e conceitos de hospitalidade.

A parceria entre NHolanda e Letsvibe sinaliza, nesse contexto, uma mudança de paradigma: o imóvel, residencial ou comercial, deixa de ser apenas um produto e passa a operar como um *hub de lifestyle*. "Esse projeto sintetiza uma visão de futuro. Não estamos falando apenas de uma academia, mas de um novo padrão de viver, onde bem-estar, conveniência e sofisticação caminham juntos", conclui Alisson Holanda.

“

Não estamos falando apenas de uma academia, mas de um novo padrão de viver, onde bem-estar, conveniência e sofisticação caminham juntos

Alisson Holanda



Investimento no empreendimento de João Pessoa é estimado em US\$ 20 milhões

PARAÍBA NO COSMOS

Estado busca aproximar a população da ciência

Evento promove encontro de pesquisadora da Nasa com estudantes

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Pela primeira vez desde 1972, seres humanos estão se aventurando além da órbita baixa da Terra. A missão Artemis II da Nasa aconteceu na última semana e se tornou um marco tecnológico e simbólico para a história da humanidade. O assunto sobre o estudo do Cosmos e o lugar do ser humano na imensidão do Universo trouxe à tona não apenas o tema, mas também a importância de investir em ciência e tecnologia.

Atualmente, diversas tecnologias, nas áreas de saúde, comunicação e engenharia, são fruto de viagens espaciais e estudos de pesquisadores que dedicam a sua vida a isso. Apesar de o assunto parecer distante aos olhos, é possível fazer a diferença na Paraíba, com investimentos públicos que podem transformar o futuro de muita gente.

Esse é o caso de Raissa Estrela. Foi em uma ida ao planetário, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, que, ainda na infância, ela nutriu o seu primeiro sentimento de curiosidade sobre o Universo. Hoje, a paraibana é pesquisadora do Laboratório de Propulsão a Jato da Nasa (JPL) e dedica parte da sua trajetória profissional a disseminar esse conhecimento.

Nesta semana, Raissa concedeu uma palestra promovida pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, intitulada "Da Terra ao Cosmos", na qual compartilhou sua trajetória na ciência e apresentou ao público um pouco do trabalho que desenvolve na área de astrofísica.

O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, destacou a relevância da divulgação científica como papel estratégico na formação de no-

vas gerações. "É uma forma de fazer com que a população veja a importância da ciência, de atrair jovens e de desmistificar o que o cientista faz. Muitas vezes parece algo distante da realidade, mas tudo isso tem conexão direta com o nosso dia a dia, com a nossa 'nave mãe', que é a Terra", completou.

Democratizar a ciência e torná-la acessível para toda a sociedade é fundamental. O Complexo Científico do Sertão é um exemplo de investimento com esse objetivo. Composto pelo Radiotelescópio Bingo, em Aguiar, a Cidade da Astronomia, em Carrapateira, o Vale dos Dinossauros, em Sousa, e o Centro Científico e Arqueológico da Paraíba, em Cajazeiras, o estado recebe uma rota científica que promove o desenvolvimento regional e científico.

Na opinião de Raissa, iniciativas como essa contribuem para atrair pesquisadores, gerar oportunidades e inspirar jovens a seguir carreiras científicas. Ela também destacou a importância de levar a ciência para além dos grandes centros urbanos. "Levar o conhecimento científico para regiões fora dos grandes centros é um passo vital para a democratização do saber", afirmou.

Missão Artemis II

Uma das perguntas mais comuns sobre ciência espacial é: o que isso tem a

ver com a minha vida? A resposta, segundo Raissa, é mais próxima do que a maioria imagina. "Muitas das tecnologias desenvolvidas para a exploração espacial integram o nosso cotidiano sem que percebamos", diz ela.

O GPS que orienta o celular, a comunicação via satélite e o CT scan no hospital têm raízes em pesquisas espaciais. Até a detecção precoce do câncer de mama se beneficiou de técnicas de processamento de imagem desenvolvidas para o telescópio Hubble. Satélites monitoram furacões, secas e ondas de calor com dias de antecedência. Outros acompanham o desmatamento da Amazônia e as mudanças no nível dos oceanos. "São dados essenciais para orientar políticas ambientais em todo o mundo", destaca a pesquisadora.

No caso da missão Artemis II, para além dos avanços científicos, a tripulação inclui a primeira mulher e o primeiro astronauta negro a realizar uma jornada lunar. A bordo da cápsula Orion, eles fotografaram regiões da Lua que nenhum olho humano havia visto antes. "Aquele globo redondo, com sua mistura de azul, verde e branco, é onde estamos, é a nossa casa e também a de milhões de espécies. Ver a Terra assim, de longe, nos faz lembrar da sua fragilidade", refletiu Raissa.

Para além da poesia da imagem, a Artemis II carre-

ga inovações que parecem saídas de ficção científica. A missão testará o sistema de comunicações ópticas, que transmite dados e vídeos em alta definição por laser, uma alternativa às ondas de rádio tradicionais. Além disso, a pesquisadora explicou que há um dispositivo do tamanho de um *pen drive* que simula o funcionamento de tecidos humanos em escala microscópica. São os chamados "órgãos em chip", usados para estudar os efeitos da radiação e da microgravidade no corpo humano.

Células das plaquetas sanguíneas de cada astronauta foram colocadas em chips. Um deles viajou a bordo da Orion e o outro ficou na Terra. Após o voo, os pesquisadores compararão os dois para verificar se as células que estiveram no espaço sofreram mais danos ao DNA.

"Levar o conhecimento científico para regiões fora dos grandes centros é um passo vital para a democratização do saber. A astronomia nos ensina a olhar para o céu, a fazer grandes perguntas e a entender nosso lugar no Universo", afirmou Raissa Estrela.

A pesquisadora destacou que suas falas refletem sua experiência e visão pessoal sobre os temas abordados, não representando, necessariamente, o posicionamento institucional da Nasa.



Secretário Claudio Furtado e a pesquisadora paraibana Raissa Estrela, na UFPB

Foto: Jullio Maranhão/Secties

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Por que voltar à Lua?

Há muitos anos, a Lua serve de inspiração para a humanidade em várias dimensões, seja na poesia ou na antiguidade, com os calendários lunares criados pelas antigas civilizações. Ela sempre chamou atenção apenas por estar ali presente, com suas fases, mostrando a sua importância no dia a dia.

Trazendo isso para um período mais moderno, já na segunda metade do século XX, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, começa um desenvolvimento tecnológico muito forte, impulsionado por uma pergunta do ser humano: como ir além da Terra?

Nesse contexto, surgem os primeiros satélites, como o Sputnik, todo o avanço dos soviéticos na colocação de corpos em órbita, e com Yuri Gagarin fazendo o primeiro voo tripulado ao redor da Terra. A partir daí, várias outras missões vão acontecendo, dando início a uma grande corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética pela conquista da Lua. É quando os Estados Unidos criam a missão Apollo e conseguem esse feito em 1969, com o pouso em solo lunar e a caminhada de Neil Armstrong, que marcou a história.

Agora, essa disputa se reacende com novos protagonistas e objetivos. A China avança com projetos de instalação de bases científicas em solo lunar, enquanto a Nasa retoma sua ambição com o programa Artemis, que marca o retorno de missões tripuladas em órbita da Lua.

Nesta semana, a missão Artemis II alcançou a maior distância já percorrida por uma nave tripulada fora da Terra, passando pelo lado obscuro da Lua e seguindo em direção a um novo marco na exploração espacial. Diante disso, surge um questionamento recorrente: qual a utilidade de investir tantos recursos em missões espaciais?

Do ponto de vista mais amplo, existe a ideia de sobrevivência da humanidade no futuro, com a possibilidade de colonização de outros corpos celestes. No entanto, ainda há muitas barreiras físicas e tecnológicas para que isso se concretize. Hoje, o foco está em avanços mais próximos, como as missões a Marte, que impulsionam o desenvolvimento de tecnologias em áreas como foguetes, propulsão e comunicação. Esses avanços não ficam restritos ao espaço, eles retornam para a Terra em forma de inovações que impactam diretamente o nosso cotidiano.

O programa Apollo, por exemplo, não foi apenas a missão que levou o homem à Lua. Ele resultou no desenvolvimento de diversas tecnologias nas áreas de eletrônica e comunicação, fundamentais para o progresso científico e tecnológico da sociedade moderna. Esse salto tecnológico é amplamente documentado e serve como referência até hoje.

Esse mesmo raciocínio orienta os novos programas espaciais, tanto da China quanto de outras nações que continuam investindo na exploração espacial.

A missão Artemis II chega, portanto, em um momento completamente diferente, com avanços significativos em materiais, eletrônica e comunicação, muito superiores aos disponíveis nas décadas de 1960 e 1970, quando, ainda assim, o homem conseguiu chegar à Lua.

Agora, com mais tecnologia, abre-se um novo horizonte, com o objetivo de ampliar o conhecimento, desenvolver novas soluções e preparar a humanidade para voos ainda mais distantes no futuro.

E, sob uma perspectiva mais poética, como diz a música: "A Lua! Quando ela roda é nova! Crescente ou meia lua! É cheia! E, quando ela roda, minguante e meia depois é Lua-Nova. Mente quem diz que a Lua é velha".

A Lua se renova e essa missão de visitá-la e conhecê-la nunca estará ultrapassada. É uma nova fase para a humanidade, para a ciência e para a tecnologia.

Boa viagem à Lua.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Nasa

Missão Artemis II atravessou a órbita baixa da Terra pela primeira vez desde 1972

“

Levar o conhecimento científico para regiões fora dos grandes centros é um passo vital para a democratização do saber

Raissa Estrela

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Alta na temperatura global é ameaça

Efeito estufa tem provocado a intensificação de eventos extremos, com consequências sobre todos os biomas

Carolina Oliveira
marquescoliveira.carolina@gmail.com

As mudanças climáticas sempre ocorreram na história geológica do planeta Terra. Fatores astronômicos e a movimentação dos continentes, entre outros fenômenos, contribuem para essas mudanças ao longo de milhões de anos. Entretanto, conforme explica o geógrafo e professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Saulo Vital, desde a Revolução Industrial, enfrentamos um contínuo processo de aceleração dessas mudanças, em função da intensificação do

efeito estufa. “Temos um aumento da temperatura média global. Atualmente, a meta é não ultrapassar 1,5 °C, o que já está se repetindo há cerca de três anos. Se essa tendência continuar, será permanente e fará parte do padrão médio de temperatura do planeta, trazendo consequências drásticas para o clima mundial”, alerta.

Apesar de também ser um processo natural responsável pelo equilíbrio climático do planeta, o efeito estufa tem se intensificado como resultado de décadas de emissões excessivas de dióxido de carbono e metano, acelerando as mudanças climáticas. Embo-

ra estejamos falando em aumento da temperatura, isso não significa dizer que a consequência seja apenas o calor. “É preciso entender que o aumento da temperatura média global acelera as mudanças climáticas, e a aceleração das mudanças climáticas implica na intensificação dos eventos extremos”, alerta o professor, ao descrever que tais eventos são fenômenos naturais episódicos, que só aconteciam em determinados momentos, com uma escala de recorrência muito ampla.

Se, antes, tais fenômenos aconteciam de 10 em 10 anos, por exemplo, agora já estão acontecendo a cada cin-

co anos, ou até mesmo numa amplitude temporal menor. “Basta olhar para a questão do Rio Grande do Sul, as chuvas intensas lá tem se repetido todos os anos, praticamente”, exemplifica.

Quando esses eventos passam a ocorrer numa amplitude temporal cada vez menor, começam a se tornar comuns e recorrentes e, portanto, passam a fazer parte do padrão climático de uma determinada região, o que configura aquilo que se entende como mudança climática. O aumento na temperatura média global vem desencadeando reações ambientais adversas, como a elevação do nível

dos mares, derretimento de geleiras e períodos prolongados de seca e chuva.

Impacto no país

No caso do Brasil, o professor destaca que estudos já mostram que, para o Cone Sul, abaixo do trópico de Capricórnio, a tendência é que a região passe a se tornar mais úmida. Enquanto no restante do Brasil, do trópico de Capricórnio para o Norte, a tendência é que o clima se torne mais seco, em grande parte. “Já no Litoral Leste do Nordeste, sobretudo na região que vai de Maceió a Natal, estamos observando chuvas mais recorrentes no decorrer do ano, o

que não fazia parte do padrão climático anterior. Enquanto nosso semiárido está tendo uma tendência a se tornar mais seco”, comenta o geógrafo sobre as consequências regionais.

A Amazônia, por sua vez, corre o risco de passar por um processo de savanização, e os biomas tendem a entrar em colapso. “A situação é muito séria. Na esfera global, um dos maiores poluidores mundiais, os Estados Unidos, já quebrou todos os acordos possíveis de redução das emissões”, aponta Saulo Vital. Na esfera local, há um crescente desmatamento na cidade de João Pessoa.

Expansão urbana tende a acelerar problemas ambientais nas cidades

Nas últimas três décadas, a capital paraibana vem passando por mudanças na distribuição, uso e ocupação do seu espaço geográfico. A partir da expansão imobiliária, mercantilização do solo e verticalização acelerada — sobretudo em bairros como Miramar, Manáira, Cabo Branco e Tambaú —, bem como a expansão urbana em direção à Zona Sul, este processo transformou-a na capital com a maior taxa de verticalização urbana da Região Nordeste, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2024.

O gerente-executivo de Mudanças Climáticas da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), Jancerlan Rocha, explica que essa expansão urbana acelerada teve como “motor impulsionador” o desmatamento de vegetação nativa, principalmente em Áreas de Preservação Permanente (APP), às margens de cursos d’água. “Os desmatamentos propiciam o surgimento de graves problemas ambientais, conflitos legais e de gestão”, afirma.

É dessa lógica que despontam os processos erosivos, que surgem após a exposição do solo a partir do desmatamento. “A ação de impacto das gotas de chuvas desagrega o solo e, por causa da declividade do terreno e da sua tipologia arenosa, [os sedimen-

tos] são transportados, por meio do escoamento superficial, para os vales e leitos dos cursos d’água”, descreve Rocha. A consequência é o assoreamento, principalmente dos rios mais urbanizados da cidade, — como o Cabelo, Cuiá, Jaguaribe, Timbó e Sanhuaú —, que deságuam no mar, alterando o fluxo de sedimentos e aumentando a erosão costeira.

Além da erosão e do avanço do mar, João Pessoa e o resto do estado sentem efeitos claros das mudanças climáticas. Jancerlan enumera, entre esses efeitos, o aumento da frequência de chuvas fortes em curtos períodos, a elevação das temperaturas do ar e da superfície, além do aumento ou prolongamento de períodos de estiagem e secas. “Mudanças climáticas intensificam chuvas, secas, calor e frio, ou seja, nós somos os responsáveis pelo clima que nossos filhos e netos sentirão”, adverte.

Corrente oceânica

Um dos fatores que agravam de forma sistêmica os processos do clima é a recente e gradual perda de força da Circulação Meridional de Revolvimento do Atlântico, em inglês *Atlantic Meridional Overturning Circulation (AMOC)*. A corrente oceânica que transporta calor das latitudes tropicais para a zona temperada está perdendo força pelo derretimento das geleiras e o lan-



Fotos: Divulgação/Semas-PB

Desmatamentos propiciam o surgimento de graves problemas ambientais, conflitos legais e de gestão

Jancerlan Rocha

çamento de água doce no mar.

O sistema de correntes atua levando água quente dos trópicos para o Atlântico Norte e retornando água fria para o Atlântico Sul. O efeito é a regulação do clima global, amenizando o inverno europeu e influenciando as chuvas nas Américas e África, mas o processo está enfraquecendo e perdendo intensidade devido às mudanças climáticas.

População de áreas pobres é mais vulnerável às alterações do clima

No cenário global, ações para reduzir impactos, por meio de alternativas em energia e transporte, por exemplo, são buscadas, e um destes casos é o da China — o país tem investido na produção de carros elétricos, impulsionando a redução do uso de combustíveis fósseis. “Mas ainda são medidas paliativas, porque, para fabricar uma bateria de carro elétrico, é necessário desmatar muitos hectares de floresta”, pondera Vital. De acordo com o professor, as iniciativas pontuais, apesar de exitosas, ainda não trazem soluções significativas para mitigação. “A matriz energética, hoje, é ainda muito poluidora, baseada no petróleo, nas termelétricas, nas hidrelétricas e, sobretudo, na energia baseada em hidrocarboneto”, ressalta.

Aspectos socioeconômicos são cruciais para entender e tratar o contexto do clima de maneira isonômica. Os países do norte industrializaram-se primeiro e possuem parques industriais mais tecnológicos, desenvolvidos e dinâmicos. Por isso e pelo maior consumo médio das suas populações, são países que já poluíram e ainda poluem muito. “Os Estados Unidos têm

desconsiderado todos os possíveis acordos, como o Acordo de Paris, por exemplo, e isso traz um prejuízo enorme para o mundo”, comenta. Atualmente, a corrida geopolítica e econômica pelo controle das terras raras deve agravar esse cenário. “Essas disputas e a exploração destes metais podem gerar muita degradação ambiental, muito desmatamento e uma série de danos”, completa.

As mudanças climáticas e os eventos extremos acabam afetando mais as áreas e os países pobres ou empobrecidos. “Seguindo uma lógica capitalista, e de exclusão, sempre os menos favorecidos economicamente são mais afetados, inclusive estudos já mostram isso”, diz Vital. Ele exemplifica que pessoas que moram em regiões de periferia têm pouquíssimo acesso a condições adequadas de saneamento básico e, geralmente, moram em áreas de risco ou de vulnerabilidade a enchentes. Também são mais afetadas por situações como as ondas de calor, além do pouco acesso à água de qualidade, a áreas com infraestrutura adequada e arborizadas.

Ações na Paraíba

Para mitigar esses efeitos, no Governo Estadual, despontam ferramentas de gestão: a Política Estadual de Mudanças Climáticas (Pemc); a criação do Comitê Paraibano de Pesquisas sobre Biodiversidade, Adaptação e Mitigação às Mudanças Climáticas (Comitê BioClima PB); o Acordo de Cooperação Técnica (ACT) com o Laboratório do Observatório do Clima — que possui o Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (Seeg); e o Programa Paraíba Mais Verde.

Iniciativas como o Comitê BioClima PB têm o objetivo de promover o compartilhamento de informações técnicas e científicas com tomadores de decisão e com a sociedade, bem como desenvolver estudos, pesquisa e desenvolvimento (P&D) sobre os temas ambientais/climáticos e aspectos correlacionados.

O Programa Paraíba Mais Verde pretende implementar políticas públicas nacionais e subnacionais de cunho socioambiental, voltadas ao estímulo e à promoção de benefícios econômicos, sociais e ambientais.



Avanço do mar em áreas residenciais em cidades do Litoral Norte paraibano é um dos fenômenos ocasionados pelas mudanças climáticas

ENQUETE

Paraíba quer Neymar na Copa

Maioria dos entrevistados acha fundamental a presença do jogador na relação final de Carlo Ancelotti

Daurley Pascoal
daurleyp.c@gmail.com

Desde criança, Neymar sempre foi foco dos holofotes da imprensa e do torcedor brasileiro. O jogador iniciou sua trajetória profissional aos 17 anos, no Santos, em 2009. Desde então, em clubes, passou por Barcelona, da Espanha; Paris Saint-Germain, da França; e Al Hilal, da Arábia Saudita. Aos 34 anos, ele acumula mais de 700 jogos na carreira, com 452 gols e 260 assistências. Num ano de Copa do Mundo, o seu nome está na boca do povo, sendo assunto principal nas mesas redondas de futebol. Todos querem opinar se Carlo Ancelotti deve ou não convocá-lo. Pela Seleção Brasileira, o atleta tem 128 jogos, 79 gols e 59 assistências, sendo o maior artilheiro do Brasil em toda a história.

Com a camisa verde-amarela, Neymar conquistou uma Copa das Confederações e a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

O jornal *A União* foi às ruas para escutar populares e também conversou com profissionais da imprensa e personalidades do futebol paraibano, que opinaram sobre a possibilidade de o camisa 10 do Santos ir ao Mundial, que acontece nos Estados Unidos, México e Canadá, de 11 de junho a 19 de julho.



Foto: Evandro Pereira

O Neymar não pode ir para a Copa. Ele já tá muito rico e não quer jogar mais futebol. O Neymar só quer 'rebolar'. É melhor levar outro

Reginaldo Justino

Ciclo para 2026

Desde o fim da Copa de 2022, Neymar tem sofrido com muitas lesões. Isso diminuiu o número de convocações para o ciclo de 2026. Carlo Ancelotti, por exemplo, não pôde contar com o jogador santista em nenhuma das 10 partidas em que esteve à frente da Seleção, desde maio de 2025. Nesta temporada, ele atuou em seis dos 20 jogos do seu clube. Ele tem menos de 40 dias até a convocação final para convencer o técnico italiano e o torcedor brasileiro de que merece ir para a competição de seleções.

Na Seleção

Pesa a seu favor o bom desempenho sempre que esteve em campo. Neymar disputou três Copas do Mundo na carreira (2014, 2018 e 2022) e sonha com o título mundial na sua última chance, já aos 34



Foto: Evandro Pereira

O país todo está falando sobre isso. Eu acho que ele [Neymar] deveria ir. Nos últimos amistosos, deu para ver que fez falta

Reginaldo Justino

anos. No Mundial de 2014 (Brasil), ele atuou em cinco jogos, tendo quatro gols e uma assistência. Naquela edição, atuou até as quartas de final, contra a Colômbia, sendo desfalque por conta de lesão. A entrada dura do lateral Zúñiga acabou tirando o jogador do torneio.

Em 2018 (Rússia), Neymar esteve em campo em todos os cinco jogos do Brasil até as quartas de final, quando o time foi eliminado pela Bélgica. Ele marcou dois gols e concedeu uma assistência naquela competição. Em 2022 (Catar), o meia-atacante acabou se lesionando na primeira partida, contra a Sérvia; isso o deixou fora dos duelos contra Suíça e Camarões. No mata-mata, esteve nas oitavas e nas quartas de final. Contra a Coreia do Sul, marcou um gol e deu uma assistência na vitória por 4 a 1. Apesar do gol marcado, Neymar viu a Seleção ser eliminada pela Croácia na disputa de pênaltis.

Imprensa e personalidades

"Neymar é um dos maiores nomes da história do futebol brasileiro, sem nenhuma dúvida.



Foto: Evandro Pereira

Eu acho que ele tem que ir e, ao mesmo tempo, que não. Ele tem que ir porque é mais experiente, mas, em termos de jogo, tem nomes melhores

Michele da Silva

Mas, infelizmente, isso ficou no passado. O que uma Copa do Mundo impõe aos atletas é competitividade, embates físicos, e ele não está pronto, nem a fim, disse. Já foi um grande jogador. Hoje é meramente um *pop star*. Eu ainda acredito que ele vai para a Copa... Não como convocado, mas para curtir como convidado em um camarote ou em algum outro espaço para celebridades", disse o narrador Raniery Soares, da Rádio Tabajara.

"Sou favorável, sim, desde que se comporte como um jogador disciplinado. É um grande jogador, com muita técnica e diferenciado, desde que queira jogar", comentou Dorival Pereira, supervisor do Campinense.



Foto: Evandro Pereira

O Brasil sem Neymar não é Brasil. Sem ele, as nossas chances são bem menores na Copa do Mundo nos EUA, México e Canadá

Cauan Jonathan

"Eu concordo com a convocação de Neymar para a Copa do Mundo. Independentemente de qualquer debate, trata-se de um jogador decisivo, com experiência em grandes competições e capacidade técnica, capaz de mudar o rumo de um jogo em poucos minutos. Portanto, se estiver em condições físicas, considero natural e justa a sua convocação para defender a Seleção Brasileira de futebol", destacou Alexandre Cavalcante, representante da diretoria do Botafogo.

"Acredito que o primeiro critério para um atleta ser convocado para a Seleção Brasileira precisa ser o seu momento de desempenho atual. Nesse aspecto, Neymar não tem conseguido se destacar em nenhuma competição que disputa e, fisicamente, são nítidas as suas dificuldades em acompanhar a demanda de intensidade dos jogos. Se ele não consegue jogar em bom nível no Campeonato Paulista e no começo do Brasileiro, como fará isso em uma Copa do Mundo, que promete ser uma das mais exigentes, justamente no aspecto físico, diante da demanda de intensidade do jogo, marcas que definem o futebol atual? Infe-

lizmente, por suas opções de vida e carreira, só o seu talento, que é geracional, não é mais capaz de suprir as demandas que o jogo traz. Acredito que seu ciclo na Seleção acabou, e a culpa principal é dele mesmo", disse Iago Sarinho, repórter da Rádio Tabajara.

O povo fala!

"O Neymar não pode ir para a Copa. Ele já tá muito rico e não quer jogar mais futebol. O Neymar só quer 'rebolar'. É melhor levar outro jogador. Com Neymar, sem Neymar, nunca mais o Brasil vai ganhar o Mundial. Ganhou quando tinha Bebeto, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo. Hoje em dia, o Brasil só passa vergonha", afirmou Reginaldo Justino, vendedor ambulante.

"O país todo está falando sobre isso. Eu acho que ele [Neymar] deveria ir. Deixaram ele fora, e parece que é um jogador que faz falta. Nos últimos amistosos, deu para ver que fez falta", comentou o vendedor de camisas de futebol Roberto Nunes.

"Eu acho que ele tem que ir e, ao mesmo tempo, que não. Ele tem que ir porque

tem muitos jogadores inexperientes; estes de certa forma se sentem mais seguros com ele no time, entendeu? Mas, em termos de jogo, tem nomes melhores para jogar", falou Michele da Silva Soares, que trabalha como ambulante.

O jovem Renan Ferreira foi enfático: "Neymar deve jogar. Ele é aquele jogador que vai dar força ao time na Copa do Mundo", disse. E continuou: "No entanto, eu acho que, mesmo com ele, não ganha. Acho que, com Neymar, a gente chegaria mais longe", destacou.

O motorista de aplicativo Cauan Jonathan também defendeu a presença do atacante santista na seleção de Carlo Ancelotti. "O Brasil sem Neymar não é Brasil. Sem ele, as nossas chances são bem menores", comentou o rapaz.



Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Pela Seleção Brasileira, o atleta tem 128 jogos, 79 gols e 59 assistências, sendo o maior artilheiro do Brasil em toda a história

APOSTAS ESPORTIVAS

MEsp bloqueia mais de 27 mil sites

De acordo com o Ministério do Esporte, apenas 85 empresas obtiveram licenças oficiais para seguir operando

O Ministério do Esporte (MEsp) participou, nesta semana, do BiS SIGMA South America, em São Paulo, uma das principais feiras de negócios dos setores de *iGaming*, *bettech* e apostas esportivas da América Latina. O secretário nacional de Apostas Esportivas e de Desenvolvimento Econômico do Esporte, Giovanni Rocco, esteve na mesa de abertura e apresentou o cenário brasileiro após o primeiro ano de regulamentação no país.

Durante o painel "Um ano de regulamentação e mercado global", o secretário ressaltou que, desde a regulamentação das apostas esportivas, mais de 27 mil sites irregulares foram bloqueados. No mesmo período, apenas 85 empresas obtiveram licenças oficiais para operar. Segundo ele, o principal desafio atual é o enfrentamento do mercado ilegal, o que exige atuação integrada entre os ministérios da Justiça e do Esporte e o Banco Central.

Giovanni Rocco enfatizou ainda que o setor de apostas esportivas funciona como concessão de serviço público e que a proteção da população é prioridade do Estado. Ele também destacou a recente publicação da Política Nacional de Combate à Manipulação de Resultados, que estabelece mecanismos permanentes para garantir a integridade esportiva e maior previsibilidade nas competições.

Realizado de 6 a 9 de abril, no Transamerica Expo Center, o BiS SIGMA South America reuniu operadores, reguladores, provedores de tecnologia e autoridades governamentais para debater o futuro do



Secretário de Apostas Esportivas e Desenvolvimento Econômico do Esporte, Giovanni Rocco fala durante o lançamento da plataforma educacional

setor, além de promover o diálogo sobre regulamentação e combate à ilegalidade no país.

No mesmo evento, o diretor de *e-sport* do Ministério do Esporte, Márcio Zuba, participou do painel "Integridade e *e-sports*" e destacou o potencial dos esportes eletrônicos no país. Segundo ele, a participação no encontro foi estratégica para posicionar o MEsp como parceiro do ecossistema *gamer* e para reforçar o compromisso do Governo do Brasil com o desenvolvimento saudável, ético e se-

guro da modalidade. Para o diretor Márcio Zuba, o esporte eletrônico também é uma importante porta de entrada para a cidadania, ao conectar jovens a oportunidades de educação, saúde e inserção profissional. Ele ressaltou que o Brasil tem potencial para se consolidar como referência global no setor. "O Brasil é o país do futebol, mas também será o país do esporte eletrônico. Temos grandes equipes, organizações e atletas, além de um público altamente engajado", afirmou.

Zuba defendeu a criação

de um centro de treinamento voltado a jovens em situação de vulnerabilidade social. A proposta prevê um espaço estruturado para fomentar o desenvolvimento dos esportes eletrônicos como ferramenta de inclusão e formação. Segundo ele, a iniciativa está no planejamento da pasta e poderá ser implementada em breve.

O diretor também destacou a aposta do Ministério do Esporte em cursos gratuitos na modalidade de Educação a Distância (EaD), com foco no desenvolvimento saudável dos

e-sports e na promoção de hábitos mais equilibrados entre os jovens, incluindo orientação sobre alimentação e bem-estar. Além do Ministério do Esporte, o evento contou com a participação do Ministério da Fazenda, que apresentou ações relacionadas ao fim do chamado "vácuo legal" no setor, o monitoramento rigoroso dos fluxos financeiros, medidas de prevenção à ludopatia e parcerias internacionais para identificar padrões suspeitos de apostas que possam indicar manipulação de resultados.

Integridade esportiva

A integridade esportiva é um dos pontos contemplados pela Secretaria de Prêmios e Apostas na regulamentação do setor, implantada em janeiro do ano passado. O Governo Federal e as casas de apostas legalizadas firmaram convênios com entidades internacionais para monitoramento de atividades suspeitas. Entre elas estão a Sportradar e a International Betting Integrity Association (Ibia), com atuação global e participação ativa em casos famosos no Brasil e no exterior.

ARBITRAGEM

Brasil terá o maior número de árbitros na Copa do Mundo

Agência Estado

A delegação de arbitragem do Brasil na Copa do Mundo dos Estados Unidos, México e Canadá, a partir de junho, será a maior de toda a competição, com 48 seleções, com a Fifa oficializando três árbitros de campo e outros seis auxiliares verde-amarelos.

Como já era previsto, a entidade oficializou que os árbitros Raphael Claus, Ramon Abatti Abel e Wilton Pereira Sampaio representarão o país no maior torneio de futebol do planeta, a partir de 11 de junho, com México e África do Sul abrindo a Copa no Estádio Azteca.

Além do trio que encabeça o ranking de arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o Brasil contará com outros seis árbitros assistentes: Bruno Boschilia, Bruno Pires, Danilo Manis, Rodrigo Figueiredo, Rafael Alves e Rodolpho Toski

"Não é apenas um dado estatístico. É o reflexo de um trabalho sério, consistente e cada vez mais alinhado com os padrões de excelên-

cia do futebol mundial. Essa representatividade reforça a confiança da Fifa na arbitra-

gem brasileira e evidencia a qualidade técnica, a preparação física e o compromet-

so dos nossos profissionais com o jogo", celebrou Neto Góes, diretor de Arbitra-

gem da CBF.

"Estar nesse cenário, com protagonismo, mostra que

o Brasil não apenas forma grandes jogadores, mas também entrega ao mundo árbitros capacitados para atuar nas competições mais exigentes", completou.

"Temos que destacar o trabalho coletivo. Não tem vencedores, existe uma equipe vencedora que trabalha muito para o melhor da arbitragem no futebol brasileiro. E precisamos destacar o trabalho que é desenvolvido. No último final de semana, começamos o trabalho com a arbitragem profissional, um marco no nosso futebol, e hoje temos essa notícia fantástica de nove árbitros na Copa do Mundo, o país com mais representantes", ressaltou Rodrigo Cintra, presidente da Comissão de Arbitragem da CBF.

"Isso fortalece o futebol brasileiro. É o reconhecimento da Fifa pelo trabalho desenvolvido pela arbitragem brasileira. E não vamos parar por aí. Estamos trabalhando para evoluir ainda mais, seja na parte da tecnologia e também na preparação dos árbitros", acrescentou.



Raphael Claus, Ramon Abatti Abel e Wilton Pereira Sampaio são os árbitros brasileiros que vão apitar na Copa 2026

JOSIMAR

Lateral fez um gol brilhante em 1986

Jogador do Botafogo somente chegou à Copa, no México, devido à desconvocação de Leandro, do Flamengo

O site da Fifa relembrou a passagem do lateral Josimar pela Seleção Brasileira na Copa de 1986, em que o Brasil acabou sendo eliminado pela França. Na verdade, Josimar não havia sido nem convocado para o Mundial no México. Leandro foi escolhido como titular na lateral direita, com Edson, do Corinthians, como reserva.

Então tudo desmoronou. No último período de treinos da equipe, alguns meses antes, Leandro e Renato Gaúcho — dois craques — quebraram as regras de Telê Santana ao saírem escondidos para uma boate. Quando o técnico anunciou a lista de 22 jogadores para a viagem final, o nome de Renato não estava entre eles. O de Leandro estava, mas, num gesto raro de solidariedade ao amigo, ele se recusou a ir ao torneio, apesar dos apelos desesperados, inclusive de Zico.

Paulo Roberto era o favorito para substituir Leandro, com Luiz Carlos Winck e Zé Teodoro como alternativas. De repente, porém, Telê convocou Josimar, que não jogava pelo Botafogo havia dois meses. O choque foi tanto que o diretor de futebol da CBF anunciou que Perivaldo, um ex-jogador da Seleção, havia sido convocado, antes de se corrigir.



Fotos: Divulgação/Fifa

Josimar arriscou chute de longa distância para marcar o gol contra a Irlanda do Norte

Opções

Telê Santana tinha Luiz Carlos Winck e Zé Teodoro para substituir Leandro como favoritos, porém surpreendeu muita gente ao convocar o jogador do Botafogo

Josimar teve mais um lance de sorte. Edson lesionou-se na segunda partida do Brasil contra a Argélia, e o botafoguense foi escalado para começar como titular na terceira, contra a Irlanda do Norte,

que aconteceu no dia 12 de junho daquele ano.

Aos 42 minutos, Josimar, sem se intimidar por estar cercado por craques como Júnior, Sócrates e Careca, arriscou-se no ataque. Seu magnífico chute potente e preciso entrou no ângulo superior da rede de Pat Jennings. Não seria a última vez que ouviríamos falar do inesperado camisa 13 do Brasil na 13ª Copa do Mundo.

O Brasil venceu por 3 a 0; os outros gols foram marcados por Careca. A Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1986, no México, teve uma campanha marcada por um futebol técnico e ofensivo, com quatro vitórias e um empate, mas foi eliminada nas quartas de final, pela França,

nos pênaltis (4 a 3), após empate em 1 a 1. Sob o comando de Telê Santana, o Brasil terminou em quinto lugar.

Carreira

De acordo com o Wikipédia, Josimar Higino Pereira nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 1961. Notabilizou-se jogando no Botafogo, de 1981 a 1989. Nascido em Pilares, foi criado na Cidade de Deus. Em 1982, subiu da base do Botafogo e deixou a meia direita para virar lateral, por necessidade do técnico Jorge Vieira.

Em 1987, teve uma rápida passagem pelo Sevilla, da Espanha, retornando ao Brasil no ano seguinte. Integrou o histórico time do Botafogo

campeão carioca invicto em 1989, transferindo-se por empréstimo para o Flamengo em seguida.

Passou ainda por Internacional, Novo Hamburgo, Bangu, Fortaleza, Jorge Wilstermann, Fast Clube, Mineros de Guayana e Baré de Roraima, onde encerrou a carreira, em 1997.

Pela Seleção Brasileira, conquistou a Taça Stanley Rous, em 1987, e a Copa América de 1989. Em 14 partidas, venceu 11 e empatou três.

Embora tivesse atuado em jogos das Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa de 1990, Josimar não foi convocado para a competição. Atualmente é promotor de eventos esportivos.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Prioridades

Depois de muitos anos, o futebol mais periférico, composto pelos clubes de Série D e Série C, voltou a ter um dilema há muito fora de órbita na vida das suas segundas páginas de calendário na temporada. Isso porque Botafogo-PB e Sousa, por exemplo, representantes da Paraíba no campeonato nacional e na Copa do Nordeste, agora precisam definir uma prioridade semana a semana, visto que disputam competições de maneira concomitante.

Nordestão no meio de semana. Série D, no caso do Sousa, e Série C, no caso do Botafogo-PB, no fim de semana. Isso era algo que não ocorria havia tanto tempo que eu mesmo nem lembro quando um clube paraibano teve que dividir atenções entre o campeonato nacional e uma outra competição, seja ela qual fosse. Remonta o tempo em que os estaduais tinham três turnos, uma quantidade abissal de jogos e, no segundo semestre, jogavam a Série C também. Na época, nem Série D havia. Daí tu tira.

Agora, com essa nova formatação do calendário, ainda numa clara filosofia metodológica chamada "tentativa e erro", realizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) — aparentemente num movimento mais de erro do que de acerto —, colocando os torneios regionais fora do tempo em que seu calendário reserva datas aos estaduais, os clubes que disputam essas competições e têm vagas garantidas no Campeonato Brasileiro vão ter que eleger prioridades. Que chique, né! Coisa de quem está na elite e tem que escolher onde colocar mais a sua força, se na Libertadores ou no Brasileirão.

O chique, no entanto, é só imaginário. Fala muito mais ainda de um tabu enorme do futebol brasileiro em fazer uma radical e profunda mudança em seu calendário, em que consiga manter as tradições culturais e, portanto, para mim, importantíssimas de proteger, sem precisar assassinar competições históricas e com bons potenciais, aliando com uma realidade em que não obrigue clubes a desvalorizarem alguns torneios.

Tem sido o caso da Copa do Nordeste, nesse momento de fase de grupos, pelo menos, para quase todos os integrantes. Sobretudo para aqueles que têm pretensões mais plausíveis dentro de seus cenários de Campeonato Brasileiro. Veja o caso do Botafogo-PB. Decidiu entrar com o time todo reserva diante do Sousa, no último meio de semana, para poupar os titulares para o compromisso seguinte da Série C. Foi o que o próprio Vitória fez diante do Belo, o que acabou dando a velha chance ao azar, que virou sorte com a camisa alvinegra, que bateu o Rubro-Negro em pleno Barradão, na rodada de estreia deste ano do Nordestão.

Times mistos têm sido visto aos montes. O Sousa, por sinal, vem poupando alguns jogadores que estão desgastados, priorizando a Série D. São escolhas que fazem muito sentido no caso dos paraibanos, que têm, pelo menos aparentemente, mais condições de serem competitivos no Brasileiro do que no regional. Mas que acaba esvaziando tecnicamente a Copa do Nordeste, o que não é bom para ninguém.

Do lado mais de cima do futebol brasileiro, das séries de elite — falo, então, da Série A e da Série B —, as forças máximas também quase não passeiam no torneio regional. Seja pelos clubes priorizarem o Brasileiro por conta de não poder perder pontos em uma luta para se manter, no caso do Vitória na 1ª divisão, seja em virtude do trabalho pelo acesso, casos de Fortaleza e Ceará na Série B, em que cada rodada das 38 tem também muito valor de olho em um retorno à elite.

De modo que a Copa do Nordeste 2026 acaba sendo uma grande chance para um clube de fora do eixo "CEPEBA" conquistar, quem sabe, um título inédito. Mas dessa vez até muitos desses times trabalham com controle de carga para seus elencos, poupando jogadores na fase de grupos. É o que temos no Nordestão deste ano. Boa sorte aos paraibanos. Vai que...



Formação titular da Seleção Brasileira que venceu a Irlanda do Norte por 3 a 0, no último jogo da fase de grupos

BRASILEIRO SÉRIE D

Sousa busca, hoje, primeira vitória

Dinossauro recebe o Maguary-PE, no Marizão; já o Serra Branca joga na Arena Pernambuco, contra o Retrô

Danrley Pascoal
danrlep.c@gmail.com

Sousa e Serra Branca têm enfrentamentos, hoje, pela Série D do Campeonato Brasileiro. Valendo pelo Grupo A8, o Dino recebe o Maguary-PE no Marizão, às 16h. E o Carcará visita o Retrô na Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata (PE), às 17h30, pelo Grupo A9.

O Dino foi derrotado na estreia da competição, por 2 a 0, pelo América-RN. O resultado acabou gerando a demissão de Alessandro Telles. O clube agora conta com Washington Luiz no seu comando. O novo treinador, inclusive, estreou com vitória diante do Botafogo (2 a 0), pela Copa do Nordeste, e tem seu primeiro desafio no Campeonato Brasileiro.

A expectativa do torcedor é que o clube, atuando em casa, alcance sua primeira vitória na Série D de 2026. No entanto, o desempenho do time no Marizão não tem sido animador, como em anos anteriores, principalmente quando o retrospecto remonta a competição nacional. Na atual temporada, somando Campeonato Paraibano e Copa do Nordeste, foram 10 partidas como mandante, acumulando seis triunfos e quatro derrotas. Entre os revezes, há derrotas nos dois mata-matas do Estadual (1 a 0 para o Campinense e 2 a 1 para o Botafogo).

Em 2025, a equipe sertaneja foi lanterna do seu grupo na Quarta Divisão. Em sete partidas em casa, foram três derrotas, um empate e três vitórias. Nos dois últimos jogos do Brasileiro no Marizão, perdeu para o Treze por 1 a 0 e para o Santa Cruz-RN por 2 a 1. Hoje, o Sousa tem a possibilidade de começar a mudar esse cenário.

Pelo Grupo A8, ainda tem dois jogos neste domingo (12), também às 16h: no Frasqueirão, em Natal (RN), jogam ABC e Laguna-RN;



No jogo de estreia, o time paraibano apenas empatou em 1 a 1 contra o Sergipe, no Amigão

e, no Lacerdão, em Caruaru (PE), o Central recebe o América-RN.

Serra Branca

Na estreia, o Carcará empatou em 1 a 1, no Amigão, contra o Sergipe. Na segunda rodada, fora de casa, a equipe de Gerson Gusmão corre atrás dos pontos perdidos quando atuou como mandante. O técnico falou, em coletiva, sobre os aspectos que trabalhou durante a

semana para que o Serra Branca tenha comportamentos diferentes hoje. "A gente espera poder melhorar em relação à estreia, fazer um jogo melhor, um jogo crescente, para que a gente possa, aos poucos, ir melhorando, ajustando a equipe para chegar no nosso objetivo, que é a classificação entre os quatro primeiros", comentou.

"Estamos treinando outras variações [táticas], até porque estão

chegando atletas novos com características diferentes. Eu acho que faz parte do processo de evolução da equipe ter alternativas. É importante você ter variações dentro do próprio jogo sem precisar trocar nenhum jogador, não fazer nenhuma substituição, apenas com um ajuste de posicionamento", acrescentou Gerson.

Sobre o Retrô, o treinador argumentou que assistiu ao jogo de es-

treia do time rival contra o Treze. Além disso, há um estudo de outras partidas. A equipe pernambucana perdeu por 3 a 0 para o Galo. "É uma equipe que está jogando muitas partidas, há uma mudança grande, talvez não em termos de modelo de jogo, mas em nomes. Tenho certeza que estamos atentos e preparados e sabedores da maneira que o adversário procura jogar", disse.

BRASILEIRÃO

Clássicos no Rio e em São Paulo são os destaques da rodada

Da Redação

Dois clássicos são destaques no complemento da 11ª rodada do Brasileirão: um em São Paulo, envolvendo Corinthians e Palmeiras, e o outro no Rio de Janeiro, entre Fluminense e Flamengo. O domingo ainda tem Athletico-PR x Chapecoense, a partir das 11h, pela primeira vez o horário matinal nesta edição, e mais duas partidas: Botafogo x Coritiba e Cruzeiro x Bragantino.

Corinthians x Palmeiras

Na Neo Química Arena, o Corinthians, que estreou com vitória na Libertadores, por 2 a 0, sobre o Platense, fora de casa, já sob o comando de Fernando Diniz, busca reencontrar-se na competição nacional, já que ocupa uma posição incômoda, muito perto da zona de rebaixamento; daí a necessidade de vencer o líder.

O Palmeiras empatou com o Junior Barraquilla na estreia na Libertadores, na Colômbia, por 1 a 1, mas no Brasileirão está sobrando, com oito vitórias, um empate e uma derrota. No último confronto, no mesmo palco, pelo Campeonato Paulista de 2026, o Alvirverde levou a me-



No Campeonato Paulista de 2026, no mesmo palco de hoje, o Palmeiras levou a melhor sobre o Corinthians por 1 a 0

lhor, por 1 a 0, no dia 8 de fevereiro. O jogo será exibido pela TV Record às 18h30.

Fluminense x Flamengo

As duas equipes voltam a se enfrentar depois da decisão do Campeonato Carioca, após um empate sem gols, e, nas penali-

dades, o Rubro-Negro levando o melhor e ficando com o título. Fortes emoções estão reservadas para este domingo (12), no Maracanã, às 18h. A partida iria acontecer ontem, mas os problemas de logística da viagem no retorno do Flamengo ao Rio, vindo do Peru, obriga-

ram o adiamento para hoje. O atual campeão do Brasil tem 17 pontos em nove jogos contra 20 do Fluminense em 10 jogos. É um duelo direto pelo G4 e será exibido pelo Premiere.

Botafogo x Coritiba

O jogo acontece às 16h, no

Engenhão, com transmissão do SporTV e Premiere. O Fogão vem de uma vitória importante sobre o Vasco, por 2 a 1, mas, no meio de semana, pela competição sul-americana, empatou em 1 a 1 com o Caracas, da Venezuela, jogando em casa. Os outros dois jogos de hoje

são Athletico x Chapecoense, a partir das 11h, na Arena da Baixada; e Cruzeiro x Bragantino, às 18h30, no Mineirão — ambas partidas com transmissão do Premiere.

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

11h
Athletico-PR x Chapecoense
16h
Botafogo x Coritiba
18h
Fluminense x Flamengo
18h30
Corinthians x Palmeiras
18h30
Cruzeiro x Bragantino

SÉRIE B

16h
São Bernardo x Fortaleza
América-MG x
Novorizontino
Operário-PR x Cuiabá
20h
CRB x Athletic Club
20h30
Atlético-GO x Londrina

Foto: Arquivo digital Têxteis Fabris

HISTÓRIA

Um feudo fabril

Conheça as origens, o apogeu, a decadência e o resplendor de Rio Tinto, município localizado no Litoral Norte da Paraíba

Ademilson José
Especial para A União

Rio Tinto virou cidade em 1956 (tem 69 anos), mas contando do momento que a fábrica de tecidos foi inaugurada, em 1924, são 102 anos de história. Considerando suas reais origens, tem muito mais. São mais de 300 anos porque, fugidas das guerras no litoral, em Baía da Traição, famílias potiguaras já viviam na região no começo do século 18. Tanto é assim que, ajudando um grupo de frades carmelitas, entre 1713 e 1718, essas famílias indígenas ergueram a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, na aldeia que já se chamava “Monte-mor”.

O problema é que, ao longo dos anos, para ofuscar os sinais indígenas, os fundadores da fábrica ensinaram o povo a chamar a aldeia de “Vila Regina”. O próprio Arthur Lundgren, o segundo na ordem de comando dos negócios do Grupo Lundgren, alertou o irmão Frederico (comprador dos 600 hectares) de que ele iria enfrentar problemas na Justiça com os indígenas, por causa daquela ocupação.

Arthur Lundgren chegou a comandar o empreendimento industrial depois da morte de Frederico, em 1946, mas a sua previsão foi tão certa que, após a Constituição de 1988, os nativos retomaram a posse das terras, pelo menos da Vila Regina (ou Aldeia de Monte-mor) até o litoral. Com isso, os Lundgren não perderam somente parte das terras. Perderam também mais de 800 casas, incluindo um grande anexo da fábrica e também o famoso palacete que Frederico havia construído, em 1944, para recepcionar autoridades e amigos europeus.

Na paz e no Direito, os potiguaras arremataram essa conquista no ano passado, mas, lá em 1918, a ocupação dos Lundgren foi bastante traumática. Pesquisa do geógrafo Cássio Marques aponta para o que ficou chamado de “A noite da palha queimada”, quando capangas com tochas queimaram as casas dos caboclos, afastando-os de perto do local onde a fábrica começava a ser construída.

“Qual o poder que não pode!”, foi assim que, em cima da aldeia e de amplos manguezais, a indústria foi inaugurada, em 1924, e, ainda como Vila Operária, Rio Tinto viveu um apogeu que causava inveja a cidades vizinhas bem mais estruturadas, inclusive Mamanguape, dona do território e que, em 1859, já havia recebido ninguém menos que o imperador Dom Pedro II (1859).

No auge desse apogeu, a Vila Operária não deixou por menos e, em 1933, recebeu o então presidente da República, Getúlio Vargas, acompanhado de sete ministros, entre eles o todo-poderoso Góis Monteiro (da Guerra). Como os Lundgren disputavam o poder político da região com os Fernandes, há registro de que, com ciúme, Mamanguape até fechou as portas para não ver a caravana de Vargas passar.

Getúlio não veio para a capital João Pessoa e aproveitou para dar uma passadinha em Rio Tinto. Ele veio direto do Rio de Janeiro para assinar um contrato que levou a fábrica a produzir tecidos para as fardas das Forças Armadas.

O contrato levou a Vila Operária a disparar no desenvolvimento e, por aquele período, segundo a tese de mestrado da rio-tintense Maria Bernadete Ferreira de Ma-

cedo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a folha da fábrica chegou a contar com 15 mil empregados, o que não era normal para uma comunidade com apenas 25 mil habitantes, mais ou menos a população de hoje, conforme dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Era assim: quase todo mundo da vila trabalhava na fábrica — homens, mulheres, idosos e adolescentes. Era uma época que ficou conhecida como “tempo da fartura” e, concomitantemente, “tempo da morosa”, uma referência à exploração e controle total da vida operária. Conforme Bernadete Ferreira, o operário que cruzasse os braços por alguns minutos ou demorasse no banheiro não recebia chicotada, mas tomava muito grito quando não era demitido. Aqui tem emprego e moradia, mas “escreveu não leu...”

O clima de feudo rural transportado para um espaço urbano tomava conta da vila. Tanto que, ao invés de presidente ou diretor, o fundador era chamado, tido e havido como “coronel Frederico” — de patente comprada, claro. Esse apogeu se prolongaria entre as décadas de 1960 e 1970, mas começou a degingolar justamente quando o coronel morreu, em fevereiro de 1946.

Com a patente de “comendador”, Arthur Lundgren assumiu o comando de tudo, virou primeiro prefeito em 1950 e reinou até 1962, ano em que veio a falecer. E, em 1983, após várias tentativas de socorro junto à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), quem morreu foi a fábrica. A população, acreditem, passou alguns anos de banzo, sem ouvir o apito da fábrica chamar o povo

para trabalhar.

Em franca decadência, a vila, que havia virado município em 6 de dezembro de 1956, mergulhou numa pindaíba que, se não fosse a prefeitura e as poucas atividades de economia alternativa, a cidade também teria se acabado. Era uma penúria ver um lugar de tanta produção, pompa e poder se transformar num lugar de aposentados e muitos dos filhos debandarem para João Pessoa e para o “sul maravilha” desse capitalismo de quintal.

O desastre social só não se consumou mesmo porque, em 2005, feito uma luz num fim de túnel, juntamente com Mamanguape, Rio Tinto ganhou um novo *campus* da UFPB. Um centro de ponta, precisamente de Ciências Aplicadas e Educação. Era uma espécie de resplendor. Não porque a população fosse ganhar dinheiro estudando, mas porque a economia gerada em torno e por causa do *campus* (principal-

mente a construção de prédios com apartamentos para alugar a professores, funcionários e estudantes) deu uma sacolejada no baixo-astral que a economia da cidade havia mergulhado.

Chega o povo respirou aliviado. Foi trágico, mas gerou e restou muita história. E estórias também. Entre elas, a de que os galegos pernambucanos de origem sueca teriam construído o famoso palacete da Aldeia de Monte-mor para abrigar/esconder o próprio Hitler, ao final da Segunda Guerra Mundial. Que Rio Tinto tinha um bocado de nazistas, não há como negar. Até porque vivia-se uma época em que onde havia alemães, havia partidários do nazismo.

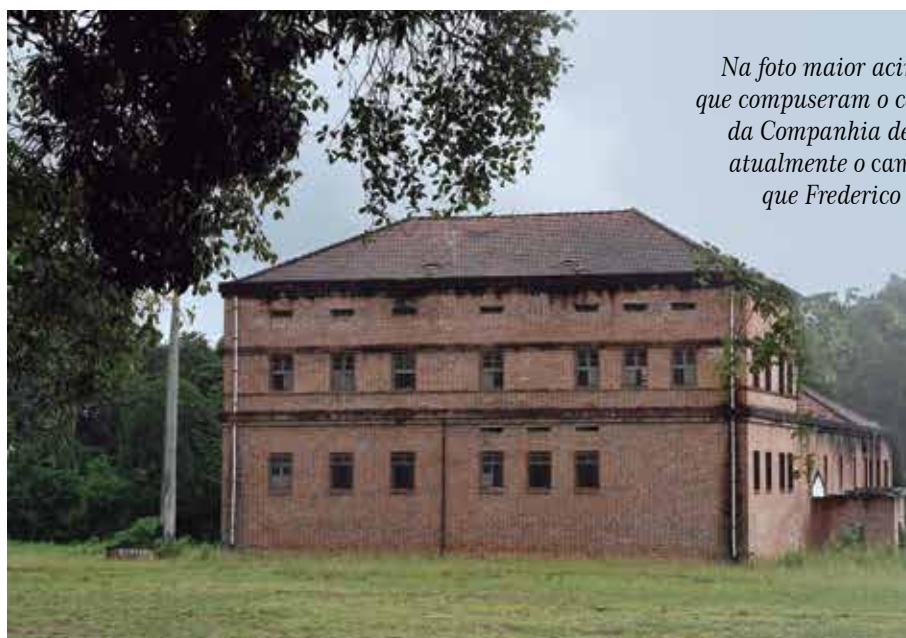
Agora, daí a dizer que Hitler vinha morar em Rio Tinto, aí já é demais. “Era só o que faltava...!”, costumava comentar o primeiro historiador a traçar a vida de Rio Tinto, João Batista Fernandes, o saudoso Batistinha.



Fotos: Arquivo digital Têxteis Fabris



Foto: Roberto Guedes



Na foto maior acima e nos registros à direita: edifícios, que compuseram o complexo industrial da fábrica matriz da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), integram atualmente o campus da UFPB; à esquerda, o palacete que Frederico Lundgren havia construído, em 1944

Eurípedes Gadelha

“Um grande jornalista, boa praça e amigo de todos”



Paraibano atuou nas redações de periódicos como **A União** e o **Correio da Paraíba**, além de ter sido correspondente internacional da agência de notícias **Western News Service (EUA)**

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Dinamismo, humildade e experiência foram algumas das qualidades atribuídas a Eurípedes Gadelha ao longo de sua trajetória, quer na imprensa paraibana — onde atuou como redator, editor e secretário de redação —, quer no serviço público de correspondências — no qual alcançou o cargo de diretor regional. Sua vida, interrompida precocemente, ressalta ainda mais o legado profissional e o humano, como relatam aqueles com quem conviveu.

Eurípedes Gadelha Galvão nasceu em 16 de maio de 1930, na então cidade da Parahyba, filho do militar José Gadelha de Melo e da sua esposa, Maria Galvão de Melo, da qual ficou órfão quando tinha apenas seis anos de idade. Estudioso dedicado, buscou conhecimento no Liceu Paraibano e formou-se no bacharelado em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), destacando-se também como forte liderança acadêmica.

A partir dessas atividades, aproximou-se da imprensa, integrando a equipe de jornalistas do *Correio da Paraíba*, fundado na década de 1950 por Teotônio Neto e sob a direção

de Afonso Pereira. Luiz Gonzaga Rodrigues conta que o conheceu por essa época, quando integravam a redação de **A União**, ao lado de nomes como Dorgival Terceiro Neto, José Ferreira Ramos, Malaquias Batista, Firmo Justino de Oliveira, Normando Filgueiras, Jurandir Barroso, sob a chefia do veterano Wilson Madruga.

“Eurípedes veio a se destacar e assumir a secretaria do jornal, o cargo mais importante àquela época, no âmbito redação. Revelou-se um executivo dos melhores, acessível às sugestões e de inegável liderança no meio jornalístico e largo prestígio social”, destaca o companheiro de redação, do qual tornou-se também grande amigo. Numa de suas crônicas, Gonzaga Rodrigues recorda a dispersão de atividades do companheiro, que se dedicava mais aos cuidados de gestão com a futura do jornal que ao labor redacional, pontuando algumas de suas características, como o hábito de pouco assinar as matérias.

“N’A **União** integrava-se ao grupo seletivo dos que escreviam ou complementavam o editorial com pequenos comentários, os famosos sueltos. Ele, Dirceu Arnaud — pai da romancista Marília —, Wilson Madruga, Jader Lessa e alguns novos mais ousados. Não curti a paixão literária tão viciosa no ambiente dos jornais. No máximo, um Aldous Huxley, de passagem”, relembra Gonzaga.

Discos voadores e pão

Outra peculiaridade mencionada por Gonzaga Rodrigues refere-se ao interesse de Eurípedes Gadelha por discos voadores e questões transcendentais vinculadas à tecnologia, como a transmissão do som das palavras e imagens

através do infinito, de modo a possibilitar sua captação por instrumentos ultrassensíveis. Nesse sentido, Arthur Gadelha reforça que o jornalismo praticado pelo pai era muito eclético: “Ele tanto falava de política quanto do cotidiano e também, por incrível que pareça, já naquela época, sobre objetos voadores não identificados. Era mais uma curiosidade, ele não era estudioso, mas vez ou outra ele voltava a tratar de alguma coisa a esse respeito”.

O jornalista Carlos Pereira contou, em entrevista para a seção *Memórias de A União*, que publicou pela primeira vez na capa do jornal seguindo orientações de Eurípedes: a tarefa era de entrevistar um menino pobre que passava pela redação, pedindo um pedaço de pão. “Gadelha ouviu, chegou perto e disse: ‘O que é que você quer, menino?’. ‘Eu queria comer, ou então ir pro céu, porque no céu não falta pão’. Meu Deus, eu me arrepiei e me arrepio ainda hoje. Gadelha disse: ‘Carlos, faça uma reportagem com esse menino’. Chamou o fotógrafo e disse: ‘Faça a reportagem’. O menino disse que estava o dia todinho sem comer. Não tinha pai, que havia abandonado a mãe, e ele não sabia pedir esmolas. Ele queria comer. Devia ter oito, nove anos. Gadelha botou na primeira página. Nesse dia Gadelha disse que eu estava promovido a redator. E eu fui realmente promovido”, recorda.

Carlos Pereira destaca, ainda, a elegância com a qual Gadelha se vestia, bem como a simpatia e educação para com todos. “Sabia cobrar sem gritar. Amigo e sempre pronto para ajudar os mais jovens. Ficou também conhecido como o homem da piteira — usava sempre com cigarro azeitado. Um grande jornalista, boa praça e amigo

de todos”, completou. Gadelha atuou também como correspondente internacional da *Western News Service*, agência noticiosa estadunidense.

Em crônica póstuma em homenagem a Gadelha, o também jornalista Juarez da Gama Batista (1927-1981) destacou as longas noites na redação, que denominava como segunda família, onde compartilhavam da missão e do convívio. “Não ria. Sorria de manso. Inteligente. Muitíssimo inteligente, tirando tudo de ouvido. Os olhos grandes, redondos, apagados, com um toque pesado de desilusão. Um olhar de pálpebras grossas, que de repente brilhava com uma pilhéria, um sentimento profundo do transitório, da vida como um eventual. O riso compassivo era o testemunho e a convicção da comédia humana”, descreveu.

Pensamento moderno

O jornalista Barroso Pontes (1918-2011) afirmou que Eurípedes Gadelha sabia conciliar a sua vida na imprensa com as atividades públicas, mesmo com a modesta posição que ocupava no corpo de funcionários do então Departamento de Correios e Telégrafos (DCT), onde ingressou por concurso público, em 1947. No órgão público, ascendeu ao posto de chefeia até ser no-

meado, em 1968, para o cargo de diretor regional.

À frente da instituição, Gadelha promoveu importantes inovações, como a implantação de um novo sistema de franqueamento com máquinas para diferentes tipos de correspondência e a introdução do *telex* em agências do estado. Defendeu a modernização estrutural dos Correios e a sua transformação em empresa pública, argumentando que nessa condição os serviços postais e telegráficos ganhavam em eficiência e qualidade.

“Com a inteligência aberta a todas as conquistas do pensamento moderno, era homem atualizado no domínio da cultura contemporânea, sabendo aliar os seus conhecimentos à execução de suas atividades práticas, no campo de uma empresa pública, em fase de reestruturação, à qual ele dava o melhor de sua capacidade funcional, com a dedicação ao trabalho que é a característica de todos os bons servidores”, ressaltou Pontes.

O professor Francelino Soares recorda que Gadelha foi seu diretor nos Correios e amigo, enfatizando traços de sua personalidade como gestor público. “Quando Eurípedes Gadelha veio a assumir os Correios, ele já tinha o nome consagrado na imprensa, mas fez uma excelente administração. Pri-

mou pela atenção dos servidores do mais baixo ao mais alto escalão. Não fazia diferença de cultura ou de função. Sempre tratava a todos bem. Era um diretor que circulava diariamente pelos corredores, ouvindo um e outro setor naquilo que precisava, suas sugestões, suas queixas, procurando solucioná-las. Daí porque a sua bem querência entre os seus subordinados, entre os quais eu me achava”, sublinha o professor.

Em casa, junto à esposa Yêda e aos quatro filhos, ou mesmo quando recebia os amigos, Eurípedes não perdia a chance de valorizar a arte e a cultura. “O divertimento dele era levar meus dois irmãos mais velhos, na época, para a biblioteca, para o teatro ou para o cinema. Quando queria presentear um filho, presenteava com um livro. Mesmo não tendo convivido muito com ele, porque eu era muito criança quando ele partiu, lembro-me muito das referências culturais dele, como quando Canhoto da Paraíba vinha fazer *show* e sempre se encontrava com meu pai, que ficava admirado”, relata Arthur Gadelha.

Foi no exercício de suas atividades profissionais, quando retornava de uma vistoria na cidade de Campina Grande, em 23 de maio de 1969, que um acidente ocorrido nas proximidades da cidade de Santa Rita, o vitimou fatalmente. Eurípedes Gadelha tinha apenas 39 anos de idade.

A tragédia gerou grande comoção na capital paraibana, especialmente entre seus subordinados e seus companheiros de imprensa. Em sua homenagem, a Câmara de Vereadores de João Pessoa deu o nome do jornalista a uma das vias da cidade, localizada no bairro Castelo Branco.

Tributo

Em sua homenagem, a Câmara de Vereadores de João Pessoa deu o nome de Gadelha a uma das vias da cidade, localizada no bairro Castelo Branco



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Quem produz e quem consome tanta notícia falsa?

Minha mãe tem 82 anos e mora no interior da Paraíba. Ela costuma manter-se informada pelas notícias que lê no *smartphone*. Há poucos dias, comentou comigo: “Só aparecem notícias falsas no meu celular”. E são muitas, viu? Desde a morte de algum cantor famoso, que ainda está vivo, até inúmeros relatos falsos envolvendo personagens do noticiário político, aparece de tudo um pouco.

Eventualmente, minha mãe me pergunta se essa ou aquela notícia é ou não verdadeira. Faço uma checagem rápida e, não raro, vem a resposta esperada: é mais uma notícia falsa. Discernir entre o que é “fato ou *fake*” não é algo difícil apenas para quem já cruzou a linha dos 70, 80 anos. Na verdade, tal tarefa tornou-se um desafio para todos nós, independentemente de idade.

Ah — alguém pode dizer —, mas para os jornalistas é mais fácil! Nem tanto, especialmente porque a tecnologia colabora muito para a produção de conteúdo com alto potencial de desinformação. A divulgação de conteúdos falsos criados com inteligência artificial (IA) no Brasil, aliás, mais do que triplicou de 2024 a 2025, o que representa um crescimento de 308%.

Os dados são de um estudo produzido pelo Observatório Lupa, que mapeia tendências, alvos e principais táticas de desinformação. Foram analisados, qualitativa e quantitativamente, 617 conteúdos verificados pela Agência Lupa em 2025, em comparação com os 839 de 2024.

Para se ter uma ideia do aumento expressivo do conteúdo falso no país, *deepfakes* e



No Instagram, o jornalista Octávio Guedes comenta sobre páginas de fofocas e influenciadores digitais receberem dinheiro para espalhar “notícias” falsas

outras peças de desinformação geradas com IA passaram de 39 casos em 2024 — número que representa 4,6% do total de checgagens feitas pela agência naquele ano — para 159 em 2025 (25% das verificações). Ou seja, houve um aumento de 120 casos.

O estudo ainda revela algo alarmante, sobretudo por estarmos em ano eleitoral: em 2024, o uso de IA era majoritário na criação de golpes digitais, como *deepfakes* de fa-

mosos fazendo propaganda de sites fraudulentos. A partir de 2025, porém, a tecnologia passou a ser empregada como arma política: quase 45% dos conteúdos com inteligência artificial tinham viés ideológico (o percentual era de 33% no ano anterior).

Mais de três quartos dos conteúdos com IA, que circularam em 2025, exploraram a imagem ou a voz de pessoas conhecidas, principalmente lideranças políticas. O le-

vantamento apontou conteúdos falsos direcionados ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao ex-presidente Jair Bolsonaro e ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF).

Para além do panorama da desinformação no Brasil, produzido pela Lupa, chama a atenção, mais recentemente, a quantidade de páginas de fofoca e de influenciadores digitais que recebem dinheiro para espalhar “notícias” falsas. Isso ficou mais evidente, por exemplo, quando vários perfis deixaram de divulgar o fim do relacionamento entre a atriz Paolla Oliveira e o cantor Diogo Nogueira para noticiar informações sobre o mercado financeiro... e com viés político.

O jornalista Octávio Guedes, da *GloboNews*, chegou a comentar o caso ao vivo, em janeiro, e também no Instagram. “Paolla Oliveira se separou de Diogo Nogueira, e a internet só falava de liquidação do Banco Master. Tinha alguma coisa errada...”.

O tema também foi abordado pelo jornalista Leonardo Vieira, em fevereiro de 2026, em artigo no site *Latam Journalism Review*. “As contas de fofoca brasileiras estão borrando a linha entre entretenimento e notícia, tornando-se um canal poderoso e pouco fiscalizado para a construção de imagens políticas antes das eleições no país”.

A produção de conteúdo falso e o fomento à desinformação precisam de um bastão: investir em letramento digital, regulamentar as redes sociais, valorizar o jornalismo profissional e estimular o consumo crítico de informações são medidas essenciais para o fortalecimento da democracia.

Tocando em Frente

O romantismo brega... e por que não? — III

Embora, hoje, pouco seja lembrado, o paraibano João Maurício da Costa (Santa Rita-PB, 1942-Bonito-PE, 2000), cognominado de Maurício Reis, em praticamente três décadas, dedicou-se ao estilo que o projetou, sobretudo no Nordeste, mas especificamente no vizinho estado de Pernambuco, tendo conquistado o seu lugar no chamado universo musical do romantismo brega.

Aos afeitos ao cultivo de nossa música popular brasileira, alguns hão de se lembrar de algumas das suas criações que — queiram ou não — fizeram relativo sucesso por quase três décadas, tendo nos deixado em seu currículo 27 álbuns (LPs e CDs).

Por essas coisas do destino, ao lado do seu tema preferido — o drama do amor não correspondido — Maurício Reis deixou-nos mais de uma gravação em que fala de acidentes de trânsito. A esse propósito, foi num acidente automobilístico que ele nos deixou.

É, especificamente, na música “Lenço manchado” (Isaias Sousa) que é narrada a estória de um acidente de carro. O Fiat Tempra era dirigido pelo seu filho, Maurício Júnior, que saiu ileso, quando regressavam de uma apresentação. O referido acidente aconteceu na rodovia BR-109, em Bonito, Pernambuco, na barragem do Rio Prata, numa noite do mês de julho, devido às fortes chuvas de uma noite invernos. Daí haver a crença popular de que Maurício Reis havia previsto e mesmo descrito a sua morte.



Paraibano natural de Santa Rita, o cantor também era conhecido como “O poeta do cravo branco”

Ele foi uma voz importante da música brega/romântica brasileira, tendo, por ocasião de sua passagem, sido decanta-

do como uma das vozes mais marcantes do estilo que ele interpretava. Desde criança, o artista havia deixado o uni-

versário paraibano de Santa Rita, localizado na Região Metropolitana de João Pessoa, indo residir no interior do Estado de Pernambuco, onde construiu a sua carreira e consolidou o seu nome artístico.

Dos seus discos, talvez o mais conhecido tenha sido *Fim de noivado*, lançado em 1973, cuja faixa “Verônica” tornou-se seu “cartão de apresentação”. É deste álbum a faixa “Lenço manchado” a que nos referimos.

Numa passagem pelo seu trabalho artístico, podemos citar alguns dos álbuns do artista paraibano: *Fim de noivado*, *O poeta do cravo branco*, *O romântico*, *A vida pelo seu amor*, *Pedido matrimonial*, *Aliança devolvida*, *Escravo do amor*, cujas alusões dizem bem das suas preferências temáticas.

Legado

Por quase três décadas de trajetória no universo musical do romantismo brega, Maurício Reis deixou em seu currículo 27 álbuns, entre vinis e CDs



LEAPMOTOR

Stellantis reafirma produção nacional

Representante da marca fora da China produzirá C10 neste ano e B10 em 2027

Marcus Celestino e
 Giovanna Riato
 Agência Estado

A Leapmotor chegou ao Brasil no fim de 2025 e pretende acelerar a participação. A Stellantis, que detém o controle da operação da marca fora da China, confirmou a produção local do C10, que inaugurou a gama da marca chinesa no Brasil, e anunciou que também fará o recém-lançado B10 no polo automotivo de Goiana, em Pernambuco.

A fábrica nordestina deve concentrar a produção de modelos híbridos com a tecnologia REEV. Nesse sistema, o motor a combustão funciona exclusivamente para alimentar a bateria. A tração do veículo é feita pelo propulsor elétrico.

A Stellantis revelou que nacionalizará a tecnologia em uma espécie de versão "ultra-híbrida flex", fazendo com que o motor 1.5 do C10 também passe a aceitar etanol. Vale frisar que o B10 terá uma opção com o mesmo sistema montado em Goiana.

A previsão é que o C10 REEV comece a ser feito no Brasil ainda neste ano. Já o B10 com a mesma tecnologia provavelmente ficará para 2027. As variantes BEV (modelos 100% elétricos) dos dois modelos, por ora, seguirão importadas da China.

Além dos carros feitos no Brasil, a companhia anunciou que vai lançar no país o C16. O utilitário esportivo chega em 2027 para acirrar a disputa na ainda pouco explorado segmento de carros de seis lugares, brigando com o contêrrâneo GWM Wey 07, por exemplo.

O C16 tem 4,91 m de comprimento, 1,90 m de largura, 1,77 m de altura e 2,82 m de

entre-eixos. O SUV tem versão puramente elétrica, com propulsor de 299 cv e 36,7 kgfm. Há ainda opção REEV com autonomia total que, segundo a Leapmotor, passa dos mil km.

Quarta marca

Atualmente, o polo automotivo de Goiana já produz carros de três marcas. Lá são fabricados modelos da Jeep (Renegade, Compass e Commander), Fiat (Toro) e Ram (Rampage). Com isso, a Leapmotor será a quarta marca do grupo a contar com veículos *made in* Pernambuco.

A empresa já confirmou que vai usar a tecnologia REEV em carros de outras marcas. É possível, portanto, que em breve modelos Jeep, Fiat e Ram que saem da mesma unidade fabril ganhem versões elétricas de autonomia estendida.

O que é um REEV?

Ao contrário de um híbrido tradicional, em um veículo REEV, há um extensor de alcance (Range Extender) e o motor elétrico é o único responsável por tracionar as rodas e, por consequência, mover o carro. O propulsor a combustão atua como uma espécie de gerador, que recarrega a bateria.

Esta tecnologia é vista como solução estratégica para oferecer carros com "sensação de elétrico", mas com preços mais acessíveis que os veículos 100% elétricos. Isso sem a "ansiedade de autonomia", já que o motorista pode simplesmente abastecer com gasolina para continuar gerando energia.

B10

O Leapmotor B10 começa a chegar às concessionárias

da marca chinesa do grupo Stellantis ainda neste mês. O SUV elétrico, que estava em pré-venda por R\$ 172.990, agora tem preço sugerido de R\$ 182.990 — ou R\$ 175.990 com usado na troca.

O segundo lançamento da marca chinesa (após o C10) traz a mesma central multimídia com tela de 14,6 polegadas do modelo mais caro (que parte de R\$ 204.990). O B10, contudo, já chega com a interface que permite o espelhamento com Android Auto e Apple CarPlay sem a necessidade de fios — recurso que era a principal crítica ao C10 no lançamento.

A lista de equipamentos de série inclui carregador de *smartphone* por indução, ar-condicionado digital, rodas de liga leve de 18 polegadas, teto panorâmico Sky View, faróis *full* LED e bancos com revestimento de couro sintético.

Em termos de segurança, o B10 oferece sete *airbags* e pacote Adas (de assistentes de condução, na sigla em inglês) que compreende controle de cruzeiro adaptativo e assistente de permanência em faixa.

Embora classificado como um SUV médio, o

Leapmotor B10 tem porte ligeiramente inferior ao do C10. São 4,51 m de comprimento, 1,88 m de largura, 1,65 m de altura e 2,74 m de entre-eixos. O porta-malas tem capacidade para 365 litros. Com essas dimensões, o modelo chega para rivalizar diretamente com o BYD Yuan Plus, Toyota Corolla Cross, Omoda E5 e Volvo EX30.

Como comparação, o Omoda E5 tem 4,42 m de comprimento e 2,63 m de entre-eixos, enquanto o BYD Yuan Plus mede 4,45 m de comprimento e tem entre-eixos de 2,72 m.

O Leapmotor B10 é equipado com um motor elétrico traseiro de 218 cv de potência e 24,5 kgfm de torque. A bateria tem capacidade de 56,2 kWh, garantindo autonomia de 288 km de acordo com o padrão PBEV do Inmetro.

Quanto ao carregamento, o modelo suporta 11 kW em estações AC. Em *wallbox* doméstico, a bateria leva 6 horas e 48 minutos para ir de 5% a 100%. Já em carregadores rápidos (DC), o B10 precisa de apenas 16 minutos para recuperar de 30% a 80% da carga.

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Ave que representa o nº 20 do Jogo do Bicho (2) = peru + aqui (1) = cá. **Solução:** cabeleira postiça (3) = peruca.

Charada de hoje: O grande roedor noturno (2), bastante conhecido no município metropolitano de São Paulo (2), foi visto do grande estádio futebolístico (4) da capital.



Ilustração: Bruno Chiossi

Eita!!!!

Um ano sem Vargas Llosa

Amanhã completa um ano da morte do escritor Mario Vargas Llosa (foto acima). Ao lado de Gabriel García Márquez e Julio Cortázar, Llosa é um dos principais nomes do "boom latino-americano", movimento literário que deu maior destaque para a literatura feita nas Américas. Entre suas principais obras, estão *Travessuras da menina má* (2006), *A guerra do fim do mundo* (1981) e (2009). Ele nasceu no dia 28 de março de 1936, em Arequipa, no Peru. Confira algumas curiosidades sobre um dos mais importantes autores da sua geração.

Nobel da Literatura

Em 2010, o escritor peruano foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. "Não pensava que estaria nem entre os candidatos", brincou Llosa, em entrevista à rádio colombiana RCN. "Por mim, vou seguir trabalhando com um sentimento de responsabilidade, como sempre fiz. Defendendo coisas que são fundamentais para o Peru, para a América Latina e o mundo". O escritor era o único latino-americano a ganhar o prestigiado prêmio literário quando ainda estava vivo.

Bibliófilo e quase presidente

O escritor foi candidato a presidente do Peru em 1990. Apesar de aparecer como favorito nas pesquisas, foi derrotado no segundo turno por Alberto Fujimori. Essa experiência foi contada no livro *O peixe na água*. Verdadeiro amante da literatura, a biblioteca Llosa, em Arequipa, já recebeu mais de 30 mil livros doados pelo escritor, de seu próprio acervo.

Briga com outro Nobel de Literatura

Em 1976, Vargas Llosa golpeou Gabriel García Márquez no rosto durante uma sessão de cinema, na Cidade do México. Desde então, o motivo da briga que acabou com a amizade dos dois escritores se tornou um mistério que, aparentemente, iria para o túmulo dos ex-amigos. Mas, em 2017, durante um colóquio na Universidade Complutense de Madrid, Llosa revelou que o motivo da repentina discórdia com Gabo era fruto de suas diferentes posições políticas. "[García Márquez] tinha um sentido prático da vida e sabia que era melhor estar com Cuba do que contra Cuba. Assim, se livrou do banho de sujeira que caiu sobre aqueles que eram críticos à evolução da revolução, mais socialista e liberal, para o comunismo", criticou.

Imersão no universo de Canudos

O livro *A guerra do fim do mundo* foi inspirado em Os sertões, de Euclides da Cunha, e envolveu uma pesquisa profunda, na qual o escritor viajou para o Sertão da Bahia e de Sergipe: "Peregrinei por todas as vilas onde, segundo a lenda, o Conselheiro pregou", escreve ele, "e nelas ouvi os moradores discutindo arduamente sobre Canudos, como se os canhões ainda trocasses no reduto rebelde e o Apocalipse pudesse acontecer a qualquer momento naqueles desertos salpicados de árvores sem folhas, cheias de espinhos".

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - triângulo; 2 - costeira; 3 - sanfona; 4 - calça; 5 - blusa; 6 - pandeiro; 7 - bandeira; 8 - chapéu; 9 - lua.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

